

ESCOLA DE HUMANIDADES  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA  
MESTRADO EM TEOLOGIA

PATRÍCIA ESPÍNDOLA DE LIMA TEIXEIRA

**A FORMAÇÃO INTEGRAL DA PESSOA EM EDITH STEIN:  
PERSPECTIVAS TEOLÓGICAS E PEDAGÓGICAS**

Orientador: Prof. Dr. Leomar Antônio Brustolin

Porto Alegre  
2017

PÓS-GRADUAÇÃO - STRICTO SENSU



Pontifícia Universidade Católica  
do Rio Grande do Sul

**PATRÍCIA ESPÍNDOLA DE LIMA TEIXEIRA**

**A FORMAÇÃO INTEGRAL DA PESSOA EM EDITH STEIN:  
PERSPECTIVAS TEOLÓGICAS E PEDAGÓGICAS**

Dissertação de Mestrado apresentada como requisito para obtenção do grau de Mestre ao Programa de Pós-Graduação em Teologia, na Escola de Humanidades, da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Linha de Pesquisa: Teologia, Experiência Religiosa e Pastoral.

Orientador: Prof. Dr. Leomar Antônio Brustolin

Porto Alegre  
2017

## Ficha Catalográfica

T266 Teixeira, Patrícia Espíndola de Lima

A formação integral da pessoa em Edith Stein : perspectivas teológicas e pedagógicas / Patrícia Espíndola de Lima  
Teixeira . – 2017.

148 f.

Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Teologia, PUCRS.

Orientador: Prof. Dr. Leomar Antônio Brustolin.

1. Edith Stein. 2. Antropologia Teológica. 3. Formação Humana. 4. Pedagogia. I. Brustolin, Leomar Antônio. II. Título.

**PATRÍCIA ESPÍNDOLA DE LIMA TEIXEIRA**

**A FORMAÇÃO INTEGRAL DA PESSOA EM EDITH STEIN:  
PERSPECTIVAS TEOLÓGICAS E PEDAGÓGICAS**

Dissertação de Mestrado apresentada como requisito para obtenção do grau de Mestre ao Programa de Pós-Graduação em Teologia, na Escola de Humanidades, da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, na Área de Concentração em Teologia Sistemática.

Aprovada em 24 de agosto de 2017, pela Comissão Examinadora.

COMISSÃO EXAMINADORA

---

Prof. Dr. Leomar Antônio Brustolin – PPG Teologia/PUCRS  
(Orientador)

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Edla Eggert – PPG Educação e Teologia/PUCRS

---

Prof. Dr. Miguel Mahfoud – PPG Psicologia/UFGM

Porto Alegre  
2017

## AGRADECIMENTOS

Nenhum saber se constrói sem apoiar-se em outros saberes. Nenhuma pessoa se constitui sem a tessitura de outras vidas. O itinerário dessa pesquisa iniciou na inquietação de uma jovem que encontrou o sentido da vida (ou foi encontrada?) no seio da Igreja Católica. Tão apaixonada pelo ensino e pela pessoa humana, se fez peregrina entre a Pedagogia e a Psicopedagogia. O fato é que a paixão pelo aprender era (e é) ainda maior do que a de ensinar. Por isso, com maior maturidade foi preciso transcender e chegar à Teologia. Assim, eu aqui agradeço por tanto e por tantos!

Gratidão imensa à Igreja presente na Arquidiocese de Porto Alegre, ao qual sou filha, nas paróquias, serviços, pastorais, comunidades, movimentos e comissões dos quais fiz e faço parte. Ressalto o valor do convívio e oportunidades em partilhar o ser e o saber, tanto com a vida leiga, quanto com a vida consagrada. Sobretudo, quantas amigas foram construídas e seladas no testemunho do peregrinar. O bem e o amparo que me trazem é inestimável! Tem valor de eternidade!

Igualmente agradeço às instituições/redes educacionais em que fui aluna, e também àquelas em que exerci/exerço a prática pedagógica. Todas me formaram e me formam. Aos meus professores, diretores, aos valiosos colegas de profissão e principalmente, aos meus prezados alunos e suas famílias.

Agradeço a PUCRS, ao PPG em Teologia, aos professores que permitiram a dialógica entre os meus saberes prévios com as novidades que me instigavam. Merecem especial agradecimento, meus colegas de curso: como me auxiliaram a trilhar a teologia de modo tão significativo! O vínculo que formamos, fez desse período, um momento precioso.

Saliento, minha gratidão ao coordenador do referido programa, Prof. Dr. Leomar Antônio Brustolin, meu orientador, a quem admiro pela generosidade do saber compartilhado, pelo zelo dedicado à minha pesquisa, pela acolhida e investimento no meu conhecimento (e missão) e por aceitar “o novo”, favorecendo a construção dessa temática pouco pesquisada e conhecida no RS.

Agradeço aos pesquisadores e grupos de estudos steinianos no Brasil, pelo esforço na produção bibliográfica e retidão ao exercício da pesquisa. Estudar uma autora alemã,

praticamente sem tradução em língua portuguesa, só foi possível através dessa rede de apoio. Foram muito efetivos para que eu conseguisse concluir esse texto. Assim, agradeço também à comissão examinadora dessa dissertação: sinto-me honrada por tão qualificada contribuição ao meu trabalho.

Sou grata, infinitamente grata, aos teólogos: Pe. Talis Pagot, a quem devo a profunda amizade, o estímulo ao retorno à vida acadêmica e a reciprocidade do saber na área da antropologia teológica e Pe. Lucas Mendes, meu abrigo e amparo espiritual; às psicólogas: Silvana Kloeckner Guimarães e Marina Lunardelli, pelo respeito uníssono à formação integral da pessoa humana; aos músicos: Michelle Girardi e Eduardo Lorenzetti, por dividirmos a sensibilidade e o anseio do cultivo da beleza litúrgica; às pedagogas: Graziella Souza e Rúbia Borges, com quem compartilho as alegrias e desafios da pesquisa pedagógica: quantos saberes construímos, desconstruímos e reconstruímos juntas; aos filósofos steinianos: Prof. Moisés Rocha Farias (com seu coração carmelita, do interior do Ceará me “adotou” por aluna) e Profª Maria Cecília Parise, pela inspiração e disponibilidade em me ensinar: vocês fazem do conhecimento um dom, uma prática transcendente e me alcançaram!

Agradeço à toda a minha família, minha primeira formadora, sobretudo aos meus pais, Evanesa e Wilson, e meu irmão, Jefferson. À minha família ampliada que congrega inclusive, amigos de toda uma vida. E muitíssimo agradeço ao meu porto seguro, minha tão amorosa família: meu esposo, Humberto e meus filhos, Douglas e João Pedro. Muito obrigada por serem quem são na minha vida. Obrigada por permitirem tempo, espaço e recursos para essa conquista que não é pessoal, é nossa.

Não só minha gratidão, mas minha devoção, à autora com quem tenho me relacionado nesses últimos dois anos quase como um *alter-ego*: Edith Stein. Tornou-se uma amiga próxima, vivendo em outros tempos, mas com aspirações tão semelhantes às minhas, gerou imediata empatia em mim. Quisera eu alcançar o rigor técnico e bem eterno que alcançaste, Edith!

Por fim, minha Gênese, Sentido e Fim, minha Sede e Saciedade, Fonte do meu saber e da minha fé, agradeço infinitamente ao bom Deus: Eis aqui, o singelo fruto da minha vocação.

*Quem és tu, doce luz,  
que me inunda e  
ilumina a noite do meu coração?  
Tu me guias com a tua mão maternal.  
Se me deixas, não poderei avançar mais,  
nem sequer um único passo.  
És o espaço que envolve todo o meu ser  
e no qual tu te ocultas.  
Se me abandonas, caio no abismo do nada,  
de onde me chamaste à vida.  
Estás mais próximo de mim do que eu próprio,  
mais íntimo que o meu próprio íntimo.*

(STEIN, 2003, p. 769)

*Prezado Professor, sou sobrevivente de um campo de concentração. Meus olhos viram o que nenhum homem deveria ver. Câmaras de gás construídas por engenheiros formados. Crianças envenenadas por médicos diplomados. Recém-nascidos mortos por enfermeiras treinadas. Mulheres e bebês fuzilados e queimados por graduados de colégios e universidades. Assim tenho minhas suspeitas sobre a Educação. Meu pedido é: ajude seus alunos a tornarem-se humanos. Seus esforços nunca deverão produzir monstros treinados ou psicopatas hábeis. Ler, escrever e saber aritmética só são importantes se fizerem nossas crianças mais humanas. - Texto encontrado em um campo de concentração, após a Segunda Guerra Mundial.*

(PREZADO, [194-])

*Mas nenhuma sombra de erro pode eliminar totalmente do homem a luz de Deus Criador. Nas profundezas do seu coração, permanece sempre a nostalgia da verdade absoluta e a sede de chegar à plenitude do seu conhecimento. Prova-o, de modo eloquente, a incansável pesquisa do homem em todas as áreas e setores. Demonstra-o ainda mais a sua busca do sentido da vida. O progresso da ciência e da técnica, esplêndido testemunho da capacidade da inteligência e da tenacidade dos homens, não dispensa a humanidade de pôr-se as questões religiosas últimas, mas antes, estimula-a a enfrentar as lutas mais dolorosas e decisivas, que são as do coração e da consciência moral.*

(JOÃO PAULO II, 1993)

*Se ao progresso técnico não corresponde um progresso na formação ética do homem, no crescimento do homem interior, então não é um progresso, mas uma ameaça para o homem e para o mundo.*

(BENTO XVI, 2007)

*Vocês não estão sozinhos. A estrada é longa, mas olhem para a frente. Não deixem que os roubem a esperança. Mas digo também, não roubemos a esperança. Sejamos portadores de esperança.*

(PAPA FRANCISCO, 2013)

## RESUMO

A presente pesquisa propõe-se a realizar um diálogo entre Educação e Teologia, a fim de compreender a antropologia como diretriz pedagógica para a formação da pessoa humana. Para isso, analisa os registros bibliográficos da filósofa alemã, Edith Stein (1891-1942), sobretudo em sua obra “A Estrutura da Pessoa Humana” - *Der Aufbau der menschlichen Person*. As contribuições steinianas ao campo educativo partem dos estudos em fenomenologia articulados com a antropologia filosófico-teológica que desenvolve. A obra de Edith Stein enfatiza a integralidade da pessoa como corpo-psique-espírito. Ressaltando a importância da personalidade multidisciplinar da filósofa, o texto parte do híbrido vida e obra da autora, segue em sua concepção de formação e de encontro com o sentido do gesto de educar “*desde dentro*” e completa-se com a análise da pessoa humana sob a ótica da revelação cristã. Conclusivamente, Edith Stein aponta para a base antropológica como primazia de toda a atividade formativa, identificando a totalidade, a unicidade e a irrepetibilidade com que cada pessoa é constituída e invocada a uma vida de reciprocidade com o outro, através da relação empática. Como maior esfera formativa, a pedagogia steiniana ressalta a graça divina como força que vem ao encontro da natureza humana.

**Palavras-chaves:** Edith Stein. Antropologia Teológica. Formação Humana. Pedagogia.

## ABSTRACT

A present research proposes to carry a dialogue between Education and Theology and to comprehend anthropology as a pedagogical guideline to form of the human person. In order to achieve this, it analyzes the bibliographic records of the German philosopher, Edith Stein (1891-1942), especially in her work "The Structure of the Human Person" - *Der Aufbau der menschlichen Person*. As Stein's contributions to the educational field, they start from studies in phenomenology articulated with development on philosophical-theological anthropology. Edith Stein's work emphasizes the completeness of the person as body-psyche-spirit. Emphasizing the importance of the philosopher's multidisciplinary personality, the text is part of a hybrid from the author's both life and work, follows in its concept of formation and encounters with the sense of educating "from within", and completes with the analysis of the human person from the perspective of Christian revelation. Conclusively, Edith Stein points to the anthropological basis as the primacy to all formative activity, identifying totality, uniqueness and unrepeatability with which each person is constituted and invoked to a life of reciprocity with the other, through the empathic relationship. As a major formative sphere, Stein's pedagogy emphasizes divine grace as the force that comes to meet human nature.

**Keywords:** Edith Stein. Theological Anthropology. Human Formation. Pedagogy.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>12</b>
<b>1 EDITH STEIN: UMA FIGURA MULTIDISCIPLINAR .....</b>	<b>17</b>
1.1 EDITH THERESA HEDWING STEIN .....	17
1.2 A FENOMENOLOGIA STEINIANA.....	23
1.3 UMA ANTROPOLOGIA DA UNIDADE E DA TOTALIDADE .....	26
1.4 O DIÁLOGO ENTRE A FENOMENOLOGIA E A FILOSOFIA TOMISTA .....	29
1.5 A ANTROPOLOGIA TEOLÓGICA DE STEIN .....	31
1.6 A PERSPECTIVA MÍSTICA DA REFLEXÃO FILOSÓFICO-TEOLÓGICA.....	35
1.7 A VISÃO EDUCATIVA DE EDITH STEIN .....	38
1.8 A ANTROPOLOGIA COMO DIRETRIZ PEDAGÓGICA.....	41
1.9 EDITH: MÁRTIR DA VERDADE E DO AMOR.....	47
<b>2 A FORMAÇÃO HUMANA EM EDITH STEIN – O SENTIDO DE SER PESSOA .....</b>	<b>51</b>
2.1 O SENTIDO DA CORPOREIDADE HUMANA .....	56
2.2 A RELAÇÃO ENTRE PSIQUE E ALMA .....	60
2.3 A ESPECIFICIDADE HUMANA: O SER ESPIRITUAL.....	63
2.4 A ESSÊNCIA DA PESSOA: SEU NÚCLEO ORIGINAL .....	67
2.5 O HUMANO ENRAIZADO NO DIVINO.....	69
2.6 A CONSTITUIÇÃO DO INTELECTO.....	73
2.7 O PROCESSO ESTRUTURANTE DA PESSOA: LIBERDADE, RESPONSABILIDADE, CONSCIÊNCIA E VONTADE .....	75
2.8 A ESFERA AFETIVA .....	77
2.9 A RELAÇÃO ENTRE VALORES E CARÁTER .....	80
2.10 A CONSTRUÇÃO PESSOAL: TORNAR-SE SI MESMO .....	85
2.11 A PEDAGOGIA EMPÁTICA .....	89
2.12 A VIDA COMUNITÁRIA E SUAS IMPLICAÇÕES NO PROCESSO FORMATIVO.....	94
<b>3 A PESSOA HUMANA À LUZ DA REVELAÇÃO CRISTÃ .....</b>	<b>99</b>
3.1 A CONFIGURAÇÃO COM A PESSOA DE JESUS CRISTO.....	103
3.2 O ENCONTRO COM DEUS NA INTERIORIDADE HUMANA.....	112
3.3 A VOCAÇÃO DA PESSOA AO AMOR: O DOM DE SI .....	116
3.4 O CASTELO INTERIOR, UMA PEDAGOGIA MÍSTICA.....	119
3.5 A CRUZ COMO CIÊNCIA.....	124
3.6 POR UMA EDUCAÇÃO EUCARÍSTICA.....	126
3.7 A FORMAÇÃO RELIGIOSA .....	130

**CONCLUSÃO ..... 134**

**REFERÊNCIAS..... 140**

## INTRODUÇÃO

A contemporaneidade tem apresentado contextos complexos e paradoxais. Vivemos uma mudança de época que gera instabilidade própria em vários cenários, dentre eles, o campo educacional. O tema “educação” recorrentemente figura entre as principais metas de edificação e qualidade de vida humana. Para além da escolarização, educação é um termo amplo, visto em seus aspectos de formação da consciência e da prática ética e cidadã. Como instância formativa, a educação engloba as diferentes instituições que contribuem com a estruturação da pessoa.

No âmbito da sociedade, a educação encontra-se como um dos fatores analisados pelo índice de desenvolvimento humano, considerado um dos componentes importantes ao crescimento, ao bem-estar e alavanca acadêmica, social e econômica.

No âmbito individual, a educação configura como importante conquista pessoal: desenvolvimento da autoria de pensamento, aquisição da autonomia psicocognitiva, autoafirmação intrapsíquica e comunitária, sentido de pertença ao universo cultural, qualificação e aperfeiçoamento do conhecimento, regulação da autoestima, obtenção de habilidades e percepção da competência do saber.

A UNESCO, a partir da Comissão Internacional da Educação para o Século XXI, coordenada por Jacques Delors, aponta para “Os quatro pilares da Educação”, direcionando o processo educativo com implicações não só na formação do conhecer e do fazer, mas também do conviver e, principalmente, do ser. Aprender a ser, segundo o relatório da comissão, integra todos os saberes anteriores.<sup>1</sup> Por isso, torna-se relevante um estudo mais direcionado ao dado ontológico, ressaltando a pedagogia do ser. Perceber que as condições e as conjunturas variáveis de nossa época, alcançam e marcam os espaços educacionais e cada ser humano em si e seu percurso formativo, leva-nos a repensar a base antropológica que o sustenta.

Diante da pluralidade pedagógica, nos deparamos, por vezes, com a cultura do aparente, relativo e ocasional, subtraída do que, de fato, é essencial à edificação da vida. Se

---

<sup>1</sup> UNESCO. *Educação: um tesouro a descobrir*. Brasília, 2010. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0010/001095/109590por.pdf>>. Acesso em: 15 jun. 2017.

por um lado há um mosaico de paradigmas formativos, por outro, é possível inferir que diante da realidade, o ser humano vem apresentando-se dividido em si mesmo e dividido em relação à vida comunitária.

Além disso, a atualidade traz uma atmosfera de dúvida quanto ao valor do humano e da própria existência do bem e da verdade, como alerta o Papa Bento XVI ao posicionar-se sobre a tarefa urgente da formação das novas gerações.<sup>2</sup> Na mesma linha, está a sinalização feita pelo Papa Francisco, em sua exortação apostólica “*Evangelii Gaudium*” ao dizer que: “algumas realidades hodiernas, se não encontrarem boas soluções, podem desencadear processos de desumanização tais que será difícil depois retroceder”.<sup>3</sup> Francisco versa, também, sobre os processos de crescimento humano e afirma: “faz falta uma pedagogia que introduza a pessoa passo a passo até chegar à plena apropriação do mistério”.<sup>4</sup>

Tais sinalizações tornam-se relevantes, haja vista o grande número de pessoas que, indiferente ao grau de escolarização, buscam o sentido de vida, vivem nas periferias existenciais, somatizam sintomas de instabilidade e doenças psíquicas, fecham-se na autorreferencialidade, entendem a religiosidade como elemento privativo, fomentam a intolerância social, dentre tantas outras questões existenciais.

A análise exposta impele-nos a redescobrir a educação e as essências da formação humana que atinja a pessoa em sua inteireza. A presente dissertação pretende repensar a gênese do gesto educativo: Qual visão de ser humano delineamos no processo formativo? Com qual propósito? Para que se contribua com que tipo de sociedade? Sobretudo, delimitando o problema em resumo às demais interrogativas, na seguinte questão: Como formar a pessoa humana configurada como um ser integral, empático e com abertura ao transcendente?

Para descobrir possíveis respostas a esse questionamento, a pesquisa aprofunda uma pedagogia que aponte para a condução da pessoa ao que, de fato, ela é e ao que é chamada

<sup>2</sup> Carta publicada no Vaticano em 21 de Janeiro de 2008: “Na realidade, estão em questão não só as responsabilidades pessoais dos adultos ou dos jovens, que contudo existem e não devem ser escondidas, mas também uma atmosfera difundida, uma mentalidade e uma forma de cultura que fazem duvidar do valor da pessoa humana, do próprio significado da verdade e do bem, em síntese, da bondade da vida”. (BENTO XVI. *Carta do papa Bento XVI à diocese e à cidade de Roma sobre a tarefa urgente da formação das novas gerações*. 2008. Disponível em: <[w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/letters/2008/documents/hf\\_ben-xvi\\_let\\_20080121\\_educazione.html](http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/letters/2008/documents/hf_ben-xvi_let_20080121_educazione.html)>. Acesso em: 01 jun. 2017.).

<sup>3</sup> PAPA FRANCISCO. *Exortação Apostólica Evangelii Gaudium*. São Paulo: Paulinas, 2013. p. 46.

<sup>4</sup> PAPA FRANCISCO. *Exortação Apostólica Evangelii Gaudium*. São Paulo: Paulinas, 2013. p. 141. O Papa Francisco recorda nessa citação, o Papa João Paulo II, na sua Exortação pós-sinodal “*Ecclesia in Asia*”.

a ser, que ampare sua integralidade e garanta o sentido para uma vida com qualidade e plenitude. Para isso, o texto ocupa-se do viés pedagógico em interface com a antropologia teológica.

Buscando entender o fenômeno humano e o papel educativo em sua formação, optou-se pelo diálogo entre a antropologia teológica e a pedagogia, justamente por contribuir com conceitos que transcendem ao tangível, apontando para algo/Alguém maior que si próprio e para o sentido correlativo da formação: a pessoa é capaz de comunhão consigo mesmo, inserção e contribuição comunitária, abertura à transcendência e ao sentido de eternidade.

Com essa conjugação, a pesquisa delimita-se pelo estudo dos escritos antropológicos e pedagógicos da filósofa fenomenóloga alemã, Edith Stein (1891-1942). Com ascendência judaica, Stein, em meio à importante produtividade intelectual, converteu-se ao catolicismo, tornando-se posteriormente mística carmelita, declarada santa e mártir da Igreja Católica.

Sua obra desenvolve-se no período entre guerras, fato que, aliado ao rigor acadêmico, carrega o questionamento social articulado à ontologia do ser e profundo anseio do encontro com a verdade e o sentido. Mesmo com sua vida abreviada pela perseguição nazista que ocasionou sua vitimização em Auschwitz, Edith Stein apresenta como legado um acervo com centenas de escritos entre livros, conferências, cartas, cursos, resenhas, artigos, apêndices e estudos.

Metodologicamente, a pesquisa desenvolve a sistematização bibliográfica-analítica a partir da obra a “Estrutura da Pessoa Humana” (*Der Aufbau der menschlichen Person*)<sup>5</sup>, na qual a autora articula seu paradigma antropológico como fundamento para a Pedagogia, buscando interrogar, explorar, conhecer e analisar as contribuições steinianas acerca do problema. Consultou-se, também, demais escritos da autora, acentuando os argumentos apresentados na bibliografia central, com o interesse de clarear ainda mais os conceitos e o pensamento de Stein.

A obra de Edith Stein traduzida para a língua portuguesa ainda é escassa. Por isso, optou-se em consultar a bibliografia steiniana predominantemente em espanhol, com

---

<sup>5</sup> A obra *Der Aufbau der menschlichen Person* não encontra-se traduzida ao português. De modo geral, os pesquisadores steinianos no Brasil, tem traduzido seu título como “*Estrutura da Pessoa Humana*” conforme as traduções espanhola e italiana.

referência ao seu título original em alemão. Assim, também, se fez com os principais vocábulos que ancoram os conceitos desenvolvidos pela autora. Para garantir a coerência da tradução dos vocábulos em língua portuguesa, o estudo fundamentou-se nas traduções de grupos de pesquisas steinianos brasileiros, com publicações bibliográficas mencionadas nas referências deste trabalho.

Para articular uma resposta à pergunta norteadora da pesquisa, propõe-se três capítulos nesta dissertação. O primeiro apresenta o percurso de vida de Edith Stein e a multidisciplinaridade do seu pensamento. Aborda a infância na tradição judaica, seus primeiros passos acadêmicos, sobretudo como orientanda de Edmund Husserl e participante da gênese do movimento fenomenológico. Discorre sobre o itinerário de sua antropologia filosófica-teológica, sua visão pedagógica e perspectiva mística. Encerra-se com a dramática de sua morte e as decorrências de seu martírio.

O segundo investiga a antropologia steiniana como diretriz para a pedagogia. A coluna norteadora do texto desenvolve a formação humana em Edith Stein e o sentido de ser pessoa. Para isso, explicita a ótica integral na qual a pessoa conjuga a tripartição corpo-psique-espírito, em suas características singulares e inter-relacionais. Dentre os aspectos estruturantes do ser, o capítulo também ressalta as esferas formativas e o teocentrismo steiniano, que aponta para a pessoa humana enraizada no mistério divino.

O terceiro refere-se à primazia da obra steiniana, em que a pessoa humana é estruturada a partir da revelação cristã. Edith Stein percebe o ser humano como finito e eterno e o gesto educativo como aliança entre natureza e graça. Em seu horizonte de sentido, há a configuração da pessoa a Jesus Cristo e a vocação de todo ser ao amor. Para alcançar esse objetivo, Edith Stein aponta para a presença divina na interioridade humana e para a significância de uma educação eucarística e a formação religiosa.

Diante do contexto conflitivo de seu tempo, Edith Stein percorreu diferentes campos do saber para responder suas interrogativas sobre a estruturação da pessoa humana enquanto singularidade e comunidade. Suas reflexões e seus argumentos demonstraram solidez em responder, também, as questões do tempo presente, sobretudo no âmbito educacional. Cada época traz suas luzes e sombras, mas com desafios antropológicos e pedagógicos semelhantes.

A pedagogia steiniana é cunhada na integralidade da pessoa humana e no próprio desenvolvimento do conceito de pessoa, apresenta, assim, importante envergadura na dialógica entre ontologia e empatia, humano e divino, interioridade e exterioridade, finitude e eternidade e, certamente, contribui para a formação não somente do tangível, mas, sobretudo e principalmente, permitindo a abertura ao transcendente.

## 1 EDITH STEIN: UMA FIGURA MULTIDISCIPLINAR

A biografia da filósofa alemã Edith Stein sintetiza a dramática da condição humana e social vivenciada na primeira metade do século XX. Sua pesquisa tomou corpo no período entre guerras e somente esse dado encerraria em si a complexidade de seu tempo. Porém, aliada a uma biografia densa, abreviada pelos horrores da Segunda Guerra, Stein figura como um expoente de importante rigor intelectual e sensibilidade perceptiva. Como mulher, convive com a limitação de atuação na área acadêmica precisamente por sua feminilidade. Judia, torna-se vítima da ascensão do nacional-socialismo alemão em 1933. Convertida ao catolicismo, com seu posterior ingresso na Ordem Carmelita, assume o nome de Teresa Benedita da Cruz. Martirizada em Auschwitz, sua oferta de vida aponta para a harmonia coerente entre seu pensamento e sua história vital. Entre o que pesquisa, ensina e vive, há uma sólida integração resistente a todo tipo de segmentação e descentralização do ser e das potências humanas. Stein surge, assim, como uma figura multidisciplinar. Sua totalidade e complexidade aliam intelectualidade, subjetividade e beleza, amparando-se na antropologia como fio condutor de seus registros, visto que grande parte de sua obra perscruta a pessoa humana.

### 1.1 EDITH THERESA HEDWING STEIN

Nascida em 12 de outubro de 1891, em Breslau, território alemão<sup>6</sup>, Edith Theresa Hedwing Stein é filha mais nova dos comerciantes judeus, Siegfried e Auguste. Edith nasceu na Festa da Expição, uma das principais festas do judaísmo.

Stein estava com dois anos de idade quando seu pai morreu vitimado em um acidente. Sua mãe assumiu os negócios da família, revelando uma tenacidade e retidão ética que impressionavam Edith ao longo de seu desenvolvimento. Sua infância foi marcada pela forte tradição e religiosidade judaica vivenciada em seu lar. No período escolar, revelou-se com grande capacidade de aprendizagem, especialmente nas áreas de literatura e história.

---

<sup>6</sup> Breslau, estado da Prússia durante o império alemão, hoje denomina-se Wrocław, na Polônia.

Na juventude, inquietou-se tanto com a dependência familiar, quanto com o modelo de ensino. Por determinação própria, afastou-se da escola durante um ano. Afirmava estar cansada de estudar. Nesse mesmo momento de vida, declarou-se agnóstica.

Aos vinte anos, ingressou na Universidade em Breslau, dedicando-se, por quatro semestres, ao estudo de filosofia, psicologia, história e língua germânica. Nesse período, fez a leitura de “Investigações Lógicas” de Edmund Husserl (1859-1938)<sup>7</sup>, voltando seu interesse para a fenomenologia. Decidiu, desse modo, partir para Gotinga, para estudar e colaborar diretamente com Husserl.<sup>8</sup> Nesse aspecto, acentua-se o fato de Stein ser uma das primeiras mulheres universitárias da Europa. É relevante destacar o caráter simbólico de sua saída de Breslau. Retirar-se do ambiente ao qual havia sido formada, significava, inclusive, afastar-se da tradição judaica.

Ao lado de Husserl, Stein conseguiu caminhar significativamente em seu pensar filosófico, sobretudo na elaboração de uma teoria do conhecimento em que subjetividade e objetividade dialogassem. Para Edith Stein, a filosofia servia como caminho para a busca da verdade. Mesmo com o campo filosófico no início do século XX sendo predominantemente masculino, Stein afirmou-se como parte do influente e respeitado Círculo Fenomenológico de Gotinga.<sup>9</sup>

Entre 1913 e 1915, como assistente de seu orientador, contribuiu com a organização da primeira edição do volume II das “Ideias” de Edmund Husserl. Também, sob orientação de Husserl, sua laureada tese de doutorado “O Problema da Empatia” - *Zum Problem der Einfühlung*, defendida em 1916, recebeu destaque pela fundamentação e originalidade da

---

<sup>7</sup> O matemático e filósofo alemão Edmund Gustav Albrecht Husserl formou a escola de fenomenologia, rompendo a visão positivista da ciência e elaborando críticas ao psicologismo em sua época. Defendendo a experiência como gênese do conhecimento, desenvolveu uma metodologia de redução fenomenológica pela qual se busca conhecer a essência do fenômeno para além daquilo que está nas aparências. Recebeu importante influência filosófica de seu professor, Franz Brentano. Herdou de Brentano a noção de que a consciência é sempre intencional: a consciência é sempre consciência de alguma coisa. A intencionalidade definirá a relação entre os processos mentais e os atos dirigidos ao mundo externo. A fenomenologia de Husserl influenciou não só pensadores alemães, como Edith Stein e Martin Heidegger, mas também franceses, como Jean-Paul Sartre, Maurice Merleau-Ponty e Jacques Derrida. Especificamente em relação a Heidegger, seu discípulo, Husserl considerou a pesquisa heideggeriana como resultado de más interpretações e compreensões incorretas do método fenomenológico.

<sup>8</sup> Edith Stein chega a Gotinga em 17.04.1913. “Eis o que me conduz [...] ao motivo de minha ida para Gotinga: a fenomenologia e os fenomenólogos”. (RUS, Éric de. *Uma visão Educativa de Edith Stein: Aproximação a um Gesto Antropológico Integral*. Belo Horizonte: Artesã, 2015. p. 27.).

<sup>9</sup> Trata-se de um importante grupo de estudo e pesquisa com visão multidisciplinar articulada a fenomenologia de Husserl. Dentre os principais fenomenólogos membros do Círculo de Gotinga ao qual Edith Stein integra-se: Theodor Conrad-Martius (1861-1969), Hedwig Conrad-Martius (1888-1966), Hans Lipps (1889-1941), Alexandre Koyré (1892-1964), Adolf Reinach (1883-1917), Jean Hering (1860-1966), Dietrich von Hildebrand (1889-1977), Roman Ingarden (1893-1970), Moritz Geiger (1880-1937), Max Scheler (1874-1928), entre outros.

pesquisa. Posteriormente, em 1918, preparou a segunda edição do volume II das “Ideias”, baseando-se nos escritos inéditos que Husserl lhe confiou, permitindo à Stein, inclusive, que selecionasse o que considerasse mais útil.<sup>10</sup>

Durante a Primeira Guerra Mundial, Edith viveu a experiência de auxiliar como enfermeira da Cruz Vermelha no hospital militar de Mährisch Weisskirchen, na Morávia – atualmente, parte da República Checa. Ela pode conviver de perto com o sofrimento e a limitação humana. Nesse mesmo período, recebe destaque a morte ocorrida no *front* de batalha, do fenomenólogo judeu, convertido ao cristianismo e amigo pessoal de Stein, Adolf Reinach. Edith sustentava grande admiração por Reinach, por sua inteligência, mas, sobretudo, por sua postura ética e generosa.

A forma serena e nobre com que a esposa de Reinach enfrentou a morte do marido ao lado de seus pequenos filhos, no funeral, constituiu-se em uma experiência fundamental para o processo de conversão de Stein ao cristianismo. A expressão de paz diante da morte impressionou Stein de tal forma que escreveu sobre esse momento, afirmando que ali havia feito seu primeiro encontro com o mistério da Cruz de Cristo.<sup>11</sup>

As vivências citadas fizeram com que Stein se dispusesse a um novo encontro com Deus, porém não mais no judaísmo, e sim a partir do cristianismo. Sua busca incessante em conhecer a verdade conduziu-a para os escritos cristãos. Sua proximidade com os escritos do catolicismo ocorreu inicialmente através de Max Scheler.<sup>12</sup>

Em 1921, teve acesso ao “Livro da Vida” de Santa Teresa de Jesus<sup>13</sup> na casa de campo do casal Conrad-Martius. Leu-o com intensidade e de forma contínua, declarando, ao final da leitura, que ali estava contida a verdade a qual buscava.

<sup>10</sup> ALFIERI, Francesco. *Pessoa Humana e singularidade em Edith Stein*. São Paulo: Perspectiva, 2014. p. 52.

<sup>11</sup> “O meu primeiro encontro com a Cruz, a minha primeira experiência da força divina que da Cruz emana e se comunica a todos os que a abraçam. Pela primeira vez, me foi dado contemplar em toda a sua luminosidade a realidade da Igreja, nascida da Paixão salvadora de Cristo, na sua vitória sobre a morte. Foi esse o momento em que a minha incredulidade caiu, ofuscou-se o hebraísmo e Cristo ergueu-se luminoso diante do meu olhar. Cristo no mistério de sua cruz”. (GARCIA, J.; SCIADINI, P. *Edith Stein: Holocausto para seu povo*. São Paulo: Edições Loyola, 1987. p. 13.).

<sup>12</sup> Max Ferdinand Scheler (1874-1928), filósofo alemão, conhecido por sua análise antropológica e ética a partir da fenomenologia de E. Husserl. Dentre suas obras, cita-se “A posição do homem no cosmo”. Sua pesquisa abrange um pensamento articulado e multidisciplinar, relacionando biologia, sociologia, psicologia, metafísica e ciências da religião. Influenciou o pensamento de Karol Wojtyła que defendeu sua tese doutoral em 1954, sob título “Uma avaliação da possibilidade de construir uma ética cristã baseada no sistema de Max Scheler”.

<sup>13</sup> Teresa de Ávila, O.C.D., (1515-1582), monja carmelita, mística e santa do século XVI, possui importante obra sobre a vida contemplativa. Considerada como a reformadora da Ordem Carmelita, é cofundadora da Ordem dos Carmelitas Descalços, ao lado de João da Cruz. Santa Teresa de Jesus foi declarada Doutora da Igreja pelo Papa Paulo VI, em 27 de setembro de 1970.

Em janeiro de 1922, Stein, aos 30 anos, recebeu o batismo na fé católica na paróquia de Bergzabern. Em 1925, Erich Przywara (1889-1972), jesuíta especialista em Santo Tomás de Aquino, aconselhou-a a conhecer as obras tomistas e agostinianas. Edith Stein associou seu conhecimento fenomenológico ao conhecimento tomista. A filosofia cristã transcendeu sua identificação intelectual com Husserl, direcionando seu pensamento ao tomismo e completando o saber com os escritos dos místicos espanhóis Santa Teresa de Jesus e São João da Cruz.

Concomitantemente, entre 1922 e 1930, passou a lecionar germanística<sup>14</sup> no Instituto Santa Madalena das irmãs dominicanas de Speyer. Nesse período, viveu intensa atividade como conferencista, não somente na Alemanha, mas em outras regiões da Europa. As temáticas abordadas referiam-se, principalmente, ao papel da mulher na sociedade e às questões educacionais. Em 1932, lecionou como livre docente no curso pedagogia no Instituto Alemão de Pedagogia Científica, em Münster. As aulas com conteúdo antropológico filosófico e teológico, geraram a obra “A Estrutura da Pessoa Humana” – *Der Aufbau der menschlichen Person*.

Apesar da notoriedade como pesquisadora, reconhecimento de sua produtividade intelectual, participação ativa no movimento fenomenológico e mesmo por sua assistência efetiva a Husserl, seus esforços para conquistar a habilitação à docência universitária fracassaram, tamanha restrição ocorrida ao ingresso de mulheres na cátedra de cursos superiores.

Paradoxalmente ao pleno exercício e ampla atividade, Stein cultivava o desejo de uma vida mais dedicada à espiritualidade. Intencionava ingressar na vida contemplativa, mas foi desaconselhada inicialmente por seu orientador espiritual. O argumento referia ao seu laicato como exercício fundamental na sociedade, tanto por suas ideias pioneiras, quanto por seu auxílio na formação humana. Quando, enfim, seu orientador espiritual considerou seu ingresso na Ordem das Carmelitas Descalças, a própria ordem a recusou, pela mesma razão: como filósofa respeitada e admirada, era muito necessária à sociedade e deveria continuar seu trabalho.

---

<sup>14</sup> Além da cultura alemã, a disciplina envolvia conhecimentos das diferentes ciências humanas como, filosofia, pedagogia e psicologia.

Em 1933, com a chegada de Adolf Hitler ao poder alemão, tornou-se vigente a lei que proibia a presença de judeus em cargos públicos. Assim, por não ser ariana, Edith Stein acabou destituída abruptamente da docência pelo Partido Nacional Socialista dos Trabalhadores Alemães, o que a impediu não somente de lecionar, mas também de manter sua atividade como conferencista.

Ainda em 1933, possivelmente no início de abril, escreveu ao Papa Pio XI, manifestando sua profunda preocupação com a perseguição que se configurava em território alemão: “Santo Padre, como filha do povo judeu, que, por graça de Deus, há onze anos é também filha da Igreja Católica, me atrevo a expor diante do Pai da Cristandade o que oprime a milhões de alemães”.<sup>15</sup>

Em outubro do mesmo ano, finalmente foi aceita no Mosteiro de Colônia, alterando significativamente seu itinerário vital. O hábito religioso foi recebido em 1934. Como contemplativa, adotou o nome de Teresa Benedita da Cruz. Há relatos da participação de Husserl na cerimônia religiosa de ingresso à Ordem Carmelita. Nesse período, escreve sua autobiografia: “A Vida de uma Família Judia” – *Aus dem Leben einer jüdischen Familie*.

Em 1936, os superiores da ordem solicitam que Edith Stein mantivesse sua dedicação aos estudos. Mesmo no exercício contemplativo, dá seguimento a sua atividade filosófica, porém, agora, entrelaçando-a com a teologia. Conclui aquela que é considerada sua maior obra, “Ser Finito e Ser Eterno” - *Endliches und ewiges Sein: Versuch eines Aufstieges zum Sinn des Seins*, publicada postumamente, somente em 1950.

Em abril de 1938, assumiu seus votos perpétuos e, no mesmo mês, viveu a dor da perda daquele que considerou seu “venerável mestre”. Husserl morreu em Friburgo. Nesse mesmo ano, com o nazismo aumentando suas ações de violência contra os judeus, Stein deixou o Mosteiro de Colônia e dirigiu-se à Holanda, para o Carmelo de Echt.

Entre os anos de 1939 e 1942, estabelecida em Echt, dentre tantos textos, escreve “Caminhos do Conhecimento de Deus” - *Wege der Gotteserkenntnis: Die symbolische*

<sup>15</sup> STEIN, E. Estructura de la Persona Humana. In: URKIZA, Julen; SANCHO, Francisco Javier. (Org.) *Obras Completas*. Vitoria: Ediciones El Carmen; Madrid: Editorial de Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2003. v. 4: Escritos antropológicos y pedagógicos. p. 29. “Santo Padre! Como hija del Pueblo judío, que por la gracia de Dios, desde hace once años es también hija de la Iglesia católica, me atrevo a exponer ante el Padre de la Cristiandad lo que oprime a millones de alemanes.” A abertura ao público do material relativo ao pontificado de Pio XI, contido no Arquivo Secreto do Vaticano, em 15 de fevereiro de 2003, trouxe a luz a carta escrita por Edith Stein em 1933, em que noticia ao Papa os fatos ocorridos e, também, manifesta grande preocupação com as decorrências à latente perseguição aos judeus, bem como sinaliza que o catolicismo também poderia sofrer uma perseguição mais silenciosa, mas não menos sistemática.

*Theologie des Areopagiten und ihre sachlichen Voraussetzung*, e “A Ciência da Cruz” - *Kreuzeswissenschaft*, em cujas obras aprofunda a mística de São João da Cruz. Curioso perceber que a experiência com a mística católica convergiu seu pensamento à gênese judaica. Pertencer ao mesmo povo ao qual pertenceu Jesus Cristo tornou-se fonte de alegria e resultou em um grande amor ao povo judeu.

Com a ocupação da Holanda pela Alemanha, o episcopado desse território manifestou-se publicamente contrário ao regime alemão. A resposta nazista ocasionou na Holanda, não só perseguição de judeus, mas, também, aos convertidos ao catolicismo com ascendência judaica.

Em 02 de agosto de 1942, Stein foi presa juntamente com sua irmã Rosa, que igualmente ingressara na Ordem das Carmelitas Descalças. Inicialmente, Stein havia sido levada ao campo de concentração de Drente-Weterbork, no mesmo território holandês. Em 07 de agosto, foi deportada para Auschwitz – Birkenau, onde morreu na câmara de gás em 9 de agosto. Os corpos de Edith e Rosa Stein foram lançados em vala comum juntamente com outros inúmeros cadáveres. Seu último registro consta em um pequeno papel encontrado ao longo do caminho do trem à Auschwitz, referindo que se dirigia para a Polônia, unida a seu povo.

O horror da prisão nazista foi relatado por diferentes sobreviventes ao longo dos anos posteriores. Entretanto, diante da eminência da morte, mesmo em condição indigna, testemunhas relatavam os serviços e cuidados prestados por Edith às demais prisioneiras e seus filhos.

Cerca de oito anos após sua morte, a forma concisa da declaração oficial de sua morte contrapõe-se à profundidade de sua vida. Em 16 de fevereiro de 1950, o principal jornal holandês trazia a seguinte nota do Ministério da Justiça daquele país: “N. 44.074, Edith Teresa Hedwig Stein, nascida em 12 de outubro de 1891 em Breslau, de Echt, morta no dia 9 de agosto de 1942”.<sup>16</sup>

Teresa Benedita da Cruz foi beatificada pelo Papa João Paulo II em 1 de maio de 1987 e, em 11 de outubro de 1998, canonizada pelo mesmo Papa. Em 1999, João Paulo II declarou-a como copadroeira da Europa. Além disso, Edith Stein é citada no parágrafo 74 da

---

<sup>16</sup> GARCIA, J.; SCIADINI, P. *Edith Stein: Holocausto para seu povo*. São Paulo: Edições Loyola, 1987. p. 11.

Carta Encíclica “*Fides et Ratio*” do Sumo Pontífice João Paulo II, figurando entre autores ocidentais que contribuíram para a interação entre a teologia e a filosofia.

O Sumo Pontífice Bento XVI referiu-se à Edith Stein em diferentes ocasiões, destacando-a como importante testemunha de santidade para atualidade. Em sua visita ao campo de concentração de Auschwitz, em 28 de maio de 2006, considerou-o como um espaço de horror, onde habita um silêncio aterrorizado face à tamanha dor produzida pelo acúmulo de crimes contra Deus e contra a humanidade.<sup>17</sup>

## 1.2 A FENOMENOLOGIA STEINIANA

Para entender o contexto filosófico no qual Edith Stein se insere, é preciso reconhecer sua gênese no pensamento contemporâneo firmado na fenomenologia do alemão Edmund Husserl. O viés do pensamento de Husserl reconhece como maior fenômeno histórico a própria humanidade em sua luta por autocompreensão. Assim, suas pesquisas apontam como maior esforço e, possivelmente, a principal tarefa do homem, a consciência de si e do outro.

A novidade intelectual do método fenomenológico desenvolvido por Husserl partiu do contexto histórico de transição entre os séculos XIX e XX. Nesse período, as investigações científicas discorriam sobre o aspecto da realidade, sobretudo ao que diz respeito ao conhecimento e à leitura da natureza, considerando-a interpretável e medida de forma quantitativa. Baseando-se em fenômenos físicos, regidas por leis matemáticas, a força de tais investigações tomou corpo, delineou a cultura, tornando-se, inclusive, chave de interpretação de fenômenos humanos. Assim, o método das ciências físicas tornou-se

---

<sup>17</sup> O Papa Bento XVI na audiência geral de 13 de agosto de 2008: “Edith Stein, no dia 6 de Agosto do ano seguinte, três dias antes da morte dramática, aproximando-se de algumas religiosas do mosteiro de Echt, na Holanda, disse-lhes: ‘Estou pronta para tudo. Jesus está também aqui no meio de nós. Até agora pude rezar muito bem, dizendo de todo o coração: *Ave, Crux, spes única!*’. Testemunhas que conseguiram fugir desse horrível massacre narraram que Teresa Benedita da Cruz, ao vestir o hábito carmelita, caminhava conscientemente rumo à morte, distinguindo-se pelo seu comportamento repleto de paz e pela sua atitude tranquila e pelo seu comportamento calmo e atento às necessidades de todos. A oração foi o segredo dessa Santa, copadroeira da Europa, que “mesmo depois de ter alcançado a verdade na paz da vida contemplativa, teve que viver até ao fim o mistério da Cruz”. (BENTO XVI, Papa. *Viagem apostólica do Papa Bento XVI à Polónia: discurso do Santo Padre durante a visita ao campo de Concentração de Auschwitz-Birkenau. 28 maio 2006. Disponível em: <[https://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2006/may/documents/hf\\_ben-xvi\\_spe\\_20060528\\_auschwitz-birkenau.html](https://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2006/may/documents/hf_ben-xvi_spe_20060528_auschwitz-birkenau.html)>. Acesso em: 19 maio 2017.*)

embasamento argumentativo para um importante número de pesquisas nas diferentes áreas do conhecimento.

No entanto, Husserl, com sua formação em matemática e estudos em psicologia, analisando a estrutura conceitual das ciências e considerando o valor das revoluções e evoluções científicas, optou por outra via argumentativa. Em “Investigações Lógicas I” (1901), demonstrou a insuficiência da psicologia em sua orientação para as questões lógicas e, também, apontou para a inconsistência do argumento baseado nas leis mensuráveis para as respostas mais essenciais da vida humana.

Na realidade, Husserl estava em busca de um método de pesquisa sobre o conhecimento humano para além da lógica e da psicologia, método que ele definiu, exatamente como “fenomenológico”, consistindo numa atividade cognitiva e, em geral, da vida reflexiva e afetiva, descrevendo-a no seu acontecer, assim como ela se apresenta, sem nenhuma sobreposição de elementos estranhos.<sup>18</sup>

Suas percepções afirmavam que aquilo/aquele a que/quem se mede é mais importante do que a medida em si. Suas pesquisas asseguraram que o ser humano, por sua complexidade, excede a própria natureza com suas regras físicas, não sendo possível uma análise quantitativa da pessoa. Para Husserl, argumentos limitados à objetividade reduzem o ser, com a pretensão de medir e estabelecer relações de causa e efeito.

O termo “Fenomenologia”, cunhado por Husserl e adotado por Edith Stein, une duas expressões gregas: “*phainesthai*” – aquilo que se mostra – e não só o que aparece ou parece, e “*logos*”, que pode ser traduzida como palavra, pensamento, sentido.

Segundo Stein,

Em toda atuação da pessoa se esconde um *logos* que a dirige. [...] Como “*logos*” nos referimos por um lado a um objetivo, em que também está incluída a ação humana. Fazemos, também, uma alusão a uma concepção viva que permite a pessoa conduzir sua prática em conformidade com o mesmo (ou seja, “com sentido”).<sup>19</sup>

<sup>18</sup> ALES BELLO, Angela. *Edith Stein: A Paixão pela Verdade*. Curitiba: Juruá, 2014. p. 29.

<sup>19</sup> STEIN, E. *Estructura de la Persona Humana*. In: URKIZA, Julen; SANCHO, Francisco Javier. (Org.) *Obras Completas*. Vitoria: Ediciones El Carmen; Madrid: Editorial de Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2003. v. 4: *Escritos antropológicos y pedagógicos*. p. 561. “*En toda actuación del hombre se esconde un logos que la dirige. [...] Con ‘logos’ nos referimos por*

A filósofa assume a fenomenologia como método que se dedica à análise da consciência na sua intencionalidade e significação, buscando a essência dos fenômenos. A fenomenologia não se caracteriza por uma ciência presa aos fatos ou em pressupostos pré-concebidos, mas sim, como uma ciência eidética. O fato e objeto não limitam-se no existir, mas os pontos de interesse estão no sentido de sua existência.

Enquanto atitude intelectual, o método fenomenológico ocupa-se em “retornar a coisa mesma” – *epoché* - não no sentido de reduzir o ser, mas para reconduzir ao sentido fundante dos fenômenos em si e para melhor compreender as significações internalizadas a partir do fato. Em primeiro lugar, a fenomenologia como método, busca abarcar o sentido dos fenômenos;<sup>20</sup> e em segundo, interessa-se em perceber quem e porquê se busca o sentido.<sup>21</sup>

Sobre o método fenomenológico, elucida Stein:

Acabo de mencionar o princípio mais elementar do método fenomenológico: fixar a atenção nas coisas mesmas [...] aproximar-se das coisas, com um olhar livre de preconceitos e beber da intuição imediata. Se queremos saber o que é o homem, precisamos nos colocar de modo mais vívido possível na situação em que experimentamos a existência humana, ou seja, a experiência gerada em nós mesmos e em nossos encontros com outras pessoas.<sup>22</sup>

Edith descreve a **intuição** não somente como uma percepção sensível de uma determinada coisa, tal como é aqui e agora. Segundo ela, existe uma intuição do que a coisa é em essência própria e universal.

---

*un lado a un orden objetivo de los entes, en el que también está incluida la acción humana. Aludimos también a una concepción viva en el hombre de este orden, que le permite conducirse en su praxis con arreglo al mismo (es decir, 'con sentido')*”.

<sup>20</sup> ALES BELLO, Angela. *Introdução a fenomenologia*. Bauru: Edusc, 2006. p. 26.

<sup>21</sup> ALES BELLO, Angela. *Introdução a fenomenologia*. Bauru: Edusc, 2006. p. 36.

<sup>22</sup> STEIN, E. Estructura de la Persona Humana. In: URKIZA, Julen; SANCHO, Francisco Javier. (Org.) *Obras Completas*. Vitoria: Ediciones El Carmen; Madrid: Editorial de Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2003. v. 4: Escritos antropológicos y pedagógicos. p. 590. *“Acabo de mencionar el principio más elemental del método fenomenológico: fijar nuestra atención en las cosas mismas [...] acercarse a las cosas, con una mirada libre de prejuicios y beber de la intuición inmediata. Si queremos saber qué es el hombre, tenemos que ponernos del modo más vivo posible en la situación en la que experimentamos la existencia humana, es decir, lo que de ella experimentamos en nosotros mismos y en nuestros encuentros con otros hombres”*.

O ato em que se capta a essência é uma percepção espiritual, que Husserl denominou intuição. Reside em toda experiência particular como um fator que não se pode faltar, pois não poderíamos falar de humanos, animais e plantas sem que “isto” que percebemos aqui e agora, não fosse captado como algo universal, ao que queremos nos referir com o nome universal.<sup>23</sup>

Na história da filosofia se dá muita importância ao ser humano, àquele a quem o fenômeno se mostra. As coisas se mostram a nós: tanto o mundo estritamente físico, como o conjunto de situações (fatos culturais, eventos, ...). A fenomenologia acentua que os seres humanos é que buscam o significado, o sentido daquilo que se mostra.<sup>24</sup>

Edith Stein participou do pensamento da escola fenomenológica, mostrando-se criativa, determinada e autêntica, surpreendendo seu próprio mestre. A especificidade está em Edith Stein assumir uma postura intelectualmente ativa diante da fenomenologia.<sup>25</sup> Sua filosofia se fez no entorno das vicissitudes das grandes guerras e dialoga com as transformações sociais e culturais implicadas nessa dramática decorrente. Buscou responder às demandas existenciais suscitadas nesse contexto, posicionando-se tanto na esfera ontológica, moral, quanto social.

### 1.3 UMA ANTROPOLOGIA DA UNIDADE E DA TOTALIDADE

Como filósofa, desenvolveu uma fenomenologia ontológica, assumindo o estudo do ser humano enquanto coletividade – a humanidade enquanto gênero humano; e a singularidade – cada pessoa como um sujeito único a manifestar suas potencialidades

<sup>23</sup> STEIN, E. Estructura de la Persona Humana. In: URKIZA, Julen; SANCHO, Francisco Javier. (Org.) *Obras Completas*. Vitoria: Ediciones El Carmen; Madrid: Editorial de Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2003. v. 4: Escritos antropológicos y pedagógicos. p. 591. “El acto en el que se capta la esencia es una percepción espiritual, que Husserl denomino intuición. Reside en toda experiencia particular como un factor que no puede faltar, pues no podríamos hablar de hombres, animales y plantas si en cada “esto” que percibimos aquí y ahora no captásemos algo universal a lo que nos referimos con el nombre universal”.

<sup>24</sup> ALES BELLO, Angela. *Introdução a fenomenologia*. Bauru: Edusc, 2006. p. 18-19.

<sup>25</sup> Ocorre atualmente na pesquisa filosófica steiniana, o debate onde discute-se a posição de Edith Stein como uma fenomenóloga idealista ou realista. Para isso, sobretudo os filósofos debruçam-se sobre o conjunto da obra da fenomenóloga, analisando a com mais precisão o contexto global. Para maior ampliação da reflexão filosófica, pode-se consultar SAVIAN FILHO, J. Edith Stein para além do debate “idealismo versus realismo”: notas de um estudo em construção. In: MAHFOUD, M.; SAVIAN FILHO, J. (Orgs) *Diálogos com Edith Stein: filosofia, psicologia, educação*. São Paulo: Paulus, 2017. p. 203 – 254. Na mesma obra encontra-se de KORELC, M. O debate “realismo versus idealismo” em Husserl e Edith Stein. In: MAHFOUD, M.; SAVIAN FILHO, J. (Orgs) *Diálogos com Edith Stein: filosofia, psicologia, educação*. São Paulo: Paulus, 2017. p. 161 – 201. Outra bibliografia que aborda a questão provém de Angela Ales Bello, onde apresenta o posicionamento de Edith Stein na discussão que já se encontrava acesa em seu contexto histórico: ALES BELLO, Angela. *A fenomenologia do ser humano: traços de uma filosofia no feminino*. Bauru: Edusc, 2000.

individuais próprias. Afirma que “Cada indivíduo e cada povo tem, devido ao seu modo peculiar de ser, uma missão especial na evolução do gênero humano”.<sup>26</sup>

É na relação entre a pessoa que transcende a si ao assumir-se como parte da humanidade, que cada um responde a um compromisso consigo e com o outro. Contudo, mesmo integrada no contexto comunitário, a pessoa não perde sua singularidade. A realização do ser se dará nessa experiência relacional. Assim, a pessoa não pode ser considerada apenas como ente isolado, mas um ente com individualidade própria, constituindo-se através de seus semelhantes, a comunidade do entorno, a sociedade em que se insere e a humanidade globalmente assim como compartilhando objetivamente e subjetivamente aquilo que é próprio do “eu” com o “outro”.

As pesquisas steinianas assumem importante relevância ao fazer uma filosofia originalmente feminina. Seu ponto de vista antropológico-filosófico conjuga o feminino e o masculino, descreve e pensa as problemáticas pontuais do feminino, não isolando a questão, mas relacionando mulher/homem.

Para Stein,

Trata-se também de um estilo feminino da pesquisa filosófica, que não recusa as regras de exatidão da tradição intelectual do Ocidente, mas demonstra que não se pode prescindir da dimensão vital e da vontade de reconduzir o todo à unidade, orientando-se para a harmonia das partes na tentativa de alcançar a totalidade.<sup>27</sup>

A novidade do pensamento de Stein está justamente em apontar para a antropologia dual, em que feminino e masculino são especificidades do ser em reciprocidade. No que tange a especificidade da situação feminina, considerando as restrições do contexto de sua época, ela defende maior inserção da mulher na sociedade, na vida política e acadêmica.

Outro aspecto fundamental no pensamento de Stein é o caráter de unidade e totalidade entre corpo e alma. Para a fenomenóloga, o corpo não pode ser pensado sem a alma. Também não se pode pensar na alma sem pensar no corpo. O ser humano apresenta-

---

<sup>26</sup> STEIN, E. Estructura de la Persona Humana. In: URKIZA, Julen; SANCHO, Francisco Javier. (Org.) *Obras Completas*. Vitoria: Ediciones El Carmen; Madrid: Editorial de Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2003. v. 4: Escritos antropológicos y pedagógicos. p. 563. “Cada individuo y cada pueble tienen, en razón de su peculiar modo de ser, una misión especial en la evolución del género humano”.

<sup>27</sup> ALES BELLO, Angela. *Edith Stein: A Paixão pela Verdade*. Curitiba: Juruá, 2014. p. 18.

se como um todo e não deve ser reduzido à soma de suas partes. Esse ser inteiro, corpo e alma, encontra-se integrado a um todo maior – à família, à comunidade, à sociedade, à humanidade e ao próprio mundo natural. A filósofa configura o ser humano como um microcosmos<sup>28</sup> inter-relacionado ao macrocosmos.

Edith Stein assume o estudo tripartite do ser humano: enquanto pessoa, o sujeito forma-se em contínua relação entre corpo-psique-espírito. O corpo, a psique e o espírito, apesar de integralidade globalizante, distinguem-se entre si. O corpo manifesta-se através da experiência sensorial como um corpo próprio: externamente é percebido como um corpo físico e internamente como um corpo vivo, na medida em que o ser assume-se como um “eu”. A psique caracteriza-se pela causalidade, impulsos, estímulos e afetos, enquanto o espírito compõe o intelecto, os valores e a vontade livre. Por sua dimensão espiritual, a pessoa acolhe e compreende o mundo, o outro e a si mesmo. Como um ser livre, com consciência e intencionalidade, a pessoa possui, como força motivadora, valores que determinam suas atitudes. O “eu” é assumido como um ser em potência e aperfeiçoamento, tendo responsabilidade por suas ações e, também, por seu desenvolvimento próprio e social.

Na filosofia steiniana, considerável também é sua ótica de conexão entre a motivação e os atos humanos. Para Stein, a força vital difere de pessoa para pessoa, concluindo, assim, que toda a determinação de causa e efeito ou análise quantitativa dos estados psíquicos torna-se insustentável. A pessoa humana possui, em sua estrutura essencial, a liberdade interior própria e, por isso, cada ser responde singularmente diante das situações que a vida apresenta. A liberdade caracteriza-se na intencionalidade de seus atos, gerados pela força motivadora do “eu”. O ser humano é sujeito e objeto de sua própria reflexão e decisão e, ao tomar consciência do seu interior e exterior, pode responder a si e à comunidade de modo único e irrepetível. Cada pessoa assume-se como um elo global do gênero humano e, por sua identidade própria, cada indivíduo e cada comunidade têm uma missão a realizar no percurso histórico da humanidade.

A investigação filosófica steiniana sobre a intersubjetividade, inspirada nas pesquisas de seu mestre, desenvolveu importante pesquisa sobre a vivência da empatia. Edith Stein

---

<sup>28</sup> STEIN, E. Estructura de la Persona Humana. In: URKIZA, Julen; SANCHO, Francisco Javier. (Org.) *Obras Completas*. Vitoria: Ediciones El Carmen; Madrid: Editorial de Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2003. v. 4: Escritos antropológicos y pedagógicos. p. 591.

desenvolve com maestria a temática da empatia (*Einfühlung*), introduzida como noção por Husserl em 1905.

[...] todo “eu” se põe em contato com os outros e os conhece. Tal conhecimento tem a sua peculiaridade: o outro é conhecido, ou melhor, “sentido” como outro-eu (*alter-ego*), isto é, reconhecido como um sujeito (eu), mas diferente de mim e, por isso, “outro”. Todavia, se de um lado todo *eu* permanece estranho ao outro, porquanto uma identificação total é irrealizável, por outro, é verdade também que é possível compreender o que o outro pensa, vive e sente. Assim, se estabelece uma comunicação entre os dois que se estende a todos os sujeitos, tornando-se realmente intersubjetiva.<sup>29</sup>

O tema da intersubjetividade conduz Stein para uma maior pesquisa na relação pessoa e comunidade. Por um lado, a influência da comunidade como expressão e agremiação humana como constituinte do ser não é maior que a relevância atribuída à autonomia da pessoa. Nesse sentido, a comunidade não deve ser sobreposta, tampouco despersonalizar cada ser, mas a relação pessoa e comunidade deve equilibrar-se em dialógica articulada entre as subjetividades componentes.

#### 1.4 O DIÁLOGO ENTRE A FENOMENOLOGIA E A FILOSOFIA TOMISTA

Edith ampara-se na filosofia para progredir no caminho da verdade. Reconhece que a busca pela verdade nem sempre decorre com coerência e transparência. As inconstâncias humanas e a própria limitação da razão ofuscam e, por vezes, sobrepõem-se, à verdade, desviando a pessoa dos meios de encontrá-la. Também o próprio ser pode querer evitá-la ao temer suas exigências. Para Stein, ainda que se evite a verdade, sua sede está tão radicada no interior humano que, ao prescindir-la, a existência seria tomada por medo e angústia.

A verdade, assim, torna-se alicerce no qual a existência pessoal e social se edifica. Com isso, para Edith, a grande contribuição filosófica está em colocar em questão o sentido da vida humana, a interrogativa sobre o porquê das coisas e situações e o pensamento capaz de esboçar uma resposta que desvele a verdade. Apresenta, também, a verdade como possibilidade de conhecimento somente no íntimo da alma.

---

<sup>29</sup> ALES BELLO, Angela. *Edith Stein: A Paixão pela Verdade*. Curitiba: Juruá, 2014. p. 30.

No curso de suas investigações, Stein concilia a filosofia cristã. No encontro da filosofia contemporânea com a filosofia antiga e medieval, articula o pensamento de Agostinho e Santo Tomás com a fenomenologia. Ao buscar as raízes do pensamento cristão, dialogou, sobretudo, com Santo Tomás de Aquino. Traduziu para o alemão as “*Quaestiones disputatae de veritate*” e dedicou-se à escrita do ensaio “A fenomenologia de Husserl e a filosofia de São Tomás de Aquino”, publicado nos *Anais de Filosofia e de pesquisas fenomenológicas*, em 1929, no volume dedicado aos setenta anos de Edmund Husserl.<sup>30</sup>

Stein percebeu a busca pela verdade como elemento comum aos dois filósofos. Distinguiu a fenomenologia husserliana, caracterizada por seu antropocentrismo, em comparação com a filosofia tomista, marcada pelo teocentrismo. Para Stein, Husserl possui a grande capacidade de reconhecer o que é verdadeiro e válido para além de todo o ceticismo e relativismo. Em Santo Tomás, depara-se com a verdade enquanto revelação divina perscrutada pela mente humana. No tomismo, a luz do conhecimento advém de Deus. Na articulação entre os dois pensadores, Stein sobrepõe intelectualmente o antropocentrismo de Husserl e abre-se ao teocentrismo tomista.

A filosofia steiniana passa, então, a entrelaçar-se com a teologia. Edith Stein adquire um fazer filosófico dialogal entre o conhecimento fenomenológico e tomista<sup>31</sup>. Seu pensamento segue na via antropológica e corrobora a afirmação de que o ser humano tem valor em si mesmo. Para ela, ao reconhecer-se finito, o ser humano é conduzido ao encontro com o Ser Eterno. Ao tomar consciência de sua dignidade inalienável, a pessoa encontra sua essência na força divina. Considera a graça como destinação sobrenatural transcendente à destinação natural. Esse processo não exclui a racionalidade, ao contrário, a integra-a à crença e a conduz à verdade absoluta. Fundamental para a formação da consciência, a razão humana é iluminada pela graça eterna.

<sup>30</sup> STEIN, E. O que é filosofia? Um diálogo entre Edmund Husserl e Tomás de Aquino. *Scintilla: Revista de filosofia e mística medieval*. Curitiba, v. 2, n. 2, p. 71-99, jul./dez. 2005. O texto original simula um diálogo entre Edmund Husserl e Tomás de Aquino. Corresponde à contribuição de Edith Stein ao volume em homenagem aos 70 anos de Husserl, seu professor e orientador. A versão posterior e consideravelmente retrabalhada foi publicada sob o título “*Husserls Phänomenologie und die Philosophie des hl. Thomas von Aquino. Versucheiner Gegenüberstellung in Festschrift Edmund Husserl zum 70. Geburtstag gewidmet, Ergänzungsbandzum Jahrbuch für Philosophie und phänomenologische Forschung, Haale a.d*”. Saale: Max Niemeyer Verlag, 1939, p. 315-338.

<sup>31</sup> Segundo o prof. Urbano Zilles, Edith Stein como fenomenóloga soube dialogar com a metafísica medieval: “*manteve o rigor fenomenológico em sua atitude e em seu método, de maneira que se pode caracterizar sua filosofia e teologia como tomismo fenomenológico consistente ou de fenomenologia tomista atualizada.*”. Cf. ZILLES, Urbano. A Antropologia em Edith Stein In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE ANTROPOLOGIA TEOLÓGICA, 1., 2016, Porto Alegre. *Anais eletrônicos...* Porto Alegre: Edipucrs, 2016. p. 1-27. Disponível em: <<http://ebooks.pucrs.br/edipucrs/anais/seminario-internacional-de-antropologia-teologica/#!/trabalhos>>. Acesso em: 04 jun. 2017. p.4.

## 1.5 A ANTROPOLOGIA TEOLÓGICA DE STEIN

A sistematização da antropologia filosófico-teológica de Edith Stein, sobretudo a partir de 1925, dilata seu campo de pesquisa, tornando fecunda a sua contribuição teológica.

A pesquisa steiniana acentuou os fenômenos como objetos a serem desvelados. Ao questionar “O que é o homem? O que é específico do ser pessoa? O que diferencia o ser humano para os demais seres?” Stein percebeu a pessoa como um ser além da vivência natural. Ao deparar-se com a contingência da vida, aponta para a perspectiva sobrenatural. Evidencia a necessidade em dar uma resposta adequada ao nada, à vivência do limite humano, aos abismos existenciais.

Meu ser, tal como eu o encontro e tal como eu me encontro nele, é um ser vazio; eu não existo por mim mesmo e por mim mesmo nada sou [...] O eu chegar a ideia de ser eterno não somente partindo do devir e do cessar de seus conteúdos de experiência, mas também, partindo da peculiaridade de seu ser que se prolonga de um instante ao outro.<sup>32</sup>

Através da dimensão espiritual, a consciência de finitude conduz o humano a voltar-se ao divino. A relação com o Ser Transcendente permite a graça sobrenatural de alcançar a humanidade, configurando o caráter e sustentando uma força motriz para a prática dos valores essenciais. Edith Stein considera o Deus cristão, Uno e Trino, como este Ser Transcendente que alcança o ser humano.

A partir das obras filosófico-teológicas de Santo Tomás e Agostinho e, também, dos místicos carmelitas Teresa D’Ávila e João da Cruz, a pesquisa steiniana apresenta a convicção de que a pessoa humana, enquanto microcosmos inserido em um macrocosmos, tende a Deus. Com isso, a pessoa em si e a humanidade como um todo, em seu engajamento científico rumo às evidências e perfectibilidade, não encontrarão sentido se buscar pautar-se

---

<sup>32</sup> STEIN, E. *Ser Finito y Ser Eterno: Ensayo de una ascensión al sentido del ser*. México: Fondo de Cultura Económica, 1996. p. 72. “*Mi ser, tal como yo lo encuentro y tal como yo me encuentro en él, es un ser vano; yo no existo por mí mismo y por mí mismo nada soy [...]. El yo puede llegar a la idea del ser eterno no solamente partiendo del devenir y del cesar de sus contenidos de experiencia, sino también partiendo de la particularidad de su ser que se prolonga de un instante a otro*”.

como um ente isolado, centrado em seus próprios interesses e relacionando-se com a vida como um recurso utilitário. Ao contrário, para Stein, a pessoa se edifica ao reconhecer-se como um elo global, vinculado a todo o gênero humano e a um todo maior de forma interdependente. Nessa relação de alteridade, a pessoa assemelha-se a Deus, pois, em sua consciência, liberdade e vontade, a graça operante encontra a cooperação humana na práxis dos valores eternos.

Desenvolve-se, assim, uma antropologia-teológica na qual a pessoa, essencialmente, é buscadora de Deus. Afirma, inclusive, que a verdade almejada por cada pessoa em singular e pela própria humanidade encontra-se em Deus. Stein assume a lógica de que a essência divina precede a existência humana: “Podemos somente concluir que tudo que és finito, como também o que é seu ser, deve ser pré-formado em Deus, porque Deus está em sua origem”.<sup>33</sup>

Edith Stein percebe a pessoa como *imago Dei*, constituído de inalterada dignidade e irrepetibilidade, direcionado à comunhão com os outros e com o próprio Deus Trindade. Nessa perspectiva, a percepção do mistério se realiza por meio do fenômeno do autoconhecimento e da autoconsciência: o encontro interior unitivo da finitude humana com a infinitude divina, fundamenta e enraíza o mistério humano ao Mistério Divino.

O ser humano é bom por ter sido criado por Deus a sua imagem e semelhança, em um sentido que o distingue de todas as demais criaturas terrenas. Em seu espírito está gravada a imagem da Trindade. [...] O espírito do homem ama a si mesmo. Para poder amar-se, precisa conhecer-se. O conhecimento e o amor estão no espírito: são portanto uma coisa só com ele, são sua vida. No entanto, eles são distinguíveis dele e entre si. O conhecimento nasce do espírito, e do espírito que conhece procede o amor. Desta maneira, se pode considerar o espírito, o conhecimento e o amor como imagem do Pai, do Filho e do Espírito Santo. [...] O ser humano é só por Deus e é o que é por Deus. Porque é espírito e enquanto espírito está dotado com a luz da razão, ou seja, com a imagem do *logos* divino. Ao ser vontade, o espírito se sente atraído pela bondade (por bondade pura e por suas imagens terrenas), ama e pode unir-se a vontade divina, para só assim encontrar a verdadeira liberdade. Conformar a própria vontade divina: este é o caminho que conduz à perfeição do homem à glória.<sup>34</sup>

<sup>33</sup> STEIN, E. *Ser Finito y Ser Eterno*: Ensayo de una ascensión al sentido del ser. México: Fondo de Cultura Económica, 1996. p. 355. “Podemos solamente concluir que todo lo que es finito, como también lo que es su ser, debe ser preformado en Dios, porque Dios está en su origen”.

<sup>34</sup> STEIN, E. Estructura de la Persona Humana. In: URKIZA, Julen; SANCHO, Francisco Javier. (Org.) *Obras Completas*. Vitoria: Ediciones El Carmen; Madrid: Editorial de Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2003. v. 4: Escritos antropológicos y pedagógicos. p. 569. “El hombre es bueno por haber sido creado por Dios a su imagen y semejanza, en un sentido que le distingue de todas las demás criaturas terrenas. En su espíritu lleva grabada la imagen de la Trinidad. [...] El espíritu del

No parâmetro fenomenológico, a pessoa humana precisa adquirir a consciência da manifestação da graça, visto que o olhar místico não está naquele ao qual a graça atua, mas, sobretudo, naquele com consciência da atuação da graça no seu ser. Citando Santo Agostinho, Edith afirma que a consciência da interioridade conduz a pessoa a reconhecer-se como capaz de Deus e como templo onde a verdade habita.

Entre todos os pensadores cristãos, nenhum respondeu a essa questão com tanta paixão e energia como Santo Agostinho com sua: *“Noli foras ire, in te[ipsum] redi; in interiore homine habitat veritas”* [...] No interior do homem habita a “verdade”: essa verdade não ocorre alheia a própria existência em sua finitude. [...] Esta é a verdade que se encontra quando se chega até o fundo do próprio interior. Quando a alma conhece a si mesma, reconhece a Deus dentro dela. E conhecer o que se é e o que ocorre em si só é possível através da luz divina. *“Tu me conheces e eu queria conhecer-me como sou conhecido”*.<sup>35</sup>

A integralidade da pessoa humana, portanto, pressupõe o ser como finito e eterno. Sua pesquisa versa sobre a alma humana e a imagem do Deus Trindade presente em todas as criaturas, fundamentando as bases da antropologia espiritual steiniana. Pressupõe, igualmente, a revelação cristã, ao afirmar o ser humano como maior obra da criação divina. Remete às origens bíblicas, sobretudo, recordando no livro do Gênesis, o relato da criação e da queda dos primeiros pais. Em sua origem, na liberdade de seus instintos, com a razão orientada ao bem, o ser humano, em seu arbítrio, afastou-se de Deus. A consequência da queda foi a ferida original em seu ser: enfrenta, assim, a revolta dos instintos contra o espírito, o obscurecimento da inteligência e a vontade enfraquecida.<sup>36</sup>

---

*hombre se ama a sí mismo. Para poder amarse, tiene que conocerse. El conocimiento y el amor están el espíritu: son por tanto una sola cosa con él, son su vida. Y, sin embargo, son distinguibles de él e entre sí. El conocimiento nace del espíritu, y del espíritu que conoce procede el amor. De esta manera, se puede considerar al espíritu, al conocimiento y al amor como imagen del Padre, del Hijo y del Espíritu Santo. [...] El hombre es sólo por Dios, y es lo que es por Dios. Porque es espíritu, y porque en tanto que espíritu está dotado de la luz de la razón, es decir, de la imagen del logos divino. Al ser voluntad, el espíritu se siente atraído por la bondad (por la bondad pura e por sus imágenes terrenas), y ama y puede unirse a la voluntad divina, para sólo así encontrar la verdadera libertad. Conformar la propia voluntad a la divina: tal es el camino que conduce a la perfección del hombre en la gloria”*.

<sup>35</sup> STEIN, E. Estructura de la Persona Humana. In: URKIZA, Julen; SANCHO, Francisco Javier. (Org.) *Obras Completas*. Vitoria: Ediciones El Carmen; Madrid: Editorial de Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2003. v. 4: Escritos antropológicos y pedagógicos. p. 571-572. *“Entre todos los pensadores cristianos, ninguno ha respondido a esa llamada con tanta pasión y energía como S. Agustín con su: ‘Noli foras ire, in te [ipsum] redi; in interiore homine habitat veritas’ [...]. En el interior del hombre habita la ‘verdad’: esta verdad no es hecho desnudo de la propia existencia en su finitud. [...] Esta es la verdad que se encuentra cuando se llega hasta el fondo en el propio interior. Cuando el alma se conoce a sí misma, reconoce a Dios dentro de ella. Y conocer qué es y lo que hay en ella sólo le es posible por la luz divina. ‘Tú me conoces, y yo querría conocerme como soy conocido’”*.

<sup>36</sup> RUS, Éric de. *Uma visão Educativa de Edith Stein: Aproximação a um Gesto Antropológico Integral*. Belo Horizonte: Artesã, 2015. p. 94.

O ser humano passa, desse modo, a necessitar, para realizar sua missão enquanto pessoa, do dom renovado da graça. Apenas a força da graça é capaz de reestabelecer o ser humano à vida divina.

Para desenvolver a relação entre o ser finito e eterno, a teologia steiniana faz a aliança entre fé e razão. A completude de sua pesquisa permite encarar o mistério como uma luz capaz de iluminar a razão, visto que somente pela razão não é possível compreender toda a verdade existente.

O pensamento lógico formula conceitos claros, mas nem esses conceitos podem alcançar o inacessível [...]. O caminho da fé nos leva para além do conhecimento filosófico. O caminho da fé nos conduz a Deus pessoal e próximo, que ama, é misericordioso e nos dá uma certeza que não se encontra em nenhuma outra parte do conhecimento natural.<sup>37</sup>

Segundo Edith, mesmo com a ruptura com Deus, a luz da razão não se apaga por completo, porém, sozinho, o ser não consegue realizar-se. A força da graça ilumina a razão e inclina a vontade ao bem eterno. Quanto mais aberto à graça operante, mais é difícil afastar-se do bem, pois aí a pessoa encontra o auxílio do próprio Deus.

Para Stein, o próprio Deus, Ser Eterno, habita o ser humano, ser finito. Portanto, a pessoa acessa a verdade, na medida em que se volta para o seu interior, iniciando um caminho de autoconhecimento e reconhecimento de Deus que habita em si.

Todo o homem é livre e se defronta a cada instante com decisões a tomar. E enquanto a alma não tiver chegado à perfeita união amorosa, seu íntimo será um lugar em que Deus “exclusiva e secretamente habita”; um lugar que Santa Teresa chama de **sétima morada**, que só se abre no matrimônio místico.<sup>38</sup>

---

<sup>37</sup> STEIN, E. *Ser Finito y Ser Eterno: Ensayo de una ascensión al sentido del ser*. México: Fondo de Cultura Económica, 1996. p. 77. “El pensamiento lógico formula conceptos claros, pero ni éstos ni aun aquéllos pueden asir al inasible [...]. El camino de la fe nos lleva más lejos que el del conocimiento filosófico; el camino de la fe nos conduce a Dios personal y cercano, al amante y al misericordioso y nos da una certeza que no se encuentra en ninguna parte en el conocimiento natural”.

<sup>38</sup> STEIN, Edith. *A Ciência da Cruz: Estudo sobre São João da Cruz*. São Paulo: Edições Loyola, 1988. p. 136.

Edith identifica, nesse processo, um caminho formativo em que o parâmetro está na transcendência, focando na primazia de Deus que permite à pessoa a vida, convida à vivência do amor, à comunhão pessoal, social, com todo o criado e com a própria Trindade.

## 1.6 A PERSPECTIVA MÍSTICA DA REFLEXÃO FILOSÓFICO-TEOLÓGICA

A pesquisa de Stein abre-se ao profundo, fazendo uma aliança entre ciência filosófico-teológica e experiência mística. Sua perspectiva teológica não só diz de Deus, mas revela proximidade com Deus, em Deus e por Deus, e aponta para Jesus Cristo. Em Cristo, está a comunhão total entre Deus e o ser humano. Stein, nesse sentido, aproxima-se dos escritos de Santa Teresa de Jesus, referindo-se à plenitude do ser centrado em Cristo. A antropologia teológica de Stein volta-se à pessoa de Jesus Cristo, o Deus encarnado, morto e ressuscitado e o revela como o *Logos* Eterno. Edith entende o *Logos* Eterno em sua dupla natureza – humana e divina. Partindo dessa concepção, sua teologia percebe a humanidade toda em uma unidade. É na mediação do “Verbo feito carne” que o ser humano alcança a graça divina.

O ser humano não tem poder algum sobre as forças profundas e não pode encontrar por si só o caminho que conduz as alturas. No entanto, há um caminho que conduz as alturas. Com tudo, há um caminho preparado para ele. Deus mesmo se fez homem para curar sua natureza e elevá-la ao que lhe foi atribuído desde toda a eternidade. O Filho do Eterno Pai tornou-se cabeça do gênero humano. Todos aqueles que se unem a Ele na unidade do corpo místico, participam da filiação divina e carregam em si mesmo uma fonte de vida divina, que conduz à vida eterna e ao mesmo tempo repara as fragilidades da natureza decaída.<sup>39</sup>

---

<sup>39</sup> STEIN, E. Estructura de la Persona Humana. In: URKIZA, Julen; SANCHO, Francisco Javier. (Org.) *Obras Completas*. Vitoria: Ediciones El Carmen; Madrid: Editorial de Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2003. v. 4: Escritos antropológicos y pedagógicos. p. 570-571. “El hombre no tiene poder alguno sobre las fuerzas profundas, y no puede encontrar por sí solo el camino que conduce a las alturas. Con todo, hay un camino que conduce a las alturas. Con todo, hay un camino preparado para él. Dios mismo se ha hecho hombre para sanar su naturaleza y devolverle la elevación sobre lo meramente natural que le ha sido asignada desde toda la eternidad. El Hijo del eterno Padre se ha convertido en la nueva cabeza del género humano. Cuantos se unen a él en la unidad del cuerpo místico, participan de su filiación divina y llevan en sí mismos una fuente de vida divina, que salta hasta la vida eterna y al mismo tiempo sana las fragilidades de la naturaleza caída”.

Em seus últimos escritos, pautados nos estudos de São João da Cruz, Edith Stein afirma que a verdadeira ciência emana da cruz. Encontrar a verdade significa ter a Cruz e o Crucificado como a fonte de sentido para o ser humano. A Cruz é vista como maior gesto livre de amor caridade realizado por Cristo, a Pessoa Amor. Ao contemplar a pessoa de Jesus Cristo, reconhece-o como o Amor que livremente fez-se dom de si. Edith afirma que toda pessoa é chamada a participar desse Amor, respondendo livremente pelo dom que faz de si mesmo, aos outros e ao próprio Deus.

O essencial para a realização humana é a vivência do amor caridade tal qual como o ensinado por Cristo. “O amor é dom de si ao bem [...], o amor dever ser sempre dom de si para que seja um amor autêntico”.<sup>40</sup> O amor *caritas* torna-se a única medida ao qual a pessoa pode chegar à perfeição, sendo um imperativo ético norteador das relações humanas, em configuração com o Cristo que se doa.

Existe, porém, um ponto no espaço da alma no qual o eu encontra o seu lugar próprio, o lugar próprio, o lugar da paz, que este deve buscar até que o tenha encontrado e ao qual sempre se deve retornar se o abandonou. Este é o ponto mais profundo da alma [...]. Só daqui pode tomar decisões em plena consciência, pode empenhar-se por algo e doar-se a si mesmo.<sup>41</sup>

A configuração com Jesus Cristo somente pode ocorrer por meio de uma adesão livre e consciente, na qual a vivência está enraizada no contato pessoal com Deus que se autocomunica e permite conhecê-lo como fundamento da fé. Assim, a teologia torna-se impossível de ser entendida pelos parâmetros da lógica humana, necessitando imergir na profundidade mística: vivificada pela ação do Espírito Santo, em Deus, por mediação de Cristo, está a fonte, o fundamento, a origem e o fim de toda a existência humana.

Em Edith Stein, Deus pode ser experimentado na perspectiva pessoal e comunitária no “eu”, do “tu” e do “nós”. A experiência de proximidade com o divino impulsiona o ser ao mundo, como espaço teológico de ação e doação, e não à ruptura com o mundo. Para Stein,

<sup>40</sup> STEIN, E. *Ser Finito y Ser Eterno*: Ensayo de una ascensión al sentido del ser. México: Fondo de Cultura Económica, 1996. p. 467. “El amor es don de sí al bien [...]. Pero el amor debe ser siempre el don de sí, para que sea un amor autêntico”.

<sup>41</sup> STEIN, E. Estructura de la Persona Humana. In: URKIZA, Julen; SANCHO, Francisco Javier. (Org.) *Obras Completas*. Vitoria: Ediciones El Carmen; Madrid: Editorial de Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2003. v. 4: Escritos antropológicos y pedagógicos. p. 657. “Existe un punto en el que el yo tiene su lugar propio, el lugar de su descanso, que debe buscar hasta encontrarlo y al de volver cada vez que lo haya abandonado: se trata del punto más profundo del alma. [...] Solamente desde él puede el alma adoptar decisiones importantes, tomar partido por algo o hacer donación de sí misma”.

o próximo não é aquele que naturalmente desperta o amor, mas qualquer ser humano que se aproxima, sem exceção. É no espaço relacional ético, na oração pessoal e comunitária, na prática sacramental, na vivência litúrgica, em meio à vida cotidiana e aos afazeres diários, que a fé se alimenta e se manifesta em configuração com Cristo, sendo a pessoa capaz de doar-se até mesmo àqueles que naturalmente seria impossível.

Voltada para o bom, o belo e o verdadeiro, a pessoa humana desenvolve o olhar contemplativo “desde dentro”. Contemplar (*com templum*) exige “habitar o espaço divino” em uma vivência trinitária. Segundo Stein, a pessoa em comunhão com Deus volta-se à divindade: “A vida divina que se desenvolve na alma amante de Deus, não pode ser diferente da vida trinitária da divindade”.<sup>42</sup> Tal experiência mística é particularizada: não há possibilidade de comunicá-la e reproduzi-la totalmente, por mais que seja narrada, expressa por simbologia ou detalhada.

Trata-se de “um encontro pessoal com Deus. Aí, nessa experiência, em que não participam nem imagem, nem palavra, nem conceito – sem mediação de mais nada que possa ter nome – aí está a “revelação misteriosa” no sentido próprio, a teologia mística em que Deus se revela no silêncio. É a esse ponto alto que nos levam os diferentes graus do conhecimento de Deus.”<sup>43</sup>

A relação filosófico-teológica em Stein acentua o “eu próprio” e a importância da “alma da alma” como espaço íntimo onde a dimensão espiritual humana se comunica com o Absoluto. Essa relação da alma com Deus vocaciona a pessoa à vida eterna. Conhecendo essa profundidade da alma como a morada de Deus, a teologia steiniana aponta para a eternidade.

A vocação de união com Deus é uma vocação de vida eterna. [...] a fé nos ensina que Deus quer oferecer a vida eterna, ou seja, a participação eterna de sua própria vida [...]. A alma individual se encontra destinada a uma vida

<sup>42</sup> STEIN, E. *Ser Finito y Ser Eterno: Ensayo de una ascensión al sentido del ser*. México: Fondo de Cultura Económica, 1996. p. 471-472. “La vida divina que se desarrolla en el alma amante de Dios no puede ser diferente de la vida trinitaria de la divinidad. El alma se da al ser trinitario”.

<sup>43</sup> RUS, Éric de. *Uma visão Educativa de Edith Stein: Aproximação a um Gesto Antropológico Integral*. Belo Horizonte: Artesã, 2015. p. 114. Citando Edith Stein em “*Les voies de la connaissance de Dieu*”, p. 73-74. Escrito sem tradução em língua portuguesa.

eterna, o que permite compreender que deve reproduzir a imagem de Deus de uma maneira completa e pessoal.<sup>44</sup>

Conclui Stein que cada ser, em sua individualidade, faz parte da obra criadora de Deus e é chamado a manifestar, de forma particular, sua semelhança com a divindade. A vida humana, porém, segue a trajetória da natureza e da graça, em que cada pessoa toma suas livres decisões de responder ou não a Deus que habita na interioridade da alma. Trata-se de uma união no amor, na qual cada pessoa tem participação singular na qualidade com que se decide a aderir ao amor.

## 1.7 A VISÃO EDUCATIVA DE EDITH STEIN

Edith Stein não sistematiza seus escritos pedagógicos em um só livro, mas, ao longo de toda a sua obra, o tema da educação se encontra destacado. O axioma fundamental do pensamento pedagógico steiniano está na convicção da constituição da vida interior como objetivo central, no processo de desenvolvimento “desde dentro”.

Desde o início, Edith Stein vida a formação integral do ser humano, a educação como um processo criativo que se enraíza na interioridade [...] uma “arte suprema cujo material não é nem madeira, nem a pedra, mas a alma humana” [...]“equivale a uma criação: enquanto as outras atividades param nas faculdades humanas, a educação penetra até a alma mesma, até a sua substância, para lhe dar uma forma nova, e dessa forma, recriar o ser humano na sua totalidade”.<sup>45</sup>

Stein associa as questões educacionais às práticas de ensino. A visão educativa de Edith recebe influência da pesquisa de Maria Montessori (1870-1952).<sup>46</sup> Sua pedagogia

<sup>44</sup> STEIN, E. *Ser Finito y Ser Eterno: Ensayo de una ascensión al sentido del ser*. México: Fondo de Cultura Económica, 1996. p. 518-519. *“La vocación de la unión con Dios es una vocación de la vida eterna. [...] la fe nos enseña que Dios quiere ofrecerle la vida eterna, es decir, la participación eterna de su propia vida [...]. El alma individual se encuentra destinada a una vida eterna, lo que permite comprender que debe reproducir la imagen de Dios de una manera completamente personal”*.

<sup>45</sup> RUS, Éric de. *Uma visão Educativa de Edith Stein: Aproximação a um Gesto Antropológico Integral*. Belo Horizonte: Artesã, 2015. p. 47. Citando Edith Stein em *“L’art d’éduquer – Regard sur Thérèse d’Ávila.”*, p. 47-48. Escrito sem tradução em língua portuguesa.

<sup>46</sup> Maria Montessori (1870 -1952), médica e pedagoga católica italiana. É conhecida pelo método educativo que desenvolveu e que, ainda hoje, é aplicado no mundo todo em diferentes escolas opostas ao ensino tradicional. O método montessoriano de aprendizagem centraliza-se na individualidade do educando, buscando estimular o equilíbrio

dialoga com o pensamento de John Henry Newman (1801 -1890)<sup>47</sup>, de quem traduziu as obras; do seu contemporâneo Jacques Maritain (1882 – 1973)<sup>48</sup>, com quem se comunicava; e das educadoras Madeleine Daniélou (1880 – 1956)<sup>49</sup> e Hélène Lubienska de Lenval (1895 - 1972)<sup>50</sup>. Associava seu conhecimento pedagógico à prática formativa de Santa Teresa de Jesus, a quem se referia como a grande mestra na arte de educar.

Partindo da pedagogia teresiana, Stein vai ao encontro do significado místico da educação, acentuando a gratuidade divina atuando na pessoa humana. Edith assume, assim como Teresa, o teocentrismo inseparável do antropocentrismo.<sup>51</sup> O caminho formativo ocorre através de um processo educativo, no qual além de uma autoeducação e das esferas sociais responsáveis, a educação é vista como um espaço de restauração da aliança entre os esforços do ser humano e a ação da graça divina.

Em análise às teorias pedagógicas, verifica à qual *logos* estão dirigidas e infere nas consequências pessoais e sociais decorrentes de tais pedagogias. Na prática, esse *logos* se apresenta tanto no sistema conceitual, quanto na atuação educativa. Assim, a pedagogia torna-se teoria formativa pela qual se encontra o elo entre o sentido e a prática. Stein, nesse sentido, não despreza o conhecimento natural, tampouco o advento científico, mas exorta que os objetivos pedagógicos se orientem aos valores éticos essenciais e eternos.

Como docente e conferencista, entre 1923-1933, elaborou diferentes escritos abordando a temática pedagógica.<sup>52</sup> Destaca-se, sobretudo, o curso antropológico dado em

entre liberdade e disciplina, adotando o princípio da autoeducação. É caracterizado pela ênfase na autonomia e no respeito pelo desenvolvimento natural das habilidades físicas, sociais e psicológicas do sujeito.

<sup>47</sup> John Henry Newman (1801-1890), sacerdote inglês, anglicano convertido ao catolicismo, nomeado cardeal pelo papa Leão XIII em 1879. Beatificado no dia 19 de setembro de 2010 pelo Papa Bento XVI. Seu pensamento teológico versou sobre o desenvolvimento da doutrina católica.

<sup>48</sup> Jacques Maritain (1882 -1973), filósofo francês católico, importante articulador da atualização do pensamento tomista no século XX. Influenciou o pensamento do papa Paulo IV que o considerou um mestre na arte de pensar, viver e rezar. Na encíclica “*Fides et Ratio*”, n. 74, São João Paulo II relaciona Newmann, Maritain e Stein: “A relação entre a filosofia e a palavra e Deus manifesta-se fecunda também na investigação corajosa realizada por pensadores mais recentes, de entre os quais me apraz mencionar, no âmbito ocidental, personagens como John Henry Newman, Antônio Rosmini, Jacques Maritain, Étienne Gilson, Edith Stein”.

<sup>49</sup> Madeleine Daniélou (1880-1956), pedagoga francesa, fundadora das escolas de Saint Mary College e Charles Péguy. Fundou também a comunidade apostólica São Francisco Xavier direcionada às mulheres. Autora de vários livros sobre a filosofia da educação.

<sup>50</sup> Hélène Lubienska de Lenval (1895 -1972), educadora polonesa, viveu maior parte da vida na França, desenvolvendo o método de ensino montessoriano com ênfase na dimensão espiritual. Lubienska desenvolveu uma pedagogia fundamentada no sagrado. Sua pedagogia se baseia na tripartição corpo-mente-espírito.

<sup>51</sup> RUS, Éric de. *Uma visão Educativa de Edith Stein: Aproximação a um Gesto Antropológico Integral*. Belo Horizonte: Artesã, 2015. p. 33-34.

<sup>52</sup> Os principais escritos pedagógicos de Edith Stein estão compilados no volume espanhol de 1172 páginas, onde consta vinte e cinco conferências, três cursos antropológicos (dentre os quais “*Estructura de la Persona Humana*”), treze recensões, dezenas de esquemas de aulas, conferências e cursos: (STEIN, E. *Estructura de la Persona Humana*. In:

1932, no Instituto de Pedagogia Científica de Münster, que derivou na obra “Estrutura da Pessoa Humana” (*Der Aufbau der menschlichen Person*).<sup>53</sup> No referido curso, Stein segue o método fenomenológico, apontando para o ser humano enquanto fenômeno, constituído tanto do seu significado original, quanto de sua vocação. Para Edith, a antropologia é um conhecimento básico para a pedagogia autêntica, visto que o saber antropológico confere sentido ao ato de educar, tornando-se base metodológica para o ensino integral e integrado, compreendendo a aprendizagem das crianças e jovens uma dialógica entre indivíduo e comunidade.

A pedagogia steiniana importa-se com a beleza da linguagem e com a ampliação de vocabulário. Ela defende como riqueza o uso adequado da língua. Adequado, aqui, não se refere ao que é correto enquanto normatização e regras, mas sim à utilização da palavra, como convém ao que se quer expressar.

A filósofa aponta para o valor da intencionalidade na escuta, na fala, ao que se escreve e ao que se lê para que não haja inconsistência, superficialidade ou mera reprodução de frases e pensamentos prontos ou massificados. Segundo Stein, o espírito se exercita a pensar e a “tomar posição de maneira autônoma sobre os problemas levantados [...] ao partir-se de princípios últimos claramente trazidos à luz”.<sup>54</sup>

Stein percebe a formulação da linguagem como apropriação de um pensamento que emana das profundezas do ser. Pensar e expressar-se estão conjugados dentro de um único processo de desenvolvimento de autoconhecimento e consciência de ser alguém em relação ao outro.

O domínio da linguagem e da ferramenta conceitual desempenha um papel de extrema importância, ajudando o pensamento discursivo a se organizar e o

---

URKIZA, Julen; SANCHO, Francisco Javier. (Org.) *Obras Completas*. Vitoria: Ediciones El Carmen; Madrid: Editorial de Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2003. v. 4: Escritos antropológicos y pedagógicos.)

<sup>53</sup> A obra “Estrutura da Pessoa Humana” encontra-se sem tradução para o português. O manuscrito original, em alemão, se encontra em bom estado de conservação no arquivo da Ordem das Carmelitas Descalças de Colônia, Alemanha: “*Aufbau der menschlichen Person*” – P/A-I-2. Para a presente pesquisa, foi consultado o texto em espanhol: *Estructura de la Persona Humana*. In: *Obras Completas*, IV. Escritos antropológicos y pedagógicos. A tradução do alemão para o espanhol foi dirigida por Francisco Javier Sancho e Julen Urkiza, ambos pesquisadores da Ordem dos Carmelitas Descalços. (STEIN, E. *Estructura de la Persona Humana*. In: URKIZA, Julen; SANCHO, Francisco Javier. (Org.) *Obras Completas*. Vitoria: Ediciones El Carmen; Madrid: Editorial de Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2003. v. 4: Escritos antropológicos y pedagógicos.)

<sup>54</sup> RUS, Éric de. *Uma visão Educativa de Edith Stein: Aproximação a um Gesto Antropológico Integral*. Belo Horizonte: Artesã, 2015. p. 63.

conteúdo da vida interior a se manifestar e a comunicar, visto que a palavra é uma encarnação privilegiada do espírito.<sup>55</sup>

A palavra revela a alma de quem a expressa, refletindo sua interioridade: transparece suas convicções, afetos, efervescências, inquietações e agitações. Além disso, a palavra, enquanto gesto comunicativo, comunica algo a alguém. Comunitariamente, a palavra assume significado de intervenção na alma do outro: pode enriquecer, elevar, fertilizar, ou mesmo ferir, bloquear ou poluir a subjetividade daquele ao qual a mensagem se destina. Stein acentua como fundamental que o ser humano, em seu processo educativo, perceba não só a forma e o conteúdo a ser comunicado, mas o sentido, as razões e as consequências de sua expressão.

## 1.8 A ANTROPOLOGIA COMO DIRETRIZ PEDAGÓGICA

A pedagogia steiniana adentra a realidade de sua época histórica. Sua origem de pensamento parte da experiência familiar e segue como um importante eixo temático presente em seus registros. No período entre guerras, além de suas experiências próprias, percorreu a essência da vida humana e suas relações. Com isso, confrontou o saber intelectual, técnico e pragmático, a uma antropologia que evidencia os aspectos de significação mais profunda da vida humana, tanto na positividade, quanto nas obscuridades e insuficiências existenciais.

A importante contribuição de Stein para a pedagogia está justamente na antropologia como fundamento ao processo educativo. Sua pedagogia traz como pressuposto que o próprio ser humano se dá, ou não, livremente ao conhecimento. Sendo assim, direcionando-se ao encontro personalista, a partir da concepção integral de pessoa e do mundo, a prática educativa se conduz.

A educação é esse gesto antropológico integral preciso por meio do qual cada pessoa encaminha-se para a plenitude de sua essência, no respeito de sua

---

<sup>55</sup> RUS, Éric de. *Uma visão Educativa de Edith Stein: Aproximação a um Gesto Antropológico Integral*. Belo Horizonte: Artesã, 2015. p. 63.

destinação natural e sobrenatural. Trata-se, pois de uma verdadeira aventura interior: nela, o pensamento e a vida são indissolivelmente unidos.<sup>56</sup>

A educação, segundo Edith Stein, segue o seguinte percurso: a concepção antropológica, a destinação natural da pessoa e a destinação sobrenatural do ser humano, em que a graça torna-se o principal elemento formador da pessoa. Percebe a pedagogia como uma arte, um gesto de criação, capaz de contribuir para uma humanidade realizada, onde a natureza é transfigurada pela graça. Uma “arte de dar forma à própria vida; é um gesto vivo, uma autêntica criação”.<sup>57</sup>

Stein parte do princípio de **formação**. A partir da multiplicidade das influências do meio externo, cada pessoa subjetivamente responde livremente, contribuindo com a constituição de sua personalidade. A formação da pessoa humana passa por esse processo de significados e configurações.

O primeiro material formativo de cada ser está na disposição natural corpórea e psíquica do qual toda a pessoa é dotada desde o princípio. Para Edith, em cada pessoa há uma disposição interna, uma força motriz invisível que se desenvolve em uma direção, assumindo uma “forma” determinada, genuína e inconfundivelmente singular. Tal força motriz presente na interioridade, também conduz a pessoa a atuar no meio exterior.<sup>58</sup>

A pedagogia steiniana percebe que, no desenvolvimento infantil, para a criança tornar-se si mesma, dependerá do ambiente formativo, sobretudo dos educadores, o fornecimento de recursos constitutivos indispensáveis para o seu corpo e sua alma. Desafios, negligências, excessos e adversidades também trarão consequências à constituição da pessoa. Entretanto, Edith ressalta que as forças formadoras externas e a ação dos educadores não condicionam ou determinam o ser, pois elas vão ao encontro da força formadora interna dotada de livre arbítrio. Portanto, toda a formação também se caracteriza por uma autoformação, pois o ser é livre para aderir ou se fechar às influências educacionais.

---

<sup>56</sup> RUS, Éric de. *Uma visão Educativa de Edith Stein: Aproximação a um Gesto Antropológico Integral*. Belo Horizonte: Artesã, 2015. p. 12.

<sup>57</sup> RUS, Éric de. *Uma visão Educativa de Edith Stein: Aproximação a um Gesto Antropológico Integral*. Belo Horizonte: Artesã, 2015. p. 11.

<sup>58</sup> RUS, Éric de. *Uma visão Educativa de Edith Stein: Aproximação a um Gesto Antropológico Integral*. Belo Horizonte: Artesã, 2015. p. 95.

Para Stein, somente o que penetra na alma humana – não apenas absorvido pelos sentidos ou compreendido pelo entendimento, mas, sobretudo, o que toca o coração e o sentido afetivo – é verdadeiramente matéria formadora, pois auxilia a alma a tomar a forma que é chamada a ter. Cada pessoa passa, assim, a cooperar com seu desenvolvimento de forma livre em virtude de sua cognição e sua vontade própria.

Considerando a relação objetiva entre a educação e a condição humana, Edith Stein permite, em seus estudos, a relação entre a ideia de pessoa enquanto singularidade e comunidade, aliada à teoria e à práxis pedagógica, associando aspectos fenomenológicos e também da revelação cristã.

Com isso, aponta para a humanidade como um grande todo: “procede de uma mesma raiz, se dirige a um mesmo fim, está implicada em um mesmo destino”.<sup>59</sup> Todavia, não descaracteriza a particularidade de cada pessoa humana, insistindo na liberdade e na necessária autodeterminação, direção e seguimento, de forma cooperativa e responsável.<sup>60</sup>

Segundo Stein, a pessoa que se desenvolve em conformidade com sua natureza humana já é, em si, uma glorificação a Deus. Assim, o itinerário espiritual do ser está enraizado em sua humanidade. Não há como viver a espiritualidade sem considerar a humanidade.

No entanto, o ser humano, por mais cooperativo que seja, com seu desenvolvimento, não consegue alcançar com a força da natureza sua realização. Para Stein, a graça vem ao encontro do limite natural humano e o conduz para além de si, em um processo transcendente. Com isso, natureza e graça não são forças opostas, ou mesmo justapostas, mas destinações integradas que revelam a vocação do ser humano como imagem de Deus. Stein afirma a necessidade da graça, admitindo que: “para o ser humano, uma destinação sobrenatural enraíza-se em uma destinação natural”.<sup>61</sup> Aqui está um ponto importante. Partindo da Revelação, Edith destaca a própria Encarnação de Deus, na pessoa de Jesus Cristo, o princípio, o fundamento e o fim dessa vocação integrada entre natureza e graça.

<sup>59</sup> STEIN, E. Estructura de la Persona Humana. In: URKIZA, Julen; SANCHO, Francisco Javier. (Org.) *Obras Completas*. Vitoria: Ediciones El Carmen; Madrid: Editorial de Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2003. v. 4: Escritos antropológicos y pedagógicos. p. 577. “Procede de una misma raíz, se dirige a un mismo fin, está implicada en un mismo destino”.

<sup>60</sup> STEIN, E. Estructura de la Persona Humana. In: URKIZA, Julen; SANCHO, Francisco Javier. (Org.) *Obras Completas*. Vitoria: Ediciones El Carmen; Madrid: Editorial de Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2003. v. 4: Escritos antropológicos y pedagógicos. p. 577.

<sup>61</sup> RUS, Éric de. *Uma visão Educativa de Edith Stein: Aproximação a um Gesto Antropológico Integral*. Belo Horizonte: Artesã, 2015. p. 95.

A pedagogia steiniana conduz o ser humano não apenas para seu papel social na Terra, ou para a sua autorrealização, mas confere à pessoa sua posição de singularidade e comunhão na eternidade. O ser humano não é uma realidade imperfeita a ser superada, mas uma obra desejada por Deus que, com sua especificidade, é capaz de ressoar de forma cooperativa os valores eternos.

Stein permite a relação formativa entre a pessoa e o *Logos* Eterno. Para ela, é o *Logos* Eterno que dá sentido e fundamenta uma educação capaz de enlevar a pessoa em sua totalidade, baseando-se na sua inalienável dignidade e conduzindo, como finalidade última, a formação integral do ser.<sup>62</sup>

A educação é concebida por Edith Stein como um processo de verticalização do ser humano em direção à transcendência. Sob este aspecto, sua visão educativa merece ser qualificada de mística, no sentido de que o mistério do ser humano enraíza-se no mistério de Deus, revelado em Cristo, em quem se descortinou a finalidade última da pessoa: o desdobramento completo dessa “humanidade realizada, pura expressão da natureza libertada e transfigurada pela força da graça”.<sup>63</sup>

Edith afirma que a natureza do ser humano é naturalmente boa em sua origem, mas as diversas vivências podem dissociar a pessoa de reconhecer-se em seu valor original. Ao não reconhecer-se naquilo que é, nem ao que é chamado a ser, a tendência do ser é não possuir-se, vivendo sua humanidade desarmonicamente. Na penumbra existencial, a luz capaz de nortear o ser é a graça divina que não cansa de atrair o homem para o *Logos* Eterno. É a graça que ordena o ser, liberta a natureza humana e faz transfigurar a pessoa inteira.

Depois de sua conversão (1921), Edith declina-se a elaborar uma concepção de pedagogia à luz do catolicismo. Ao educador católico, Stein aponta para o profundo respeito a todos os educandos que lhe foram confiados, para que as ingerências não os afastem daquilo que são: imagens de Deus. Para isso, faz-se necessário um olhar reflexivo, uma

---

<sup>62</sup> STEIN, E. Estructura de la Persona Humana. In: URKIZA, Julen; SANCHO, Francisco Javier. (Org.) *Obras Completas*. Vitoria: Ediciones El Carmen; Madrid: Editorial de Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2003. v. 4: Escritos antropológicos y pedagógicos. p. 577.

<sup>63</sup> RUS, Éric de. *Uma visão Educativa de Edith Stein: Aproximação a um Gesto Antropológico Integral*. Belo Horizonte: Artesã, 2015. p. 35.

contemplação da pessoa do educando, buscando a consciência de quem ele é, o que é chamado a ser e como auxiliá-lo para que ele responda ao que é vocacionado.

Educar significa guiar outros seres humanos, de modo que eles se tornem aqueles que devem ser. Não se pode fazer isso, portanto, sem saber o que é o ser humano, a que ele se assemelha, para o que deve ser guiado e quais são os caminhos possíveis.<sup>64</sup>

O educador precisa buscar saber quem está para ser educado sob sua responsabilidade pedagógica. A pessoa é uma realidade dinâmica e viva, portanto processual. Desse modo, a educação se volta para a pessoa integral, a integralizar-se e integrada ao mundo. O valioso saber encontrado nas ciências deve ser transmitido com dedicada qualidade técnica, com a competência do rigor científico, mas somente o contato vivaz e vincular é capaz de uma verdadeira aproximação com o educando. O educador deve perceber-se em suas mensagens gestuais, orais e escritas, expressas pelo olhar, pela escuta intencional e pelos movimentos faciais e corpóreos. Estes são capazes de penetrar a alma do educando, exprimindo não só um processo de conhecimento intelectual, mas um processo original e vinculado ao todo que o sujeito é.<sup>65</sup>

Quando o educador se depara com educandos fechados em si mesmos, é preciso um gesto de aproximação para auxiliar a, paulatinamente, reabrir esse ser tão defensivo. Não se pode perder esse sujeito de vista. Para Stein, somente o olhar de amor, caridoso, cuidadoso e responsável de um pedagogo autêntico é capaz de encontrar o caminho capaz de desfazer esse confinamento do ser. As almas, assim, se abrem em relação vincular de confiança.<sup>66</sup>

Stein alerta que, diante de um educador que gera situações de interpretações equivocadas, indiferentismo, preconceitos e intromissões na intimidade, o educando tende a se proteger, fragilizando ou impedindo a vinculação educador-educando. Com isso, sinaliza o

<sup>64</sup> STEIN, E. Estructura de la Persona Humana. In: URKIZA, Julen; SANCHO, Francisco Javier. (Org.) *Obras Completas*. Vitoria: Ediciones El Carmen; Madrid: Editorial de Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2003. v. 4: Escritos antropológicos y pedagógicos. p. 743. *“Educar quiere decir llevar a otras personas a que lleguen a ser lo que deben ser. Pero no será posible educar sin saber antes qué es el hombre y cómo es, hacia dónde se le debe conducir y cuáles son los posibles caminos para ello”*.

<sup>65</sup> STEIN, E. Estructura de la Persona Humana. In: URKIZA, Julen; SANCHO, Francisco Javier. (Org.) *Obras Completas*. Vitoria: Ediciones El Carmen; Madrid: Editorial de Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2003. v. 4: Escritos antropológicos y pedagógicos. p. 575.

<sup>66</sup> STEIN, E. Estructura de la Persona Humana. In: URKIZA, Julen; SANCHO, Francisco Javier. (Org.) *Obras Completas*. Vitoria: Ediciones El Carmen; Madrid: Editorial de Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2003. v. 4: Escritos antropológicos y pedagógicos. p. 575.

valor do respeito e de uma postura em favor do que é essencial no desenvolvimento integral do educando, buscando enxergá-lo como pessoa na unidade e totalidade do ser.

Destacando a exigência de transcendência e de objetividade, Edith Stein incita os educadores a reconhecerem-se e a assumirem-se como corresponsáveis pela formação humana. Para a autora, é preciso solidez no ato pedagógico, não recomendando, assim, submissões ao supérfluo ou inconstância no manejo docente. Stein percebe o educador como importante pilar onde as pessoas podem alicerçar não só o conhecimento intelectual, mas também seu desenvolvimento integral.<sup>67</sup>

Aos educadores convém, no gesto pedagógico, apurar a percepção para a unicidade da pessoa e contribuir com a formação que parte do interior para o exterior, em um movimento que irradia a partir de um centro, o núcleo genuíno presente em cada educando. Para que a autenticidade da formação se efetive, a educação deve partir de um movimento “desde dentro”, focando menos no acidental e mais no essencial.

Especificamente ao educador católico, Edith Stein versa sobre o valor inalienável diante da natureza de cada ser, aliada à responsabilidade e à confiança em Deus: uma pedagogia em uníssono aos valores eternos. Para a educadora, o respeito à primazia da pessoa deve ser tão caro ao educador que chega a considerar como ponto de partida “uma profunda veneração e um santo respeito diante dos jovens cuja educação lhe é confiada. Foram criados por Deus e são portadores de uma missão divina”.<sup>68</sup> A partir desse princípio, a função pedagógica conjuga responsabilidade e confiança e suscita no educando uma apropriação da educação e autoeducação com a mesma gênese.<sup>69</sup>

---

<sup>67</sup> RUS, Éric de. *Uma visão Educativa de Edith Stein: Aproximação a um Gesto Antropológico Integral*. Belo Horizonte: Artesã, 2015. p. 101.

<sup>68</sup> STEIN, E. Estructura de la Persona Humana. In: URKIZA, Julen; SANCHO, Francisco Javier. (Org.) *Obras Completas*. Vitoria: Ediciones El Carmen; Madrid: Editorial de Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2003. v. 4: Escritos antropológicos y pedagógicos. p. 574. “*una profunda veneración y un santo respeto ante los jóvenes cuya educación se le confía. Han sido creados por Dios y son portadores de una misión divina.*”

<sup>69</sup> STEIN, E. Estructura de la Persona Humana. In: URKIZA, Julen; SANCHO, Francisco Javier. (Org.) *Obras Completas*. Vitoria: Ediciones El Carmen; Madrid: Editorial de Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2003. v. 4: Escritos antropológicos y pedagógicos. p. 576.

## 1.9 EDITH: MÁRTIR DA VERDADE E DO AMOR

A agudez de pensamento de Edith Stein entrelaçou-se diretamente com sua experiência de vida. Holocausto é uma palavra que está em seu nascimento e em sua morte. Nascida na Festa da Expição judaica, morreu como cristã, conduzida com a veste da ordem carmelita, ao maior símbolo do holocausto nazista, o campo de extermínio de Auschwitz II – Birkenau. Em uma leitura teológica, sua gênese pode ser considerada um prenúncio para sua entrada na eternidade. Diante da morte eminente, Stein livremente permaneceu unida ao povo do qual era proveniente. Cultivava importante respeito e afeto a sua gênese judaica. Identificava-se com o próprio Cristo nascido judeu.

Na homilia de canonização de Edith Stein, pela qual foi proclamada Santa Mártir da Igreja Católica, o Papa São João Paulo II ressalta:

O amor torna o sofrimento fecundo e este aprofunda aquele. Através da experiência da Cruz, Edith Stein pôde abrir um caminho rumo a um novo encontro com o Deus de Abraão, Isaac e Jacob, Pai de nosso Senhor Jesus Cristo. A fé e a cruz revelaram-se-lhe inseparáveis. Amadurecida na escola da Cruz, ela descobriu as raízes às quais estava ligada a árvore da própria vida. Compreendeu que lhe era muito importante “ser filha do povo eleito e pertencer a Cristo não só espiritualmente, mas inclusive mediante um vínculo sanguíneo”.<sup>70</sup>

Sua morte também conferiu um gesto de conversão ao povo alemão, sobretudo àqueles que se tornaram seus algozes. Em seu testamento espiritual, profere:

Desde já, aceito a morte que Deus me destinou, enfrentando-a com alegria, em perfeita submissão à sua santíssima vontade. Peço o Senhor que aceite minha vida e minha morte para sua glória e louvor, por todas as necessidades [...] da Igreja [...] e para que o Senhor seja aceito pelos seus, e seu Reino venha em glória, pela salvação da Alemanha e pela paz no mundo; enfim pelos meus

<sup>70</sup> Homilia de canonização de Edith Stein proferida pelo Papa João Paulo II em 11.10.1998. (JOÃO PAULO II. *Homilia do papa João Paulo II na cerimônia de canonização de Edith Stein*. 11 out. 1998. Disponível em: [/w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/homilies/1998/documents/hf\\_jp-ii\\_hom\\_11101998\\_stein.html](http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/homilies/1998/documents/hf_jp-ii_hom_11101998_stein.html).>. Acesso em: 21 de maio de 2017).

parentes vivos e falecidos, e por todos os que Deus me deu: que nenhum deles se perca.<sup>71</sup>

Com isso, a vida e os escritos de Edith Stein conduzem ao mistério pascal de Cristo, como eixo articulador entre o humano e o divino. Stein depositou sua fé em Jesus Cristo como Verbo Encarnado, Morto e Ressuscitado. Contemplado por Edith, sobretudo na significação da cruz, remete à esperança cristã na eternidade em unidade com Deus, partindo de uma profunda vida de sabedoria, oração e exercício de amor-doação aos demais. Assumiu a cruz como bendita, um mistério de fecundo amor, com a coragem de se ofertar até o fim e com a qual se identificou em seu nome religioso: Teresa Benedita da Cruz.

Profere São João Paulo II:

A cruz de Cristo! No seu constante florescimento, a árvore da Cruz dá sempre renovados frutos de salvação. Por isso, os fiéis olham com confiança para a Cruz, haurindo do seu mistério de amor a coragem e o vigor para caminhar com fidelidade nas pegadas de Cristo crucificado e ressuscitado. Assim, a mensagem da Cruz entrou no coração de muitos homens e mulheres, transformando a sua existência. Um exemplo eloquente desta extraordinária renovação interior é a vicissitude espiritual de Edith Stein. Uma jovem em busca da verdade, graças ao trabalho silencioso da graça divina, tornou-se santa e mártir: é Teresa Benedita da Cruz, que hoje repete do céu a todos nós as palavras que caracterizaram a sua existência: «Quanto a mim, que eu não me glorie, a não ser na cruz de Jesus Cristo». Hoje, [...] na Praça de São Pedro, é-me dado apresentar solenemente esta eminente filha de Israel e filha fiel da Igreja como Santa perante o mundo inteiro.<sup>72</sup>

O mesmo Papa citou, ainda, a fala de Edith Stein diante daqueles que propunham sua transferência do território holandês, para que não sofresse a represália da perseguição nazista: “Não o façais! Por que deveria eu ser excluída? A justiça não consiste acaso no fato de eu não obter vantagem do meu batismo? Se não posso compartilhar a sorte dos meus irmãos e irmãs, num certo sentido a minha vida é destruída”.<sup>73</sup>

<sup>71</sup> SCIADINI, P. (Org.). *Edith Stein, na força da cruz*: seleção de textos de Waltraud. Vargem Grande Paulista: Cidade Nova, 2010. p. 97.

<sup>72</sup> JOÃO PAULO II. *Homilia do papa João Paulo II na cerimônia de canonização de Edith Stein*. 11 out. 1998. Disponível em: [/w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/homilies/1998/documents/hf\\_jp-ii\\_hom\\_11101998\\_stein.html](http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/homilies/1998/documents/hf_jp-ii_hom_11101998_stein.html). Acesso em: 21 maio 2017.

<sup>73</sup> JOÃO PAULO II. *Homilia do papa João Paulo II na cerimônia de canonização de Edith Stein*. 11 out. 1998. Disponível em: [/w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/homilies/1998/documents/hf\\_jp-ii\\_hom\\_11101998\\_stein.html](http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/homilies/1998/documents/hf_jp-ii_hom_11101998_stein.html). Acesso em: 21 maio 2017.

Considera João Paulo II que seu ideal de liberdade e inquietante desejo pela verdade mantiveram-na na experiência da busca. A experiência dessa mulher, que enfrentou os desafios de um século atormentado, em um mundo acostumado ao permissivismo, confundindo verdade com opinião da maioria, a faz figurar como alguém que transcendeu as superficialidades em busca do sentido profundo. Na atmosfera onde é difundida a convicção de que liberdade e amor não necessariamente pactuam, Edith Stein afirmou, com sua vida, que verdade, liberdade e amor se entretêm em uma relação intrínseca.

A sua mente não se cansou de investigar e o seu coração de esperar. Percorreu o árduo caminho da filosofia com ardor apaixonado e no fim foi premiada: conquistou a verdade; antes, foi por ela conquistada. De fato, descobriu que a verdade tinha um nome: Jesus Cristo, e a partir daquele momento o Verbo encarnado foi tudo para ela.<sup>74</sup>

Na santidade de sua vida, Stein percebeu que só quem se une ao amor de Cristo se torna verdadeiramente livre. Afirma “Quem procura a verdade, consciente ou inconscientemente, procura a Deus”.<sup>75</sup> Ainda, em sua homilia, São Papa João Paulo II acentua que Santa Teresa Benedita da Cruz é “Mártir por amor”:

Ela deu a vida pelos seus amigos e no amor não se fez superar por ninguém. Ao mesmo tempo, procurou com todo o seu ser a verdade, da qual escrevia: «Nenhuma obra espiritual vem ao mundo sem grandes sofrimentos. Ela desafia sempre o homem inteiro». A Irmã Teresa Benedita da Cruz diz a todos nós: Não aceiteis como verdade nada que seja isento de amor. E não aceiteis como amor nada que seja isento de verdade!

A razão humana, isoladamente, não poderá absorver a grandeza desse mistério. Nas páginas sobre “A Ciência da Cruz”, Stein, percorreu a pedagogia ao qual impregnou sua vida e pode experimentar o esvaziamento de si na forma com que abraçou sua própria cruz.

<sup>74</sup> JOÃO PAULO II. *Homilia do papa João Paulo II na cerimônia de canonização de Edith Stein*. 11 out. 1998. Disponível em: [/w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/homilies/1998/documents/hf\\_jp-ii\\_hom\\_11101998\\_stein.html](http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/homilies/1998/documents/hf_jp-ii_hom_11101998_stein.html). Acesso em: 21 maio 2017.

<sup>75</sup> JOÃO PAULO II. *Homilia do papa João Paulo II na cerimônia de canonização de Edith Stein*. 11 out. 1998. Disponível em: [/w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/homilies/1998/documents/hf\\_jp-ii\\_hom\\_11101998\\_stein.html](http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/homilies/1998/documents/hf_jp-ii_hom_11101998_stein.html). Acesso em: 21 maio 2017.

João Paulo II considerou a santidade de Edith Stein como um exemplo de compromisso no serviço da liberdade e na busca da verdade. Recomenda que o testemunho de Stein sirva para aumentar, inclusive, a solidez da recíproca compreensão entre judeus e cristãos.

## 2 A FORMAÇÃO HUMANA EM EDITH STEIN – O SENTIDO DE SER PESSOA

Para Edith Stein, a concepção de pessoa está ligada a estrutura especificamente humana e pessoal ao qual denomina de forma. Tal característica, não refere-se somente como “forma *corporis*, mas como forma de tudo o que o ser humano é enquanto animal e espiritual.”<sup>76</sup> Ontologicamente, a forma traz características estruturais e também, as qualidades singulares do indivíduo. “Não há no ser humano, uma pluralidade de formas, mas uma *forma substancial*. Então, o indivíduo humano não é um exemplar da espécie humana universal, mas determinado por uma forma substancial própria e única.”<sup>77</sup>

Enquanto “pessoa” e “pessoa livre”, Edith Stein pondera uma *determinação essencial* fundada na *estrutura* do ser; e também um destino teleológico, remetido à liberdade, responsabilidade e esforços da atividade humana.<sup>78</sup> A forma adquirida pelo ser, provém tanto da capacidade do “eu” de *formar* a si mesmo, quanto da forma como uma estrutura reguladora e unificadora do organismo e suas faculdades naturais.<sup>79</sup>

Edith Stein confronta-se com a necessidade de reconhecer dois conceitos de forma. Primeiro, a alma humana como possuidora de uma “forma” interna, singular e própria, unificada ao corpo vivo, originariamente determinada pelas particularidades da interioridade humana, em um nível de individuação subjetiva. Pode-se chamar essa forma de “forma inata” da alma individual.<sup>80</sup> Uma segunda análise, remete a “forma” *recebida*, resultante de um processo de formação.<sup>81</sup>

O conceito de formação humana, desenvolvido por Edith Stein, parte do seguinte pressuposto: para ser, de fato, humana, a formação deve dedicar-se ao processo integral, integrado e integrador. Tal dedicação só encontrará sentido se debruçar-se prioritariamente sobre a pessoa. Alicerçada em sua antropologia integral, a proposta formativa steiniana indica caminhos harmonizados e uma práxis responsável, em que todos os interlocutores no

<sup>76</sup> SBERGA, Adair Aparecida. *A Formação da Pessoa em Edith Stein*. São Paulo: Paulus, 2014. p. 120.

<sup>77</sup> SBERGA, Adair Aparecida. *A Formação da Pessoa em Edith Stein*. São Paulo: Paulus, 2014. p. 120.

<sup>78</sup> LAVIGNE, Jean-François. Alma, corpo e espírito segundo Edith Stein: uma renovação fenomenológica do pensamento aristotélico-tomasiano. *Revista TQ: Teologia em Questão*, Taubaté, v. 15, p. 101-124, jul./dez. 2016. p. 112-113.

<sup>79</sup> LAVIGNE, Jean-François. Alma, corpo e espírito segundo Edith Stein: uma renovação fenomenológica do pensamento aristotélico-tomasiano. *Revista TQ: Teologia em Questão*, Taubaté, v. 15, p. 101-124, jul./dez. 2016. p.113

<sup>80</sup> LAVIGNE, Jean-François. Alma, corpo e espírito segundo Edith Stein: uma renovação fenomenológica do pensamento aristotélico-tomasiano. *Revista TQ: Teologia em Questão*, Taubaté, v. 15, p. 101-124, jul./dez. 2016. p.121

<sup>81</sup> LAVIGNE, Jean-François. Alma, corpo e espírito segundo Edith Stein: uma renovação fenomenológica do pensamento aristotélico-tomasiano. *Revista TQ: Teologia em Questão*, Taubaté, v. 15, p. 101-124, jul./dez. 2016. p.122

processo – sujeitos em formação e agentes formadores – devem estar envolvidos como um “eu”. Como um “eu” assume-se com a singularidade de sua potência, em percurso de aperfeiçoamento, capaz de consciência e responsável por suas ações e por seu desenvolvimento próprio e social.

Na obra “A Estrutura da Pessoa Humana” (*Der Aufbau der menschlichen Person*)<sup>82</sup>, Edith Stein sugere a pró-atividade em aproximar-se das peculiaridades e das marcas pessoais, não as subordinando aos termos generalizados na condução pedagógica. Tal processo não reduz a formação, retirando-lhe a instrução, o rigor técnico e o viés de desenvolvimento das habilidades e competências, mas percebe que estes são meios subordinados e integrados à inteireza da pessoa humana.

Edith Stein dedicou-se ao estudo de um “projeto educativo que visasse à formação do valor individual da personalidade”<sup>83</sup>, observando a singularidade do sujeito, sem considerá-lo “como um exemplar ou um simples repetidor da espécie”.<sup>84</sup>

Segundo a autora, o desenvolvimento pessoal acontece através do entrelaçamento de diversos fatores que constituem a estrutura particular de cada ser humano: suas inclinações, disposições genéticas, potências originárias, valores, afetos, tradições, concepções e influências do meio sociocultural. Sem a análise desse todo globalizante, associada à visão nuclear da singularidade do sujeito, a ação formativa torna-se segmentada e fragilizada.

Apontada por Stein como um processo de crescimento e de constituição de uma forma, a formação procede do meio interno, estendendo-se ao meio externo, necessitando dos auxílios exteriores em um gesto dinâmico e interativo. A formação (*Bildung*) não deve reduzir-se à posse exterior de um saber, mas a forma (*Gestalt*) assumida pela personalidade humana, influenciada por múltiplas forças formadoras.

Na língua alemã, o substantivo “*bildung*” possui uma definição com maior amplitude do que a tradução em língua portuguesa, *formação*. “*Bildung*” engloba o significado das

---

<sup>82</sup> Edith Stein segue o método fenomenológico, mas seu conteúdo sistematicamente desenvolvido clareia o significado original do ser humano e sua vocação. Suas análises fundamentam a necessidade de conhecimento antropológico para aqueles que têm a tarefa formativa. STEIN, Edith. *Estructura de la Persona Humana*. In: URKIZA, Julen; SANCHO, Francisco Javier. (Org.) *Obras Completas*. Vitória: Ediciones El Carmen; Madrid: Editorial de Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2003. v. 4: *Escritos antropológicos y pedagógicos*. p. 556.

<sup>83</sup> ALFIERI, Francesco. *Pessoa Humana e singularidade em Edith Stein*. São Paulo: Perspectiva, 2014. p. 94.

<sup>84</sup> ALFIERI, Francesco. *Pessoa Humana e singularidade em Edith Stein*. São Paulo: Perspectiva, 2014. p. 95.

expressões “instrução”, “educação”, “formação” e “cultura”, porém, semanticamente, esse termo é aplicado no sentido ativo: “*bildung*” pode ser compreendido como esforço de formação.

Interessante é perceber que na expressão germânica, o verbo “educar” (*erziehung*) está subordinado ao verbo *formar* (*bilden*). Nos escritos de Edith Stein, raramente é utilizado “*erziehung*” (educar) e frequentemente “*bildung*” (formação). Eis a relação: a formação resulta do processo educativo; e a educação é o ato diligente em formar a pessoa.<sup>85</sup>

Para Edith Stein, a formação constitui-se como um instrumento refinado capaz de conduzir não só ao conhecimento, mas plasmar a pessoa para que alcance sabedoria de vida. Analisando as ideias filosóficas e pedagógicas da autora, percebe-se que formar (*bilden*) não é somente dar forma a uma matéria-prima. No caso da formação humana, formar é dar possibilidade ao ser de construir-se segundo uma imagem.<sup>86</sup> O sujeito do ato formativo é a pessoa inteira de forma vivaz e ativa.

Na análise steiniana, prepondera o conceito de formação referindo-se à totalidade da construção do homem.

A formação, portanto, não se limita a propor um conjunto de conteúdos teóricos, como tantas vezes se constata, todavia é um percurso de autoconhecimento, realizado com métodos e princípios, para fazer desabrochar as potencialidades do ser humano, aquelas que estão inerentes no ser e que precisam ser atualizadas. Ao mesmo tempo é um processo de autoaperfeiçoamento e refinamento das capacidades e qualidades pessoais, com a função de propiciar relações intra e interpessoais harmônicas e saudáveis.<sup>87</sup>

Partindo da primazia da pessoa, Stein sustenta que a pedagogia constrói-se superficialmente se não interroga-se diante de “Quem é o homem?” e “Qual a imagem

<sup>85</sup> SBERGA, Adair Aparecida. *A Formação da Pessoa em Edith Stein*. São Paulo: Paulus, 2014. p. 21.

<sup>86</sup> STEIN, E. Sobre el Concepto de Formación. In: URKIZA, Julen; SANCHO, Francisco Javier. (Org.) *Obras Completas*. Vitória: Ediciones El Carmen; Madrid: Editorial de Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2003. v. 4: Escritos antropológicos y pedagógicos. p. 187.

<sup>87</sup> SBERGA, A. A.; MASSIMI, M. A formação da pessoa em Edith Stein. In: MAHFOUD, M.; MASSIMI, M. (Orgs.). *Edith Stein e a Psicologia: teoria e pesquisa*. Belo Horizonte: Artesã, 2013. p. 168.

segundo a qual a alma a de ser plasmada?”.<sup>88</sup> A autora, assim, desafia a formação a declinar-se sobre a pessoa, descobrindo o humano no ser humano.

Para Edith Stein, “pessoa” (*person*) designa o ser humano que se distingue pela capacidade de reflexão, autorreflexão, constituição de valores e comunicação. É o ser que tem em si a especificidade de ser livre e espiritual, expressando-se através de atos intencionais; é o “si mesmo”, o “eu” consciente, marcado por individualidade e, também, pela condição espiritual da espécie humana. Sede da consciência e da liberdade, o espírito eleva a pessoa ao que há de mais perfeito na natureza, visto que supera a vitalidade dos vegetais e a vitalidade e a sensibilidade dos animais.

O ser humano, de acordo como Stein, é sensível, vital e espiritual. Como pessoa, diferente do animal, é alguém que diz de si mesmo como um “eu”.<sup>89</sup> Edith Stein exemplifica essa afirmação ponderando que, ao fixarmos as pessoas nos olhos, o olhar responde permitindo ou não penetrar sua interioridade. Senhor de sua interioridade, o ser humano pode abrir-se ou fechar-se ao outro. Quando as pessoas se olham, colocam-se frente a frente. Trata-se de um encontro de interioridade, entre um “eu” e um “tu”.

Percebe-se em Edith Stein a análise da especificidade da pessoa presente nessa capacidade de abrir-se e voltar-se para si mesmo, em um exercício de liberdade e responsabilidade, em um ato reflexivo-espiritual, sentindo a necessidade de formar-se a si mesmo e de relacionar-se com os demais. É o ser capaz de reconhecer o outro como seu semelhante, e estando em si, transcender a si, em reciprocidade, junto aos demais.

Em sua tese doutoral, “O problema da empatia” (*Zum Problem der Einfühlung*), a concepção steiniana de pessoa é apontada como ente dotado de “legalidade racional da vida espiritual”.<sup>90</sup> Para Edith Stein, ser pessoa significa existir espiritualmente.

Em “Ser finito e ser eterno” (*Endliches und ewiges Sein: Versuch eines Aufstieges zum Sinn des Seins*), a pessoa é apresentada por Stein como o ser que permanece em si, saindo

---

<sup>88</sup> STEIN, E. Sobre el Concepto de Formación. In: URKIZA, Julen; SANCHO, Francisco Javier. (Org.) *Obras Completas*. Vitoria: Ediciones El Carmen; Madrid: Editorial de Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2003. v. 4: Escritos antropológicos y pedagógicos. p. 187.

<sup>89</sup> STEIN, E. Estructura de la Persona Humana. In: URKIZA, Julen; SANCHO, Francisco Javier. (Org.) *Obras Completas*. Vitoria: Ediciones El Carmen; Madrid: Editorial de Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2003. v. 4: Escritos antropológicos y pedagógicos. p. 648.

<sup>90</sup> STEIN, E. *El Problema de la Empatía*. Madrid: Editorial Trotta, 2004. p. 131.

de si.<sup>91</sup> Na parte VII da obra, a fenomenóloga resgata o termo “pessoa” a partir de definições de autores medievais. Edith Stein evoca Santo Tomás de Aquino, a partir das definições do artigo 1 da questão 29 da Primeira Parte da “Suma Teológica”, ressaltando: **pessoa** é uma **essência** individual de natureza racional.

Segundo Juvenal Savian Filho, a elaboração que Santo Tomás de Aquino apresenta parte da definição formulada por Boécio (480-525): “pessoa é a substância individual de natureza racional”.<sup>92</sup>

Sob o ângulo dessa conjunção é possível compreender por que Edith Stein, citando a definição boeciana de pessoa, substitui o termo substância, usado pelo filósofo romano, por essência: a filósofa não desejava simplesmente repetir a definição que percorreu os séculos e centrava-se numa posição estática (pela ênfase na substância), mas pretendia esclarecer o sentido do ser pessoal ou a essência do ser individual dotado de espiritualidade, chegando a uma posição mais dinâmica (pela ênfase na condição ou no modo de ser substância e não na substância mesma).<sup>93</sup>

Santo Tomás identifica tal argumento como possível à antropologia, mas não à teologia. A definição, embora possível para designar substância humana, é incapaz de exprimir a realidade da essência divina em sua questão trinitária. Na esteira de Santo Tomás, a extensão da obra steiniana vai delineando a concepção de pessoa e sistematizando-a, partindo da filosofia e ancorando-se na teologia, na qual a Trindade torna-se o

<sup>91</sup> STEIN, E. *Ser Finito y Ser Eterno*: Ensayo de una ascensión al sentido del ser. México: Fondo de Cultura Económica, 1996. p. 376

<sup>92</sup> Segundo Prof. Dr. Juvenal Savian Filho, para enfatizar a individualidade da substância, Boécio fixou o termo “pessoa” (“*prósopon*”, em grego; “*persona*”, em latim), esclarecendo que corresponde a “*hypóstasis*”, termo utilizado para marcar as substâncias dotadas de razão. Segundo Boécio, o uso do termo “pessoa” teve início no teatro grego, visto que “*prósopon*” refere-se às máscaras utilizadas em tragédias e comédias para representar personagens. “*Prósopon*” designando as máscaras postas no rosto aponta para “*pròs hôpas*”: o que está “*diante dos olhos*”. Os romanos adotaram termo correspondente traduzido por “*persona*”, para os cultos dirigidos a deusa Perséfone ao qual utilizavam uma máscara. “*Persona*” passou a indicar o “*falar através de*” (“*per*” e “*sonare*”). Embora a origem do termo pessoa conduza a elementos práticos, o uso da máscara teatral remetia a possibilidade humana de superar o determinismo em atitude livre. Daí deriva-se a palavra “personalidade” como sinônimo de liberdade ou de capacidade individual de autodeterminar-se em meio aos condicionamentos da vida. Em uso teológico, principalmente após Boécio, a referência fixa-se na existência humana apontando para sua individualidade. Cf. SAVIAN FILHO, J. A Antropologia filosófico-teológica de Edith Stein na história do conceito de pessoa. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE ANTROPOLOGIA TEOLÓGICA, 1., 2016, Porto Alegre. *Anais eletrônicos...* Porto Alegre: Edipucrs, 2016. p. 1-27. Disponível em: <<http://ebooks.pucrs.br/edipucrs/anais/seminariointernacionaldeantropologiateologica/#!/trabalhos>>. Acesso em: 04 jun. 2017.

<sup>93</sup> SAVIAN FILHO, J. A trindade como arquétipo da pessoa humana: a inversão steiniana da analogia trinitária. *Revista Teologia em Questão*. Taubaté, v. 15, p. 293-315, 2016.

embasamento para esclarecer a essência da pessoa: “o mistério trinitário torna-se o arquétipo perfeito para a compreensão da pessoa humana”.<sup>94</sup>

Como reflexo da Deus, Uno e Trino, justamente pela característica de unidade e comunhão, a pessoa humana possui estrutura *ad intra* e *ad extra* (“para dentro” e “para fora”). Interioridade e exterioridade: como ser singular e de unidade indissociável, a pessoa humana também possui caráter relacional. A imagem trinitária pericorética das pessoas divinas não constituem uma tríade, assim como a pessoa humana não possui três dimensões isoladas ou justapostas, mas uma unidade corpo-psique-espírito. Sem dissolver sua individualidade, a pessoa pode abrir-se ao que ela não é – às outras pessoas e ao ente divino. Assim, o ser humano como pessoa é unidade e relação. A permanência em si, transcendendo a si, torna possível ao ser a realização do amor; e o amor não se realiza senão em Deus.<sup>95</sup>

## 2.1 O SENTIDO DA CORPOREIDADE HUMANA

Para Edith Stein, ainda que o gesto formativo vise atingir a essência da pessoa, isso não será possível sem a compreensão da interioridade manifestada pela corporeidade. Na ótica steiniana, o corpo humano tem sentido fundamental, porém deve ser distinguido entre corpo físico/massa corpórea (*Körper*) e corpo próprio/corpo animado (*Leib*).

O que é corpóreo nunca é apenas corpóreo. O que diferencia o corpo animado (*Leib*) de uma simples massa corpórea (*Körper*) é a existência de uma alma. Onde existe um corpo animado, existe também uma alma. Reciprocamente, onde existe uma alma, existe também um corpo animado. Um objeto físico sem alma é apenas uma massa corpórea e não um corpo animado vivo.<sup>96</sup>

<sup>94</sup> SAVIAN FILHO, J. A trindade como arquétipo da pessoa humana: a inversão steiniana da analogia trinitária. *Revista Teologia em Questão*. Taubaté, v. 15, p. 293-315, 2016.

<sup>95</sup> SAVIAN FILHO, J. A trindade como arquétipo da pessoa humana: a inversão steiniana da analogia trinitária. *Revista Teologia em Questão*. Taubaté, v. 15, p. 293-315, 2016.

<sup>96</sup> STEIN, E. *Ser Finito y Ser Eterno*: Ensayo de una ascensión al sentido del ser. México: Fondo de Cultura Económica, 1996. p. 383. “lo que es corporal no es jamás solamente corporal. Lo que diferencia el cuerpo animado de una simple masa corpórea es la existencia de un alma. Allí en donde hay un cuerpo animado, existe también un alma. Y recíprocamente, donde hay un alma, existe también un cuerpo animado. Un objeto físico sin alma es sólo una masa corporal y no un cuerpo animado viviente.”

O corpo físico (*Körper*) apresenta-se como um objeto entre outros objetos, ocupando lugar no espaço e distinguindo-se dos demais. O corpo vivo (*Leib*) caracteriza-se pelo corpo orgânico interpenetrado por um “eu”, consciente de si: “Sentindo-o eu o percebo como nenhuma outra coisa me pertence e, portanto, este corpo deixa de ser um objeto entre os outros, para ser o meu corpo, fechado em si mesmo e indivisível”.<sup>97</sup>

O corpo próprio envolve todos os aspectos do eu psicofísico, visto que se encontra animado pela força vital infundida na dimensão física. O termo *Leib* é reservado por Edith Stein, para tratar do ser vivo racional – ser capaz de tomar consciência de sua própria corporeidade por meio de reiterados processos perceptivos e reflexivos.<sup>98</sup> Nesse aspecto, as **sensações** captadas exercem fundamental papel, uma vez que fazem a ligação entre o “eu” e o corpo vivo, interpenetrando a integralidade do ser.

Edith Stein confere ao termo *sensação (empfindung)* um sentido próprio. Em alemão, “*empfindung*” é a expressão formada a partir do verbo “*finden*”, que, traduzindo ao português, conjuga os termos, encontrar e sentir. A **sensação** não é mera capacidade corpórea. É a capacidade que o corpo anímico possui de sentir algo que lhe vem ao encontro.<sup>99</sup>

A apreensão do corpo vivo ocorre dentro de um processo anímico sensitivo, inteiro e unificado. Conforme Edith Stein, “indivíduo: é um objeto unitário, no qual a unidade da consciência de um eu e um corpo físico se conjugam indissolúvelmente”.<sup>100</sup>

O corpo humano orgânico, composto por energias físico-químicas e capacidade sensorial, traz a constituição originária de alicerçar a vida psíquica e espiritual. Assim, para a filósofa, o cuidado com o corpo físico é confiado à pessoa, e acentua que as atitudes de higiene, alimentação equilibrada e práticas de exercícios regulam uma vida em equilíbrio. Edith Stein ressalta que a negligência ao corpo produz alterações funcionais e, com isso, a vida interna altera-se. O vigor do corpo favorece o vigor psíquico e espiritual: “quanto mais

<sup>97</sup> KUSANO, Mariana Bar. *A Antropologia de Edith Stein: entre Deus e a filosofia*. São Paulo: Ideias & Letras, 2014. p. 70-71.

<sup>98</sup> ALFIERI, Francesco. *Pessoa Humana e singularidade em Edith Stein*. São Paulo: Perspectiva, 2014. p. 64.

<sup>99</sup> ALFIERI, Francesco. *Pessoa Humana e singularidade em Edith Stein*. São Paulo: Perspectiva, 2014. p. 141.

<sup>100</sup> STEIN, E. *El Problema de la Empatía*. Madrid: Editorial Trotta, 2004. p. 75. “o individuo: un objeto unitario en el que la unidad de conciencia de un yo y un cuerpo físico se ayuntan inseparablemente.”

perfeitamente se desenvolva o organismo como tal, mais perfeito será como fundamento, expressão e instrumento da alma humana espiritual-pessoal”.<sup>101</sup>

A totalidade corpo-alma caracteriza-se por um pensamento marcante em Edith Stein. O corpo não pode ser visto dissociado da alma, pois, assim, se reduziria à matéria. O corpo sem alma é um corpo morto. A alma “é por sua própria natureza o centro de um ser psico-físico, é ligada a um corpo que ela anima e do qual extrai forças”.<sup>102</sup>

O ser humano, enquanto integralidade, não deve restringir-se à corporeidade material, visto que a pessoa não se resume ao seu corpo físico, mas constitui-se como **corpo próprio**. Ainda que seja considerado um objeto inserido no mundo físico, o corpo difere de uma simples massa corpórea. O corpo vivo encontra-se como espaço das manifestações da alma. É através da corporeidade que se expressam as emoções, sentimentos e pensamentos. Por meio da receptividade, o corpo capta igualmente a exterioridade, mas é a interioridade que acomodará as impressões extraídas do meio.

Aqui se ressalta o aspecto perceptivo em relação ao corpo. A **percepção** (*wahrnehmung*) torna-se fundamental para a formação. “A palavra latina ‘perceptivo’ possui etimologicamente a mesma característica da palavra grega, *dianoia*, isto é, possui o caráter de uma apreensão dos dados que se mostram à consciência por meio do pensamento”.<sup>103</sup> **Percepção** não é só sensitiva. É a apreensão de um sentido determinado e preciso que se apresenta na consciência.

Em relação ao sentido do corpóreo, através da **percepção**, pode-se apreender a totalidade. Qualquer dissociação da integralidade do ser conduziria o ser humano para uma vida meramente instintiva. “Mediante essa percepção (a pessoa) é consciente de si mesma, não meramente uma corporeidade, mas sim um todo eu corporal-anímico-espiritual”<sup>104</sup>,

<sup>101</sup> STEIN, E. Estructura de la Persona Humana. In: URKIZA, Julen; SANCHO, Francisco Javier. (Org.) *Obras Completas*. Vitoria: Ediciones El Carmen; Madrid: Editorial de Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2003. v. 4: Escritos antropológicos y pedagógicos. p. 659. “*Cuanto más perfectamente se desarrolle el organismo como tal, más perfecto será como fundamento, expresión e instrumento del alma humana espiritual-personal.*”

<sup>102</sup> KUSANO, Mariana Bar. *A Antropologia de Edith Stein: entre Deus e a filosofia*. São Paulo: Ideias & Letras, 2014. p. 80.

<sup>103</sup> ALFIERI, Francesco. *Pessoa Humana e singularidade em Edith Stein*. São Paulo: Perspectiva, 2014. p. 139.

<sup>104</sup> STEIN, E. Estructura de la Persona Humana. In: URKIZA, Julen; SANCHO, Francisco Javier. (Org.) *Obras Completas*. Vitoria: Ediciones El Carmen; Madrid: Editorial de Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2003. v. 4: Escritos antropológicos y pedagógicos. p. 594. “*Mediante esa percepción soy consciente de mí mismo, no meramente de la corporalidad, sino de todo el yo corporal-anímico-espiritual*”

desenvolvendo autodomínio diante dos impulsos físicos, transcendendo ao reducionismo do domínio instintivo.

Na análise steiniana, a formação tem de abarcar a inteireza do ser, tanto o seu corpo como a sua alma. Para isso, é importante o conhecimento da estrutura humana, as funções e as leis evolutivas do corpo humano. Assim, será possível fomentar seu desenvolvimento natural. Com o mesmo grau de importância, o trabalho formativo deve conhecer as leis gerais da vida anímica do ser humano.

Outro aspecto aborda a compreensão do ambiente circundante. A percepção sensorial de si difere-se da percepção sensorial do corpo do outro – seja outro corpo próprio: outra pessoa; ou outro corpo material: um objeto inanimado. A apreensão do corpo pelo “eu” traz peculiaridades que “não se reduzem às percepções sensoriais, mas se estendem a todas as afecções da dimensão psíquica”.<sup>105</sup>

Na análise do itinerário da vida humana, percebe-se que as primeiras aprendizagens do bebê se caracterizam justamente pela apropriação de si mesmo a partir do corpo sensorial, na medida em que o ser reconhece-se como um “eu” diferente do “outro”. Desse modo, compreende-se que a interioridade não é possível de ser reconhecida a partir dela mesma, mas exige o corpo para tal aprendizagem. Nesse sentido, Alfieri explica:

No campo sensorial em que está inserido, o *Leib* é o ponto zero de orientação de um mundo espacial; somente nos tornamos conscientes de uma corporeidade própria, deparando com outros corpos nesse campo, dos quais, de modo geral, temos uma percepção meramente externa, identificando-os como contrapostos a mim (não são eu). Dentre esses “não eu”, conseguimos diferenciar não só os corpos animados ou inanimados, como também gradualmente, distinguimos dentre os animados, outros *Leibe* como nós, ou seja: identifico estar diante de outro corpo como o meu, que também se apresenta como um campo sensorial com seu ponto zero de orientação.<sup>106</sup>

A autoconsciência do corpo próprio como um “eu” e dos demais corpos próprios como “outros” remete a uma formação que identifique as singularidades pessoais, mas, sobretudo, caracterize os seres humanos como semelhantes. A formação, assim, ganha um caráter transcendente, pois aponta para as diferenças singulares não como opostas.

<sup>105</sup> ALFIERI, Francesco. *Pessoa Humana e singularidade em Edith Stein*. São Paulo: Perspectiva, 2014. p. 65.

<sup>106</sup> ALFIERI, Francesco. *Pessoa Humana e singularidade em Edith Stein*. São Paulo: Perspectiva, 2014. p. 65.

O “outro”, percebido como semelhante com particularidades, não se configura como adversário. Esse processo formativo remete a apropriação de si, observando o “outro” como um ser que também constituído por um “eu”, e que, em suas características de personalidade, pode entrar em uma relação de reciprocidade, constituindo um “nós”.

Dentro das especificidades da corporeidade, Edith Stein observa as características próprias da sexualidade, visto que esta é uma dimensão constitutiva da conexão corpo-mente-espírito. A sexualidade não está na esfera do ter, mas na esfera do ser, pois provém e incide na identidade da pessoa.

Com isso, para Edith Stein, masculinidade e feminilidade se correlacionam. A distinção sexuada na humanidade não supõe discriminação ou submissão, mas particularidades de seres em igual dignidade. A formação, na medida em que sustenta a significação do corpo vivo em sua essência, legitima que, em toda a presença humana, na gênese de sua encarnação, encontra-se dotada de inalienável valor.

## 2.2 A RELAÇÃO ENTRE PSIQUE E ALMA

O psiquismo humano refere-se à dimensão correspondente às vivências dos estados emotivos, sensibilidade, impulsos, instintos, intensidade afetiva e operações que qualificam as ações. Diferente da dimensão corpórea, vinculada à exterioridade, a experiência psíquica concerne à interioridade. Apesar da inter-relação na unidade da pessoa humana, nem sempre a psique é manifestada e/ou percebida em sua amplitude. Dentre as potencialidades psíquicas, podem ser citadas, em linhas gerais, a sensação do prazer e do desprazer, a emoção, sentimentos vitais, o desejo, a constatação instintiva entre o útil e o danoso e o estado de ânimo. Os fenômenos psíquicos radicam-se na espacialidade interior, compondo-se de energia, vitalidade e intensidade.

Segundo Edith Stein, a profundidade de interioridade, para além da reatividade impulsiva, é uma característica de base propriamente humana. Visto que, além das condições externas, por vezes desfavoráveis ao desenvolvimento humano, há uma

interioridade singular com vigor próprio, que garante ao ser, não aderir inteiramente à submissão diante das condições circundantes.

Quando vemos uma planta ou um animal atrofiados, isto é, uma planta ou um animal cujas capacidades não se desenvolveram, atribuímos a causa da atrofia a condições de vida desfavoráveis (muitas vezes isso se deve ao ser humano que não cuidou deles como deveria ser cuidado); mas, no caso de um ser humano, também temos que levar em consideração os fatores externos mencionados, mas também é responsável a pessoa mesmo ao que se tornou, ou ao que não se tornou.”<sup>107</sup>

Considerando o contexto histórico do início do século XX, período em psique e consciência eram interpretadas por muitos manuais de psicologia como sendo o mesmo objeto, Edith Stein ocupou-se em estudar a natureza da psique, diferenciando os dois conceitos.<sup>108</sup> Para Edith Stein, a psique designa uma dimensão pertencente à realidade do mundo. Já a consciência, para além da reflexão sobre algo, caracteriza-se pela vigilância de entendimento ao que se vive. Ales Bello oferece um exemplo ilustrativo:

Tomemos o vidro da janela como comparação: olhando pela janela fechada com vidro transparente podemos observar pessoas num jardim. Podemos descrever: pessoas [...], flores, árvores... Não colocamos o vidro na lista do que descrevemos [...], embora ele esteja. O fluxo de consciência é como o vidro. Normalmente não nos interessamos por ele, mas pelas pessoas e coisas que estão além dele. Poderíamos nos interessar objeto “psique”, sem focar a consciência que está ali presente como o vidro transparente que permite nossa visão do objeto.<sup>109</sup>

As descobertas steinianas identificam a psique como una e relacional. O meio externo oportuniza a pessoa agir colocando em prática suas características psíquicas. Se a

<sup>107</sup> STEIN, E. Estructura de la Persona Humana. In: URKIZA, Julen; SANCHO, Francisco Javier. (Org.) *Obras Completas*. Vitoria: Ediciones El Carmen; Madrid: Editorial de Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2003. v. 4: Escritos antropológicos y pedagógicos. p. 648. “Cuando vemos una planta o animal que están “atrofiados”, es decir, en los que no se han desarrollado sus capacidades específicas, hacemos responsables de ello a las condiciones inadecuadas. En el caso de un hombre también tenemos en cuenta factores del tipo mencionado, pero además hacemos responsable al hombre mismo de lo que él ha llegado a ser, o de lo que no ha llegado a ser”

<sup>108</sup> KUSANO, Mariana Bar. *A Antropologia de Edith Stein: entre Deus e a filosofia*. São Paulo: Ideias & Letras, 2014. p. 76. Após sua tese sobre a empatia, Edith Stein escreve dois ensaios sobre a fenomenologia, conhecidos como *Beiträge*. Dedicou-se a entender as leis de causalidade psíquica e motivação espiritual, apontando para uma maior diferenciação entre psique e consciência e inclusive, da psicologia e da fenomenologia.

<sup>109</sup> ALES BELLO, Angela. *Pessoa e Comunidade: Comentários: psicologia e ciências do espírito de Edith Stein*. Belo Horizonte: Artesã, 2015. p. 28-29.

psique confere a unicidade da pessoa, também está aberta à multiplicidade dos fenômenos que se apresentam.

Segundo Edith Stein, a psique opera a partir da lei da **causalidade** que transita no ser psico-físico-espiritual. A causalidade para Edith Stein não aponta para a relação de causa e efeito, como nas leis físicas. **Causalidade** refere-se ao modo como os fenômenos apresentam-se na consciência e que, em muitos casos, tais fenômenos encontram-se dependentes e correlacionados a outro. Alfieri sugere um exemplo para compreender essa causalidade:

Se digo que a bola de bilhar branca é causa do movimento da bola de bilhar vermelha, isso não quer dizer que a bola branca transmitiu alguma coisa à vermelha; não observo um terceiro elemento, ao qual chamaria de causa. O que quero dizer ao afirmar que uma bola de bilhar causa o movimento da outra é que esse fenômeno, ou melhor, essa bola que se moveu, não pode, de modo algum, ser pensada sem a bola branca que a antecedeu em seu movimento (isto é, sem o fenômeno precedente).<sup>110</sup>

Assim, entende-se na questão da causalidade, não uma relação determinista, mas a relação de dependência entre as coisas mesmas. A causalidade está designada para o mundo físico e psíquico. Para o mundo espiritual, onde a dependência está relacionada à conexão dos atos da consciência, o termo utilizado é motivação.<sup>111</sup>

A partir de 1930, em diálogo com a filosofia medieval, sobretudo em busca da plausibilidade entre a fenomenologia e o tomismo, Edith Stein passa a incorporar o termo “alma”. Na sua obra “Ser Finito e ser Eterno” (*Endliches und ewiges Sein*), passa a utilizar a tríade corpo-alma-espírito. Ter alma significa possuir um centro interior, no qual se percebe o entrelaçamento entre o que vem de fora, e do qual procede tudo que se manifesta na conduta como proveniente de dentro. Trata-se de um ponto de intercâmbio, no qual impactam os estímulos e do qual saem as respostas.

---

<sup>110</sup> ALFIERI, Francesco. *Pessoa Humana e singularidade em Edith Stein*. São Paulo: Perspectiva, 2014. p. 120. O exemplo dado encontra-se no descritivo do verbete “Causalidade e Motivação” incluso no Anexo I do respectivo livro, onde consta um breve Glossário com expressões centrais da fenomenologia.

<sup>111</sup> As leis de causalidade e motivação coexistem na alma humana. Causalidade está relacionada à dimensão psíquica e motivação, à dimensão espiritual. Para fins de compreensão, optou-se em analisá-las separadamente, porém advertindo que, na integralidade humana, encontra-se em unidade.

Para Stein, a autenticidade do “eu” não se encontra somente em nível psíquico, mas confere à pessoa uma alma espiritual, que a distingue dos outros seres da natureza, diferindo o ser vivo e o ser humano. O espírito configura o que é especificamente humano, visto que, em relação às plantas e aos animais, o único ser que pode reconhecer-se e ser reconhecido, na unidade corpo-psique-espírito, é a pessoa humana.

Nessa perspectiva, Edith Stein caracteriza a alma do ser humano,

[...] como a união entre psique e espírito. É uma dualidade, que não significa duas partes separadas, mas unidades sem contrastes, que acontece no âmago do ser. Portanto a alma é uma unidade complexa que engloba os aspectos psíquico e espiritual, que são diferenciados entre si, mas intrinsecamente unidos. O corpo humano é um corpo vivo que tem uma alma viva.<sup>112</sup>

Ampliando a ótica steiniana, na psique estão os instintos, os desejos, os impulsos e as reações. Já o espírito retrata o intelecto, a vontade e a razão. Todavia, a parte mais profunda da pessoa encontra-se na “alma da alma” residida no espírito e onde se encontra a força espiritual, a **motivação**, a liberdade e a orientação para o bem e a verdade.

Considera também Edith Stein que a transcendência ao belo, o bom e o verdadeiro são inclinações presentes na alma humana conducentes à relação com os demais.<sup>113</sup> Tais relações transcendem a subjetividade, manifestando-se em corporeidade e espiritualidade.

### 2.3 A ESPECIFICIDADE HUMANA: O SER ESPIRITUAL

Em sua busca por captar a essência específica do humano, Edith Stein exprime a pessoa como um ser espiritual. Em alemão, o termo espírito (*Geist*) não se refere à alma no sentido religioso. Também não equivale a um componente isolado como aponta o dualismo substancial, corpo e alma. “O espírito é, antes, uma dimensão humana, a qualidade

<sup>112</sup> SBERGA, Adair Aparecida. *A Formação da Pessoa em Edith Stein*. São Paulo: Paulus, 2014. p. 117.

<sup>113</sup> STEIN, E. *Ser Finito y Ser Eterno*: Ensayo de una ascensión al sentido del ser. México: Fondo de Cultura Económica, 1996. p. 308.

específica de ser racional, numa dualidade com o corpo físico, mas não no dualismo que cinde a unidade do indivíduo”.<sup>114</sup>

O espírito humano não está configurado somente pela potência da razão, mas, sobretudo, pela abertura ao encontro com o sentido, como exemplifica Ales Bello:

O bebê vive numa esfera psíquica, passiva: chora porque está se sentindo mal [...]. Também para os animais acontece assim [...]. Com o passar dos anos, vai amadurecendo a capacidade de se colocar em relação, por exemplo, por meio a linguagem. Perguntar: “por que isso?” E aquilo? E aquilo? É uma busca de sentido, que indica a manifestação de uma vida espiritual.<sup>115</sup>

É preciso apurar o entendimento steiniano sobre a manifestação da vida espiritual. “O adjetivo espiritual designa aqui o não espacial e o não material; é aquele que possui uma interioridade em um sentido certamente não espacial e que permanece em si, saindo de si mesmo”.<sup>116</sup>

O espírito, para Edith Stein, não denota uma dimensão desencarnada, opondo-se ao corpóreo. A essência do espírito refere-se à compreensão do *spiritus* como **hábito**. O espírito possui elementos como mobilidade, leveza e falta de fixação. Com isso, o espírito na alma humana pode sair de si, mover-se e soprar com liberdade, sem abandonar o vínculo espacial do corpo.<sup>117</sup> Os espíritos puros não possuem fixação corpórea. Esta é uma importante diferença entre criaturas espirituais e a pessoa humana. Na pessoa, a alma espiritual possui natureza espiritual, porém encarnada em uma unidade e totalidade.

O ser humano não tem só corpo e não tem só alma, ele é corpo e alma. A pessoa não é possuidora de dimensões justapostas, mas de dimensões vinculares. Tais dimensões não se encontram na esfera do ter, mas do ser.

<sup>114</sup> ALFIERI, Francesco. *Pessoa Humana e singularidade em Edith Stein*. São Paulo: Perspectiva, 2014. p. 32.

<sup>115</sup> ALES BELLO, Angela. *Pessoa e Comunidade: Comentários: psicologia e ciências do espírito de Edith Stein*. Belo Horizonte: Artesã, 2015. p. 61.

<sup>116</sup> STEIN, E. *Ser Finito y Ser Eterno: Ensayo de una ascensión al sentido del ser*. México: Fondo de Cultura Económica, 1996. p. 376. “Hemos designado lo espiritual como lo no espacial y lo no material; como lo que posee una interioridad en un sentido completamente no espacial y permanente en sí, cuando sale completamente de sí mismo.”

<sup>117</sup> KUSANO, Mariana Bar. *A Antropologia de Edith Stein: entre Deus e a filosofia*. São Paulo: Ideias & Letras, 2014. p. 86.

A alma do homem é o vínculo que une o corpo ao espírito, participando tanto da vida sensível, quanto da vida espiritual. O homem não é animal, nem anjo. Em sua sensibilidade não coincide com o animal, nem em sua espiritualidade com o anjo.<sup>118</sup>

A natureza integral da pessoa configura sua identidade. Por sua incompletude, o ser humano busca encontrar a plenitude. Essa trajetória marca seu ritmo de desenvolvimento. Desse modo, a pessoa humana estabelece relações que transcendem espaço e tempo, manifestando sua característica espiritual. A pessoa humana, por exemplo, é capaz de presentificar em si, o passado – na medida em que faz memória das experiências; e o futuro – na perspectiva de projeção a partir do agora. Se não pode mudar o passado e tampouco saber ao certo seu futuro, é capaz de dar um novo sentido ao vivido e ao que intenciona viver, resignificando suas vivências no espaço presente.

As ações espirituais no “eu” encontram-se conectadas por uma cadeia de **motivação**. Essa cadeia motivacional conexa por um sentido é uma propriedade específica do espírito. No espírito, o “eu” está em vigília, em atividade de “dirigir-se a algo/alguém”. De acordo com Edith Stein, a motivação segue a legalidade da vida espiritual, vinculando as ações da consciência umas às outras: trata-se de “voltar-se a”, e “ir ao encontro de”.

A fenomenóloga acentua o fluxo da consciência para designar as experiências espirituais encadeadas. “Uma vivência B, não pode ser entendida sem a referência a uma vivência A, que a precedeu”.<sup>119</sup> A motivação designa justamente essa dependência entre as vivências da consciência orientadas por um sentido.

A **motivação** espiritual encontra-se entrelaçada com a **causalidade** psíquica em conexão. Segundo Angela Ales Bello, o entrelaçamento entre causalidade e motivação pode ser assim exemplificado:

Quando venho saber de uma certa notícia, começo a ficar cheia de alegria. A alegria pela notícia é determinada pela causalidade: está mais viva ou menos, dependendo da tonalidade do sentimento vital dominante. [...] Assim, a alegria que alguém provocou em mim, vamos supor que seja forte: alguém me dá essa alegria e eu sou motivado a um ato. A alegria é um sentimento vital e o ato me

<sup>118</sup> GARCIA, Jacinta Turolo. *Edith Stein e a formação da pessoa humana*. 2. ed. São Paulo: Edições Loyola, 1988. p. 59.

<sup>119</sup> ALFIERI, Francesco. *Pessoa Humana e singularidade em Edith Stein*. São Paulo: Perspectiva, 2014. p. 121. O exemplo dado encontra-se no descritivo do verbete “Causalidade e Motivação” incluso no Anexo I do respectivo livro, onde consta um breve Glossário com expressões centrais da fenomenologia.

leva a um propósito de tornar aquela pessoa feliz: causalidade e motivação se entrelaçam continuamente.<sup>120</sup>

O exemplo demonstra a raiz mais profunda da pessoa humana, na qual se encontra sua verdade e identidade. Tal profundidade pode ser acessada pela **motivação**, provocando uma transformação direcionada ao seu aperfeiçoamento, singular e relacional. Reconhecendo-se um ser necessitado do processo contínuo de aperfeiçoamento, a pessoa humana vai ao encontro do sentido em busca da plenificação de sua incompletude.

Nesse ponto, tanto no aspecto de autoformação, quanto na dialógica com o meio sociocultural, a formação humana possui grande importância em estimular a motivação pessoal. Enquanto sociável e educável, a formação deve conduzir o ser a integralizar-se. A pessoa necessita reconhecer-se como alguém “capaz de sair de si mesma e penetrar no interior das coisas e dos outros sujeitos e, da mesma forma que está aberta ao mundo, ela pode voltar-se sobre si mesma e captar sua própria interioridade”.<sup>121</sup>

Para Edith Stein, o duplo sentido da vida humana – a natureza, como a vida vegetal e animal – mas, sobretudo, a vida pessoal-espiritual, capaz de concentrar-se em si mesma e, no entanto, capaz também de elevar-se sobre si mesma, abraçando o mundo, aqueles com quem convive e a possibilidade de voltar-se sobre suas próprias fontes e origens, são determinadas livremente pelo “eu”.<sup>122</sup>

O gesto formativo deve oportunizar ao ser, o encontro dos seus porquês, alcançando a **motivação** em grau elevado. Quando o sujeito intencionalmente diz: “Eu vou entender o porquê disto”, “eu escolhi isto”, “decidi fazer dessa forma”, não está afirmando somente uma ideia, mas está afirmando-se enquanto pessoa.

<sup>120</sup> ALES BELLO, Angela. *Pessoa e Comunidade: Comentários: psicologia e ciências do espírito de Edith Stein*. Belo Horizonte: Artesã, 2015. p. 71.

<sup>121</sup> KUSANO, Mariana Bar. *A Antropologia de Edith Stein: entre Deus e a filosofia*. São Paulo: Ideias & Letras, 2014. p. 83.

<sup>122</sup> STEIN, E. *Ser Finito y Ser Eterno: Ensayo de una ascensión al sentido del ser*. México: Fondo de Cultura Económica, 1996. p. 515.

## 2.4 A ESSÊNCIA DA PESSOA: SEU NÚCLEO ORIGINAL

Na perspectiva steiniana, a formação congrega duas bases fundamentais: a compreensão da estrutura tripartite da pessoa e o foco educativo no desenvolvimento do potencial e das singularidades. Essa dupla via deve convergir para o que o ser tem de mais genuíno, o seu **núcleo** de personalidade (*kern*), denominado por Stein como a “alma da alma”.

O núcleo pessoal é o princípio onde a pessoa encontra-se em si mesma: “Em mim, ou melhor, dentro de minha alma [...] Nela estou em casa”.<sup>123</sup> É no núcleo que habita a essência humana, compondo-se de sua originalidade. Cada pessoa tem sua personalidade conferida como um “selo”, uma identidade própria reveladora de sua unicidade, constituída de irrepetibilidade.

Todos nós temos psique, espírito corpo; [...] São capacidades que podemos e devemos desenvolver. [...] Mas por que existe cada pessoa humana com sua identidade? O núcleo – elemento último e profundo – representa aquilo que diz respeito às características absolutamente singulares. Esse núcleo identitário não se desenvolve, mas dá a direção, como se indicasse a estrada ao espírito e a psique. Se soubermos identificar a estrada indicada, haverá possibilidade de seguir o próprio princípio de identidade pessoal.<sup>124</sup>

O **núcleo** de personalidade contém a consistência do ser e sua propriedade permanente. Cada pessoa tem potencialidades singulares existentes, mesmo antes das escolhas conscientes ou experiência educativa. O *télos* de cada indivíduo, isto é, o **sentido que conduz à plenitude**; e a capacidade de desenvolvimento integral, são inerentes desde sempre no núcleo pessoal. O núcleo encontra-se “constituído pela capacidade do querer, isto é, pela capacidade dos atos livres”.<sup>125</sup>

<sup>123</sup> STEIN, E. Estructura de la Persona Humana. In: URKIZA, Julen; SANCHO, Francisco Javier. (Org.) *Obras Completas*. Vitoria: Ediciones El Carmen; Madrid: Editorial de Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2003. v. 4: Escritos antropológicos y pedagógicos. p. 656. “En mí, o mejor, dentro de mi alma (...) En ella estoy en casa.”

<sup>124</sup> ALES BELLO, Angela. *Pessoa e Comunidade: Comentários: psicologia e ciências do espírito de Edith Stein*. Belo Horizonte: Artesã, 2015. p. 83.

<sup>125</sup> ALES BELLO, Angela. *A fenomenologia do ser humano: traços de uma filosofia no feminino*. Bauru: Edusc, 2000. p. 155.

Alcançar esse núcleo significa reconhecer a própria identidade, o que possibilita um contínuo recomeçar a partir do que verdadeiramente somos. Esse contínuo movimento de retomada faz com que preservemos o nosso modo particular de ser, impedindo que sejamos meramente condicionados pelo ambiente em que estamos inseridos.<sup>126</sup>

Para Edith Stein, o núcleo pessoal, não é algo divisível, mas acessível. No esforço de formação, ao tocar a interioridade do ser, a “alma da alma” não se atualiza de uma só vez, visto que há uma extensão temporal, um curso de duração processual ao longo de toda vida.

O que se torna atual não se separa do que permanece potencial. A inteireza mantém-se por trás daquilo que, de vez em vez, se atualiza, como uma pequena parte de uma superfície é atingida por um raio de luz que está iluminando um círculo escuro, sem, com isso, estar separada da superfície total que permanece.<sup>127</sup>

Outro aspecto acentuado por Stein diz respeito à finitude humana composta de elementos positivos, mas também de limitações que impedem o ser de tornar-se aquilo que deve ser, porém reitera o núcleo pessoal como um inteiro de positividade essencialmente bom. Nos seres humanos, há um conjunto de fatores que podem impedir ou estimular essa bondade a tornar-se ato.

No itinerário vital, na medida em que a pessoa apropria-se responsabilmente da liberdade, consciente de si e do outro, os impeditivos e inibidores do ser não se sustentam, permitindo que a positividade contida no núcleo interior, desabroche alcançando o mundo exterior em forma de ato.<sup>128</sup> Quando a formação atinge essa “alma da alma”, proporciona a integralização de todo o ser, em um processo de ordenação entre pensamentos, afetos, escolhas e atitudes condizentes com a originalidade positiva.

Edith Stein salienta que profundidade e superficialidade aderem propriamente ao conteúdo dos atos; centro e periferia descrevem modos de comportamento dos atos, graus de atualidade ao interno da vida atual.<sup>129</sup>

<sup>126</sup> ALFIERI, Francesco. *Pessoa Humana e singularidade em Edith Stein*. São Paulo: Perspectiva, 2014. p. 15.

<sup>127</sup> SBERGA, A. A.; MASSIMI, M. A formação da pessoa em Edith Stein. In: MAHFOUD, M.; MASSIMI, M. (Orgs.). *Edith Stein e a Psicologia: teoria e pesquisa*. Belo Horizonte: Artesã, 2013. p. 182.

<sup>128</sup> SBERGA, A. A.; MASSIMI, M. A formação da pessoa em Edith Stein. In: MAHFOUD, M.; MASSIMI, M. (Orgs.). *Edith Stein e a Psicologia: teoria e pesquisa*. Belo Horizonte: Artesã, 2013. p. 182.

<sup>129</sup> STEIN, E. Estructura de la Persona Humana. In: URKIZA, Julen; SANCHO, Francisco Javier. (Org.) *Obras Completas*. Vitoria: Ediciones El Carmen; Madrid: Editorial de Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2003. v. 4: Escritos antropológicos y pedagógicos. p. 657-658.

Com o baixo grau de participação da consciência, os atos gerados tornam-se sucessões de ações involuntárias, visto que a pessoa centra-se no periférico e superficial e não no ontológico e essencial. Adentrando seu **núcleo** de interioridade, a pessoa humana aproxima-se da forma espiritual consciente, amadurece paulatinamente e responde ao mundo objetivo conforme as potências positivas e harmonizadoras do seu ser: um movimento integral a integrador. A partir do núcleo de interioridade, “se irradia a coloração que dará a tonalidade pessoal a cada ato vivido, permitindo que a contínua atualização das potencialidades individuais se realize em uma pessoa singular, única e irrepetível”.<sup>130</sup>

Como fenomenóloga, Edith Stein designa o esforço de formação como um processo de revelação (*aufweis*) reflexiva do essencial, conduzindo a pessoa a refletir sobre si mesma em um processo de autoformação: “toda a formação é uma formação auto-adquirida”.<sup>131</sup>

É preciso a clareza de que “tudo que a pessoa vive, carrega em si a marca de sua personalidade”.<sup>132</sup> Portanto, o gesto formativo necessita atingir a essência humana, ao encontro do núcleo pessoal. Ao contrário, ação torna-se impessoal, exigindo pouca capacidade intelectual, gerando atitudes mecanicistas, generalizadas e reações impulsivas e superficiais.

## 2.5 O HUMANO ENRAIZADO NO DIVINO

Resgatando o percurso antropológico de Edith Stein, a natureza espiritual da pessoa, dotada de razão e liberdade, deve amparar-se no gesto pedagógico que a reconhece como um ser único. A pedagogia steiniana percebe na unicidade da pessoa o direcionamento personalizado na ação educativa, não configurando abordagens idênticas para todos. Ao contrário, aponta para o espaço da especificidade própria de cada pessoa como percepção essencial à formação integral.

<sup>130</sup> ALFIERI, Francesco. *Pessoa Humana e singularidade em Edith Stein*. São Paulo: Perspectiva, 2014. p. 80.

<sup>131</sup> STEIN, E. Sobre el Concepto de Formación. In: URKIZA, Julen; SANCHO, Francisco Javier. (Org.) *Obras Completas*. Vitória: Ediciones El Carmen; Madrid: Editorial de Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2003. v. 4: Escritos antropológicos y pedagógicos. p. 188. “*Toda formación es autoformación*”

<sup>132</sup> ALFIERI, Francesco. *Pessoa Humana e singularidade em Edith Stein*. São Paulo: Perspectiva, 2014. p. 81.

Partindo dessa compreensão, Edith Stein versa sobre a pessoa e a humanidade para além da realidade física. A pensadora discorda da crença que aponta o ser humano como proveniente do nada e retornante ao nada. Sua pedagogia considera os fundamentos cristãos, realizando a interface com a teologia, em que a espiritualidade compõe a formação. Percebe-se, em Edith Stein, a inteireza formativa, não em supressão a verdade revelada, mas como possibilidade da humanidade relacionar-se com a divindade.

O cruzamento antropológico entre a fenomenologia e o tomismo proposto por Edith Stein se exemplifica na escrita própria autora, em que conjuga um diálogo entre a Husserl e Santo Tomas de Aquino, no volume em homenagem aos 70 anos de Edmund Husserl.<sup>133</sup> Edith Stein identifica como interlocução principal, a convicção precedente da existência de um *logos* entre as duas vertentes de pensamento. Percebe como importante diferença de paradigmas entre a busca fenomenológica husserliana centrada no procedimento do “como” chegar ao *logos* e a condução tomasiana transcendente que tem por principal questão “o que” é o *logos* que serve a verdade e a paz na alma humana.<sup>134</sup>

Ao ressaltar o valor da razão e do caminho do conhecimento, não concorda com a delimitação racional da natureza proposta por Husserl. Para ela, o conhecimento natural é um caminho finito com limites determinados ao qual se delinea uma sucessão de atualizações sem o sustento de meta, uma verdade plena: “Nunca poderei admitir que esse é o único caminho de conhecimento e que a verdade nada mais é do que uma ideia que deve atualizar-se num processo infinito – sendo o que nunca se realiza plenamente”.<sup>135</sup>

Com isso, encontra em Tomás de Aquino, o rigor e honestidade intelectual que afirma:

A verdade plena é, e existe um conhecimento que a apreende inteiramente, que não é um processo infinito, mas uma abundância infinita. Esse é o caminho divino. [...] O conhecimento natural é um caminho. Ele possui limites determinados e bem definidos. Mas nem tudo que lhe é inacessível é totalmente inacessível para o nosso espírito, de acordo com sua estrutura originária. É agora, quando concebido na caminhada dessa vida, mas um dia

<sup>133</sup> STEIN, E. O que é filosofia? Um diálogo entre Edmund Husserl e Tomás de Aquino. *Scintilla: Revista de filosofia e mística medieval*. Curitiba, v. 2, n. 2, p. 71-99, jul./dez. 2005.

<sup>134</sup> STEIN, E. O que é filosofia? Um diálogo entre Edmund Husserl e Tomás de Aquino. *Scintilla: Revista de filosofia e mística medieval*. Curitiba, v. 2, n. 2, p. 71-99, jul./dez. 2005. p. 81.

<sup>135</sup> STEIN, E. O que é filosofia? Um diálogo entre Edmund Husserl e Tomás de Aquino. *Scintilla: Revista de filosofia e mística medieval*. Curitiba, v. 2, n. 2, p. 71-99, jul./dez. 2005. p. 76.

atingirá sua meta, a pátria celeste. Aí chegando haverá de abraçar tudo que pode alcançar (mas não todos os abismos da verdade divina, que só Deus pode abraçar inteiramente). [...] Alguma coisa do que nosso espírito haverá então de apreender numa visão, do que lhe é necessário para não se desviar da meta – lhe terá sido comunicado pela revelação; isso, o espírito apreende na fé. A fé constitui um segundo caminho para alcançar a sabedoria, ao lado do caminho da peregrinação na terra, do conhecimento natural.<sup>136</sup>

A meta referida por Edith Stein parte da premissa da busca do sentido e sede da verdade em plenitude presente em toda pessoa. A autora valoriza o conhecimento natural, porém não se resigna a ele, apontando para a transcendência como processo de ir além daquilo que a finitude limita. Sua reflexão conduz ao sentido de eternidade e, para isso, aponta para a fé compreendida não por impulso sentimentalista ou irracionalidade oposta à concretude da vida, mas, ao contrário, denota a fé como um caminho para a verdade.

Fé é, em primeiro lugar, um caminho para a verdade e, a bem saber, um caminho para verdades (no plural), que de outro modo manter-se-iam veladas para nós. É, em segundo lugar, o caminho mais seguro para a verdade, pois maior certeza do que a da fé não existe. Para o homem em *statu viae*, não existe nenhum conhecimento com semelhança e certeza como o caminho da fé, não obstante se trate de uma certeza se evidência (*uneinsichtige*).<sup>137</sup>

Edith Stein aponta para a condição humana em seu “estado viandante”. A especificidade da fé apresenta-se como dom da graça divina, em que se pode extrair as consequências teóricas e práticas para a vida. A graça de Deus age nesse itinerário humano, atuando na pessoa e através da pessoa, conduzindo-a no caminho de perfeição.<sup>138</sup> No amparo dos escritores cristãos, sobretudo de Santo Agostinho e Santo Tomás, a ótica steiniana percebe a graça como o elemento presente coesivo que concede à pessoa a mesma luz que ilumina a razão e a fé.

A fé assumida como uma certeza mede todas as outras verdades a partir da verdade tomada por critério último e derradeiro. O critério que garante a autenticidade da certeza da

<sup>136</sup> STEIN, E. O que é filosofia? Um diálogo entre Edmund Husserl e Tomás de Aquino. *Scintilla: Revista de filosofia e mística medieval*. Curitiba, v. 2, n. 2, p. 71-99, jul./dez. 2005. p. 76.

<sup>137</sup> STEIN, E. O que é filosofia? Um diálogo entre Edmund Husserl e Tomás de Aquino. *Scintilla: Revista de filosofia e mística medieval*. Curitiba, v. 2, n. 2, p. 71-99, jul./dez. 2005. p. 78.

<sup>138</sup> Formación de la Juventud a la Luz de la Fe Católica. In: URKIZA, Julen; SANCHO, Francisco Javier. (Org.) *Obras Completas*. Vitoria: Ediciones El Carmen; Madrid: Editorial de Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2003. v. 4: Escritos antropológicos y pedagógicos. p. 426.

fé, para Edith Stein, está em Deus, que, ao conceder a revelação, garante à humanidade em geral e a pessoa singular na sua inteireza, o acesso à Sua verdade. Para Stein, “a verdade carrega seus próprios frutos”.<sup>139</sup> A verdade primeira, o critério de toda a verdade, é Deus. O próprio Deus é o axioma de todas as questões do ser.

Todas as questões conduzem, no fundo, à questão do ser. [...] Pois é Deus quem concede e comunica a todo o ser o que ele é, seu modo de ser, essência e existência; não obstante, sua essência e existência também se dão de acordo com a sua medida e o seu modo de conhecer e desejar, segundo a verdade e a plenitude que pode atingir.<sup>140</sup>

Edith Stein reconhece viver em uma época em que a humanidade não se satisfaz com divagações: “Os homens não tem onde sustentar-se e por isso procuram um ponto de sustentação. Querem uma verdade com conteúdo a quem possam agarrar-se, que lhe sustente a vida”.<sup>141</sup> Para a autora, um mundo que se constrói nas ações do sujeito, permanecerá um mundo para o sujeito. Porém, quando o sentido da existência permite abertura a transcendência, é possível o encontro com a graça teocêntrica e sua verdade eterna. Ou seja, pela a cooperação da pessoa humana abrindo-se a graça divina, é possível acessar os princípios e a “luz” do entendimento. A força de prosseguimento desses princípios pautados na revelação permite processualmente ao ser, encontrar em si, a imagem da verdade eterna que habita na interioridade humana.

Para Edith Stein,

Em toda criatura de Deus se encontra um desejo natural de Deus, seu princípio e meta. Se encontra em todo coração humano em forma de desejo de felicidade, de anseio de pureza e bondade, inclusive onde não existe nenhum conhecimento de Deus. [...] A ânsia natural de bondade e a predisposição sobrenatural a vida eterna, são sementes que precisam ser cuidadas, e sem este cuidado podem chegar a atrofiar-se. [...] A vida da graça se desperta e germina, quando a imagem de Deus, em sua afabilidade e majestade ao

<sup>139</sup> STEIN, E. O que é filosofia? Um diálogo entre Edmund Husserl e Tomás de Aquino. *Scintilla: Revista de filosofia e mística medieval*. Curitiba, v. 2, n. 2, p. 71-99, jul./dez. 2005. p. 83.

<sup>140</sup> STEIN, E. O que é filosofia? Um diálogo entre Edmund Husserl e Tomás de Aquino. *Scintilla: Revista de filosofia e mística medieval*. Curitiba, v. 2, n. 2, p. 71-99, jul./dez. 2005. p. 84.

<sup>141</sup> STEIN, E. O que é filosofia? Um diálogo entre Edmund Husserl e Tomás de Aquino. *Scintilla: Revista de filosofia e mística medieval*. Curitiba, v. 2, n. 2, p. 71-99, jul./dez. 2005. p. 82.

mesmo tempo, se apresenta diante do espírito que está despertando, e ilumina na alma, o amor e o temor.<sup>142</sup>

A autora percebe a relação proximal entre a destinação natural e sobrenatural da pessoa como um processo de configuração. Se o corpo pode ser considerado a morada do indivíduo; a psique, sua vitalidade; o espírito, sua capacidade de transcendência na medida em que é capaz de sair de si, permanecendo em si, conservando sua identidade, abrindo-se ao outro e ao mundo de cultura e valores, é, porém, a força da graça que configura a pessoa como imagem de Deus.

## 2.6 A CONSTITUIÇÃO DO INTELECTO

Edith Stein percebe o intelecto como originário na dimensão espiritual humana.

O espírito que com sua intencionalidade ordena a matéria sensível em uma estrutura, e ao fazê-lo, penetra atentamente o interior do mundo dos objetos, se denomina entendimento ou intelecto.<sup>143</sup>

O termo *intellectus* (intelecto ou entendimento) refere-se ao espírito em sua atividade cognitiva.<sup>144</sup> O desenvolvimento da alma e o desenvolvimento de seu entorno espiritual entrelaçam-se. O órgão da alma que lhe abre o mundo é o **intelecto** ou

<sup>142</sup> STEIN, E. La colaboración de los centros conventuales en la formación religiosa de la juventud. In: URKIZA, Julen; SANCHO, Francisco Javier. (Org.) *Obras Completas*. Vitoria: Ediciones El Carmen; Madrid: Editorial de Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2003. v. 4: Escritos antropológicos y pedagógicos. p. 114-115. “En toda criatura de Dios se encuentra un deseo natural Dios, su principio y meta. Se encuentra en todo corazón humano *en forma de anhelo de felicidad, de ansias de pureza y bondad, incluso allí donde no existe ningún conocimiento de Dios.*[...]El ansia natural de bondad y la predisposición sobrenatural a la vida eterna, son semillas que tienen que ser cuidadas, y sin este cuidado pueden llegar a atrofiarse. [...] La vida de la gracia se despierta y germina, cuando la imagen de Dios en su afabilidad y majestuosidad al mismo tiempo, se presenta ante el espíritu que está despertando, y asciende en el alma el amor y el temor.”

<sup>143</sup> STEIN, E. Estructura de la Persona Humana. In: URKIZA, Julen; SANCHO, Francisco Javier. (Org.) *Obras Completas*. Vitoria: Ediciones El Carmen; Madrid: Editorial de Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2003. v. 4: Escritos antropológicos y pedagógicos. p. 651. “El espíritu que con su vida intencional ordena el material sensible en una estructura y, al hacerlo, penetra con su mirada en el interior de un mundo de objetos, se denomina entendimiento o intelecto.”

<sup>144</sup> STEIN, E. Estructura de la Persona Humana. In: URKIZA, Julen; SANCHO, Francisco Javier. (Org.) *Obras Completas*. Vitoria: Ediciones El Carmen; Madrid: Editorial de Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2003. v. 4: Escritos antropológicos y pedagógicos. p. 673.

**entendimento** (na origem latina). Entretanto, para a filósofa, o processo intelectual associa-se ao sentido e compreensão.<sup>145</sup>

Sentido e compreensão caminham juntos. Sentido significa aquilo que pode ser compreendido; e compreensão significa apreender o sentido. Compreender (*intelligere*) o inteligível (*intelligibile*) é a função própria do espírito, que também recebe o nome de intelecto (*intellectus*).<sup>146</sup>

O poder de decisão, o uso da razão, o poder reflexivo, a possibilidade de análises, abstrações e hierarquização dos valores formam o “eu” inteligente. Através do intelecto, a pessoa decodifica as situações e informações advindas do mundo dos objetos e assume-se como um “eu” com capacidade de posicionar-se diante das situações.

Na atividade intelectual, conhecimento e vontade encontram-se imbricados, mantendo recíproca dependência entre si. A partir da profundidade da vida no espírito, a razão humana é capaz de decidir não somente com conhecimento, mas orientada pela vontade livre, é capaz de transcender a si mesma, permitindo atos de bem para si e para os demais.

Edith Stein, contudo, sinaliza para o perigo de uma inteligência obscurecida aliada a uma vontade errônea:

Para evitar os erros e reestabelecer as forças originárias, precisa da graça, que se infunde na inteligência como uma luz sobrenatural, e que não só reestabelece a ordem correta que abre ao mesmo tempo a penetração das realidades naturais, inacessíveis para a inteligência natural.<sup>147</sup>

Por isso, a formação do *intellectus* a cargo do processo de ensino, exige sofisticação: deve fomentar a atividade cognitiva, a capacidade perceptiva e os discernimentos,

<sup>145</sup> STEIN, E. Sobre el Concepto de Formación. In: URKIZA, Julen; SANCHO, Francisco Javier. (Org.) *Obras Completas*. Vitoria: Ediciones El Carmen; Madrid: Editorial de Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2003. v. 4: Escritos antropológicos y pedagógicos. p. 184.

<sup>146</sup> STEIN, E. *Ser Finito y Ser Eterno*: Ensayo de una ascensión al sentido del ser. México: Fondo de Cultura Económica, 1996. p. 82.

<sup>147</sup> STEIN, E. El Intelecto y los intelectuales. In: URKIZA, Julen; SANCHO, Francisco Javier. (Org.) *Obras Completas*. Vitoria: Ediciones El Carmen; Madrid: Editorial de Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2003. v. 4: Escritos antropológicos y pedagógicos. p. 222. “Para evita los errores y para restablecer las fuerzas originarias precisa de la gracia, que se le infunde a la inteligencia como una luz sobrenatural, y que no sólo restablece el orden correcto sino que abre al mismo tiempo a la penetración de las realidades sobrenaturales, inaccesibles para la inteligencia natural.”

associando-os à assimilação da cultura, à transmissão de conceitos e aos saberes significativos, fundamentados na verdade. Assim, também, a pedagogia steiniana indica como ápice da formação a abertura do intelecto à luz da graça divina.<sup>148</sup>

## 2.7 O PROCESSO ESTRUTURANTE DA PESSOA: LIBERDADE, RESPONSABILIDADE, CONSCIÊNCIA E VONTADE

Para Edith Stein, a formação, como processo inter-relacionado fundamenta-se em duas características da espiritualidade: **vigilância** e **abertura**.<sup>149</sup> A **vigilância** permite a tomada de consciência de si mesmo. Todavia, a vigilância não está somente na esfera da reflexão e da autoanálise do que se vive e do modo com que se vive, ela “é também uma luz que ilumina a vida espiritual e lhe indica direções a seguir”.<sup>150</sup> A **abertura** torna possível o duplo movimento: o voltar-se à interioridade e o voltar-se à exterioridade.

A pessoa, ao receber as influências do meio ou encontrar-se diante de contingências das quais não tem domínio, não deve ser resumida – e, por isso, não deve submeter-se – somente às leis da causalidade, visto que, desse modo, lançaria mão de assumir-se como um ente livre e espiritual, sem ir ao encontro do sentido.

Sobre a liberdade da pessoa humana, Edith Stein refere-se ao poder e ao dever: “O que quer dizer liberdade? Quer dizer o seguinte: eu posso”.<sup>151</sup> Fazendo o uso de sua **liberdade**, a pessoa torna-se vigilante e aberta, decidindo mais propriamente diante das situações e análises que a vida impõe. Por isso, a pessoa humana não está destinada a ser mera reprodutora de palavras e atos ou reagente instintiva. Sua vivência não é um acidente ou simples acontecer, ela lhe confere como poder, o livre arbítrio: “como pessoa livre, está

<sup>148</sup> STEIN, E. Sobre el Concepto de Formación. In: URKIZA, Julen; SANCHO, Francisco Javier. (Org.) *Obras Completas*. Vitoria: Ediciones El Carmen; Madrid: Editorial de Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2003. v. 4: Escritos antropológicos y pedagógicos. p. 184.

<sup>149</sup> STEIN, E. Estructura de la Persona Humana. In: URKIZA, Julen; SANCHO, Francisco Javier. (Org.) *Obras Completas*. Vitoria: Ediciones El Carmen; Madrid: Editorial de Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2003. v. 4: Escritos antropológicos y pedagógicos. p. 648.

<sup>150</sup> SBERGA, A. A.; MASSIMI, M. A formação da pessoa em Edith Stein. In: MAHFOUD, M.; MASSIMI, M. (Orgs.). *Edith Stein e a Psicologia: teoria e pesquisa*. Belo Horizonte: Artesã, 2013. p. 178.

<sup>151</sup> STEIN, E. Estructura de la Persona Humana. In: URKIZA, Julen; SANCHO, Francisco Javier. (Org.) *Obras Completas*. Vitoria: Ediciones El Carmen; Madrid: Editorial de Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2003. v. 4: Escritos antropológicos y pedagógicos. p. 649. “*Qué quiere decir libertad? Quiere decir lo siguiente: yo puedo.*”

no centro e tem nas mãos os comandos, mais exatamente, pode tê-los nas mãos, porque o usá-los ou não é uma questão de liberdade”.<sup>152</sup>

Nesse percurso, a pessoa colabora com seu processo de formação, na medida em que assume a verdade integral do que é e a responsabilidade para um direcionamento que vai ao encontro aos princípios determinados no seu núcleo interior: “poder e dever, querer e atuar estão estreitamente relacionados entre si”.<sup>153</sup>

O exercício da liberdade, encontra-se unido à capacidade de dar respostas diante de si, do outro e das situações. Em outras palavras, **liberdade** associa-se à **responsabilidade**. Para isso, é preciso vislumbrar o que se **é**, o que se **quer**, o que se **deve querer** e o que **deseja se tornar**, para assim, saber suprimir o que impede seu trajeto de incompletude à plenitude.

**Liberdade** e **consciência** são inseparáveis. A **consciência** refere-se à capacidade do ser humano de “debruçar sobre si mesmo e sobre as diferentes dimensões que o constituem, inclusive sobre as determinações que o condicionam, para conseguir decidir, escolher”.<sup>154</sup>

Através da **consciência**, a pessoa é advertida sobre seus atos diante das diferentes circunstâncias. O ser humano torna-se capaz de exprimir juízos, julgar o bem e o mal em suas atitudes. Essa é uma expressão fundamental da **consciência**: mesmo existindo fatores condicionantes, o ser humano transcende ao que lhe é **causado** apropriando-se do ser **motivado**. Tomando ciência de si e de suas ações, a pessoa coopera com sua autoeducação, favorecendo o desenvolvimento de suas potencialidades em projeção de vida.

O agir com liberdade, para Stein, envolve o processo de percepção da motivação do espírito e, a partir disso, a pessoa assume uma tomada de decisão que se encarna em um ato da **vontade**.

<sup>152</sup> SBERGA, A. A.; MASSIMI, M. A formação da pessoa em Edith Stein. In: MAHFOUD, M.; MASSIMI, M. (Orgs.). *Edith Stein e a Psicologia: teoria e pesquisa*. Belo Horizonte: Artesã, 2013. p. 178.

<sup>153</sup> STEIN, E. Estructura de la Persona Humana. In: URKIZA, Julen; SANCHO, Francisco Javier. (Org.) *Obras Completas*. Vitoria: Ediciones El Carmen; Madrid: Editorial de Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2003. v. 4: Escritos antropológicos y pedagógicos. p. 649-650. “Poder y deber, querer y actuar están muy estrechamente relacionados entre sí.”

<sup>154</sup> RUS, Éric de. *Uma visão Educativa de Edith Stein: Aproximação a um Gesto Antropológico Integral*. Belo Horizonte: Artesã, 2015. p. 80.

O ato da **vontade** exterioriza o rompimento da relação causa e efeito. “Por meio da vontade, a pessoa visa objetivos. [...] A vontade é uma orientação consciente em direção a fins representados e não uma rede confusa de tendências incoerentes”.<sup>155</sup>

Edith Stein denomina “*fiat*” (*faça-se*), o **sim** proveniente da autoria de decisão, onde o “eu” realmente é livre. O **sim** advém do “local” onde o “eu” encontra-se em si próprio, no seu lugar de repouso, em recolhimento no ponto mais profundo da alma.

## 2.8 A ESFERA AFETIVA

A espacialidade psíquica mais profunda compreende o **sentido afetivo** (*Gemüt*).<sup>156</sup> A palavra “*Gemüt*” refere-se à capacidade de sentir os estados de ânimo.<sup>157</sup> Para Edith Stein, o **sentido afetivo** denota a capacidade espiritual do ser humano acessar o mundo dos valores.

A investigação steiniana sobre a afetividade ampara-se no pensamento de Max Scheler, na distinção das emoções e sentimentos.<sup>158</sup> Por **emoção** entende-se a qualidade da vida psíquica atingida passivamente por uma sensação. A **emoção** não configura intencionalidade, ainda que sinalize uma situação. Por exemplo:

[...] posso estar de mau humor sem conhecer um porquê para o mau humor (sem objeto), mas também posso ter uma dor que anuncia uma doença (nesse caso, a dor não é um objeto, mas é ela mesma sinal de um objeto ou de uma situação).<sup>159</sup>

<sup>155</sup> RUS, Éric de. *Uma visão Educativa de Edith Stein: Aproximação a um Gesto Antropológico Integral*. Belo Horizonte: Artesã, 2015. p. 80-81.

<sup>156</sup> RUS, Éric de. *Uma visão Educativa de Edith Stein: Aproximação a um Gesto Antropológico Integral*. Belo Horizonte: Artesã, 2015. p. 73. Segundo o autor, *Gemüt* provém do vocábulo místico e é empregado para designar a interioridade mais profunda da criatura. Não há equivalência literal deste termo em português.

<sup>157</sup> STEIN, E. Sobre el Concepto de Formación. In: URKIZA, Julen; SANCHO, Francisco Javier. (Org.) *Obras Completas*. Vitoria: Ediciones El Carmen; Madrid: Editorial de Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2003. v. 4: Escritos antropológicos y pedagógicos. p. 183.

<sup>158</sup> Para Edith Stein, Max Scheler enriqueceu consideravelmente o domínio da ética, da filosofia, da religião e da sociologia filosófica com análises fundamentais, feitas em um espírito de pura objetividade. Reconhece que os cursos e escritos de Max Scheler conferiram importante significância em seu pensamento, sobretudo na obra *O formalismo na ética e a ética material dos valores* (*Der Formalismus in der Ethik und die materiale Wertethik*). “Sempre ficou claro para mim que eu muito lhe devia por suas ideias estimulantes” – Carta a Max Scheler, 4 de abril de 1918, C1, p. 124.

<sup>159</sup> ALFIERI, Francesco. *Pessoa Humana e singularidade em Edith Stein*. São Paulo: Perspectiva, 2014. p. 148.

Se a **emoção** caracteriza-se por uma sensação instintiva, o **sentimento**, diferentemente, envolve intelecto e vontade, partindo da dimensão espiritual. O **sentimento** reage ao estado emotivo, assumindo uma atitude que poderá nutrir, permitir, rejeitar, suportar a **emoção**. O **sentimento** constitui-se de intencionalidade.

O **sentimento** não é absorvido nem pelo raciocínio, nem pela sensibilidade física, mas pela associação perceptiva de um sentido e seu valor, levando-o a desejá-lo.

Sentimento seria o nome específico do ato do sentido afetivo, assim como pensamento é o nome do ato intelectual e sensação é o nome da percepção por meio dos cinco sentidos. O sentimento seria, assim, o efeito que permite falar do sentido afetivo ou *Gemüt* como dimensão ou capacidade do espírito.<sup>160</sup>

A dimensão afetiva não se encontra regida por operações cognitivas ou de construção intelectual de um sentido, mas de **percepções afetivas** de um sentido. A percepção do sentido está intimamente ligada ao movimento da vontade, que se inclina para identificar este sentido percebido como um bem, um valor identificado como bom, belo e verdadeiro.

Para Edith Stein,

Não basta por em movimento a emotividade em geral. Em todos os movimentos dos sentimentos há um momento valorativo: o que o sentimento apreende, isso apreende como significativamente positivo ou negativo [...]. Com isso se faz possível para os movimentos dos sentimentos um juízo segundo o “correto” e o “falso”, “adequado” e “inadequado”. Trata-se, portanto, de despertar no sentimento alegria pelo verdadeiramente belo e bom.<sup>161</sup>

Ressaltando a extraordinária importância da emotividade na via formativa, acentua:

<sup>160</sup> RUS, Éric de. *Uma visão Educativa de Edith Stein: Aproximação a um Gesto Antropológico Integral*. Belo Horizonte: Artesã, 2015. p. 74.

<sup>161</sup> STEIN, E. Vida cristiana de la mujer. In: URKIZA, Julen; SANCHO, Francisco Javier. (Org.) *Obras Completas*. Vitoria: Ediciones El Carmen; Madrid: Editorial de Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2003. v. 4: Escritos antropológicos y pedagógicos. p. 327. *“Pero no basta con poner en movimiento la emotividad en general. En todos los movimientos del sentimiento hay un momento valorativo: lo que el sentimiento aprehende, eso lo aprehende como significativamente positivo o negativo [...] Con esto se hace posible para los movimientos del sentimiento mismo un juicio según lo “correcto” o “falso”, “adecuado” o “inadecuado”. Se trata, por tanto, de despertar en el sentimiento alegría por lo verdaderamente bello y bueno.”*

O sentido do valor das coisas se desenvolve de muitas maneiras em uma criança quando toma posição a respeito de um adulto, especialmente o educador: seu entusiasmo suscita entusiasmo. Esta orientação do sentimento faz tomar posições determinadas formando a capacidade de discernimento. Não se pode por os olhos somente no bom e no belo, porque a vida poderá por em contato também com o negativo e porque diante disso terá que ter aprendido a diferenciar. Há de diferenciar o positivo do negativo, o elevado frente ao baixo, e aprender a situar-se a respeito da a forma adequada.<sup>162</sup>

Na esfera afetiva, a formação deve atentar ao fato de que “só quem é comovido pela vida porá em movimento sua emotividade”.<sup>163</sup> Para compreender melhor a percepção de Edith Stein, faz-se necessário compreender o termo *Gemüt* pelo qual a autora refere-se à afetividade. *Gemüt*, apesar de não ter tradução literal ao português, pode ser inferido como o **coração**. Não se trata de sentimentalismo, reduzindo o conceito às questões emocionais, mas designando “a unidade de cada pessoa como ser que conhece e ama, sem pressupor nenhuma oposição entre conhecimento (intelecto) e amor (vontade): a pessoa ama também ao conhecer e conhece também ao amar”.<sup>164</sup> O coração, enquanto sentido afetivo, é o centro receptivo e seus movimentos, são como forças motrizes que impelem a ação. O coração, nesse aspecto, designa um centro ordenador do ser, onde conhecimento e sentimentos encontram-se.

Tal pressuposto steiniano é fundamental para a formação humana integral: a apreensão intelectual onde não existe a percepção do sentido afetivo, não adentrará a alma em profundidade. Quando o sentido afetivo encontra-se presente no processo formativo e a vontade se põe em movimento por meio do discernimento, torna-se possível adotar uma atitude interior adequada aos valores, fazendo que essa atitude gere consequências práticas.

---

<sup>162</sup> STEIN, E. Vida cristiana de la mujer. In: URKIZA, Julen; SANCHO, Francisco Javier. (Org.) *Obras Completas*. Vitoria: Ediciones El Carmen; Madrid: Editorial de Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2003. v. 4: Escritos antropológicos y pedagógicos.p. 328. “*El sentido del valor de las cosas sólo se desarrolla de muchas maneras en el niño cuando ve cómo toma posición al respecto el adulto, especialmente el educador: su entusiasmo suscita entusiasmo. Esta orientación del sentimiento hacia tomas de posiciones determinadas es a la vez un medio para formar la capacidad de discernimiento. No se le puede poner ante los ojos solamente lo bueno y lo bello, porque la vida le pondrá en contacto también con lo negativo, y porque ante ello tendrá que haber aprendido a diferenciar. Hay que diferenciar lo positivo de lo negativo, lo elevado frente a lo bajo, y aprender a situarse al respecto de la forma adecuada.*”

<sup>163</sup> STEIN, E. Vida cristiana de la mujer. In: URKIZA, Julen; SANCHO, Francisco Javier. (Org.) *Obras Completas*. Vitoria: Ediciones El Carmen; Madrid: Editorial de Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2003. v. 4: Escritos antropológicos y pedagógicos.p. 327. “*Sólo quien es conmovido por la vida pondrá en movimiento su emotividad.*”

<sup>164</sup> RUS, Éric de. *Uma visão Educativa de Edith Stein: Aproximação a um Gesto Antropológico Integral*. Belo Horizonte: Artesã, 2015. p. 74.

Por isso, segundo Edith Stein, “a formação do entendimento não deverá nunca ser feita em detrimento da formação do sentido afetivo”<sup>165</sup>; assim como o sentido afetivo não cumprirá sua função sem a coligação entre o entendimento e vontade, caso contrário, a vida afetiva agita-se e se perde à deriva.

## 2.9 A RELAÇÃO ENTRE VALORES E CARÁTER

A intencionalidade do sentimento tem por objeto, os **valores**, bem como a intencionalidade do conhecimento têm por objeto a realidade. Os valores mais elevados estão em sintonia com o ser livre e espiritual: possuem característica de irradiação de grandiosidade e, ao mesmo tempo, encontram-se na simplicidade da vida prática, cabendo a cada pessoa aderir a sua atração. Para a integralização da pessoa, é considerável a percepção de que “Todo o mundo dos valores positivos são uma fonte imensa de força anímica”.<sup>166</sup>

A premissa steiniana vincula a estrutura tripartite da pessoa humana ao mundo dos valores. Se os atos pessoais revelam os valores motivacionais, o grau de acolhimento dos valores na interioridade – superficialmente ou profundamente – revela a vida integrada ou dissociada do sujeito.

A qualidade para a sensibilidade aos valores é inata ao ser, mas esta vai se construindo e se moldando de acordo com as vivências e entendimento, impelindo, dessa forma, o comportamento prático.

A ação sistemática na realidade é regida pelos valores e caracteriza-se pelo **caráter**. Para Edith Stein, o **caráter** constitui-se da configuração que habitualmente a pessoa permite que ocorra em si, por meio da atualização de suas potências. Ao ser atingida em sua interioridade, a pessoa é animada por um determinado motivo e inclina-se à habitualidade.

<sup>165</sup> RUS, Éric de. *Uma visão Educativa de Edith Stein: Aproximação a um Gesto Antropológico Integral*. Belo Horizonte: Artesã, 2015. p. 75.

<sup>166</sup> STEIN, E. Estructura de la Persona Humana. In: URKIZA, Julen; SANCHO, Francisco Javier. (Org.) *Obras Completas*. Vitoria: Ediciones El Carmen; Madrid: Editorial de Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2003. v. 4: Escritos antropológicos y pedagógicos. p. 689. “*Todo el reino de los valores positivos es una fuente inmensa de fuerza anímica.*”

Stein considera **hábito** (*habitus*) o exercício regularmente praticado que confere solidez ao modo de agir. O **caráter** “corresponde ao ser da pessoa e o seu modo natural de agir se expressa, predominantemente, em comportamentos condizentes com os valores para o qual a pessoa é sensível”.<sup>167</sup>

Edith Stein postula sobre a qualidade do ser que se manifesta no comportamento humano, caracterizado por um *ethos* que se enraíza na personalidade. Para isso, Stein aponta o *ethos* como a realidade interna do ser, sinalizando que tudo estava na interioridade antes de se tornar atitude.

Por *ethos* deve-se entender, no sentido literal, algo durável que rege os atos do ser humano: ao dizer isso, não pensamos em uma lei que seria ditada do exterior ao ser humano ou que viria do alto, mas algo que atua nele próprio, uma forma interior, uma habitualidade psíquica. [...] Tais habitualidades psíquicas concedem aos diversos modos de comportamento um caráter determinado e homogêneo; e é graças a esse *caráter* que elas se tornam visíveis no mundo exterior.<sup>168</sup>

Por isso, a pessoa será motivada pela percepção que encontra em si mesma. Se crer estar em adequação, a pessoa não encontrará motivo para mudança de situação; porém, se perceber a motivação para ir além de si, procurará caminhos de transformação ao que lhe inquieta, movimentando-se habitualmente em busca do que lhe traz plenitude.

Essas sistematização e constância do hábito conformam o caráter pessoal. A pessoa não se resume ao seu caráter, mas este lhe confere um modo singular de relacionar-se, sentir e deixar-se determinar pelos valores assumidos.

Sobre a constituição do caráter, Sberga e Massimi afirmam:

<sup>167</sup> SBERGA, A. A.; MASSIMI, M. A formação da pessoa em Edith Stein. In: MAHFOUD, M.; MASSIMI, M. (Orgs.). *Edith Stein e a Psicologia: teoria e pesquisa*. Belo Horizonte: Artesã, 2013. p. 186.

<sup>168</sup> STEIN, E. El Ethos de las profesiones femeninas. In: URKIZA, Julen; SANCHO, Francisco Javier. (Org.) *Obras Completas*. Vitoria: Ediciones El Carmen; Madrid: Editorial de Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2003. v. 4: Escritos antropológicos y pedagógicos. p. 161. “Bajo el término *ethos* hay que entender algo duradero que regula los actos del ser humano; por tanto, no pensamos en una ley que se presente al ser humano desde el exterior o desde lo alto, sino en algo que en él mismo es activo, en una forma interior, en una duradera actitud del alma. [...] Semejantes actitudes permanentes del alma confieren a los modos cambiantes de la conducta una impronta determinada, unitaria, y por esta impronta se hacen visibles hacia el exterior.”

Portanto, aquilo que a pessoa é e aquilo que encontra em seu mundo externo ou interno, percebido por meio de suas vivências, é o que caracteriza sua vida atual e pela utilização de suas potências forma-se, gradualmente, o seu caráter. Não significa que a pessoa se torna o seu caráter, mas ela tem a posse de um caráter. Isso porque o caráter não determina a globalidade ou a inteireza da pessoa. O caráter também não consegue expressar a inteira forma habitual da pessoa. O caráter só consegue, aos poucos, revelar como a pessoa é, mas não aquilo que a pessoa é integralmente.<sup>169</sup>

Pode-se inferir que o caráter encontra-se sensível ao mundo dos **valores**, sobretudo éticos e morais. Edith Stein concebe o **valor** como uma qualidade inerente ao bem. Considera uma objetividade hierárquica dos **valores**, pois segundo ela, nem todos os valores merecem ser vivenciados com a mesma intensidade, pois não remetem ao mesmo nível de profundidade e de significância na interioridade humana.

A dor causada pela perda de uma joia afeta menos profundamente ou provém de um nível mais superficial do que o sofrimento causado pela perda do mesmo objeto se ele for a lembrança de uma pessoa amada, ou ainda, do que a dor causada pela perda dessa mesma pessoa. [...] Aquele para quem a perda de bens é algo “aniquilador” – isto é, atinge o ponto central do seu eu -, sente de modo “não razoável” e inverte a hierarquia dos valores; ou lhe falta completamente a evidência afetiva dos valores superiores, estando privado dos estratos correlativos da personalidade.<sup>170</sup>

Consideremos agora que “toda a cultura é uma encarnação de valores em obras”<sup>171</sup> e que cada pessoa humana está imersa em um contexto cultural. A personalidade própria, ao confrontar-se com o meio cultural, pode fechar-se, reprimir ou aderir sensivelmente aos **valores**. O fato é que a tomada de posição frente aos valores contribui para a constituição do **caráter**, que se expande ao meio externo em forma de atos: o crime, por exemplo, exige além da indignação, castigo e defesa. É possível assumir uma posição e um agir reativo”.<sup>172</sup>

<sup>169</sup> SBERGA, A. A.; MASSIMI, M. A formação da pessoa em Edith Stein. In: MAHFOUD, M.; MASSIMI, M. (Orgs.). *Edith Stein e a Psicologia: teoria e pesquisa*. Belo Horizonte: Artesã, 2013. p. 185.

<sup>170</sup> STEIN, E. *El Problema de la Empatía*. Madrid: Editorial Trotta, 2004. p. 119. “*El enfado por la pérdida de una joya penetra menos profundamente o viene de un estrato más superficial que el dolor por la pérdida del mismo objeto como recordatorio de una persona amada o, más aún, que el dolor por la pérdida de esta persona misma.[...] A quien le “derrota” la pérdida de su patrimonio, esto es, le toca en el punto nuclear de su yo, ése siente “irracionalmente”, invierte el orden de rango de los valores o le falta en general la penetración sentimental de los valores superiores y le faltan los estratos personales correlativos.*”

<sup>171</sup> RUS, Éric de. *Uma visão Educativa de Edith Stein: Aproximação a um Gesto Antropológico Integral*. Belo Horizonte: Artesã, 2015. p. 68.

<sup>172</sup> ALFIERI, Francesco. *Pessoa Humana e singularidade em Edith Stein*. São Paulo: Perspectiva, 2014. p. 147.

Para Edith Stein, decidir é tomar posição frente aos valores externos que afetam o ser. Por isso, mais uma vez, ressalta-se o papel da vontade. A vontade movimenta-se diante dos valores, adotando uma atitude concreta perante a comunidade e perante a vida.

Nas relações humanas, a tomada de posição de uma pessoa frente à outra relaciona-se com a qualidade da interioridade. Existem posicionamentos positivos ou negativos de uma pessoa que remetem imediatamente a outra: as qualidades individuais – amor, confiança, gratidão, por exemplo – ou, desconfiança, antipatia, ódio, dignificam ou ferem o outro. A indiferença também é uma forma de posicionamento que revela a ausência de conteúdo empático. E, ainda, a vivência dos valores possibilita descobrir defeitos em uma pessoa a qual se ama ou méritos em uma pessoa a qual se odeia.

Para a filósofa, todo o reino dos valores positivos é uma fonte imensa de força anímica. O círculo dos **valores** se amplia ainda mais, visto que não só são provenientes da relação com o outro e da pessoalidade, mas, também, da beleza da natureza, das obras de arte, da harmonia das cores e sons. Os valores configuram sentido espiritual que penetram o ser, o alegra, enleva e entusiasma.<sup>173</sup>

Os **valores** não iniciam ou acabam, pois apresentam características de eternidade, visto que possuem em si um bem que pode ser acolhido na alma. Os valores mais elevados pertencem ao domínio da essência do ser e condizem com a dignidade inalienável da pessoa humana.

Advindo das características da alma, a sensibilidade pelos **valores** confere uma formação ética e moral, imprimindo marcas no **caráter** pessoal. A práxis comportamental, ou seja, o posicionamento da pessoa diante das situações revelará o seu **caráter**, pois é na atuação cotidiana que os **valores** são expressos. O senso comum auxilia com a exemplificação através das expressões: “pessoa de caráter” ou “pessoa sem/mau caráter”. Tais análises são comumente apontadas a partir da conduta relacional do sujeito.

A sensibilidade, a vontade e o entendimento intervêm na constituição do caráter.

---

<sup>173</sup> STEIN, E. Estructura de la Persona Humana. In: URKIZA, Julen; SANCHO, Francisco Javier. (Org.) *Obras Completas*. Vitoria: Ediciones El Carmen; Madrid: Editorial de Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2003. v. 4: Escritos antropológicos y pedagógicos. p. 691.

Desse modo, um entendimento corretamente formado concorre para uma justa apreciação dos valores, a qual pode influenciar favoravelmente as disposições do sujeito, incitando-o a adotar uma atitude prática adequada. Ou ainda uma vontade forte dá a capacidade de disciplinar as más inclinações ou as pulsões negativas e a forjar hábitos que lhe façam oposição. Do mesmo modo, uma sensibilidade purificada permite que se tire um melhor proveito das disposições estéticas.<sup>174</sup>

A citação acima nos conduz para a seguinte questão: em termos formativos, não é possível negligenciar as qualidades do caráter, visto que a pessoa sozinha não poderá reconhecer o que ela é e o que deve ser, se não aprender a conhecer tanto suas aptidões naturais, quanto a si mesma.

Com isso, se por um lado, a formação humana acontece através do traço distintivo do caráter pessoal,<sup>175</sup> por outro, não se pode prescindir de um objetivo educativo, consciente da concepção de pessoa humana que deseja formar. Respeitar o que é próprio de cada sujeito é fundamental para que cada um identifique sua orientação interior, alinhado a um horizonte de sentido a ser alcançado. Não é sustentável, ao ser integral, uma formação com esquemas e enquadramentos massificados.

O espaço formativo que favorece um ambiente rico no exercício da pluralidade valores que dignificam a pessoa humana, com respeito ao desenvolvimento da crítica situacional, e o estímulo ao desenvolvimento criativo na resolução dos desafios cotidianos proporciona um meio objetivo: os valores auxiliam na constituição de pessoas integrais e contribuem ativamente para a realização pessoal e comunitária.

Valores são encarnados nas circunstâncias concretas e se expressam através delas. Encontram-se na confluência relacional entre natureza e liberdade. Não podem ser ensinados pelo conhecimento científico e técnico, mas proporcionados por meio da experiência concreta, cabendo, assim, a cada pessoa descobri-los. Tal consciência formativa contribui para o autodomínio e o modo particular pelo qual cada pessoa tem oportunidade de investir suas forças ao encontro do que lhe configura sentido. Sentido não se enraíza somente ao que lhe traz significado, mas na dinâmica valorativa de plenificação.

<sup>174</sup> RUS, Éric de. *Uma visão Educativa de Edith Stein: Aproximação a um Gesto Antropológico Integral*. Belo Horizonte: Artesã, 2015. p. 76-77.

<sup>175</sup> SBERGA, A. A.; MASSIMI, M. A formação da pessoa em Edith Stein. In: MAHFOUD, M.; MASSIMI, M. (Orgs.). *Edith Stein e a Psicologia: teoria e pesquisa*. Belo Horizonte: Artesã, 2013. p. 185.

## 2.10 A CONSTRUÇÃO PESSOAL: TORNAR-SE SI MESMO

Segundo Edith Stein, para alguém tornar-se si mesmo, precisa passar pelo processo de auto formação: “Que quer dizer o homem é responsável por si mesmo? Quer dizer que dele depende o que é, e que se exige fazer de si mesmo algo concreto: pode e deve formar-se a si mesmo”.<sup>176</sup>

Distintamente dos animais, a pessoa humana não se caracteriza como um ser determinado em estímulo-resposta. Tampouco se configura como resultado de um produto social, meramente condicionado pelo ambiente de seu entorno. O ser humano é dotado de potência livre, capaz de por si mesmo posicionar-se de forma autoconsciente.

Segundo Edith Stein, o ser humano tem uma liberdade garantida ontologicamente que merece ser reconhecida. A pessoa humana tem possibilidade de crescer quando explora seu verdadeiro potencial e toma plena consciência de si mesma, chegando ao núcleo de sua personalidade.<sup>177</sup>

Consciente de si, o ser humano é desafiado a aperfeiçoar-se como pessoa, percebendo a ressonância de suas atitudes em relação a si mesmo e aos demais. Apesar de não controlar a totalidade de seus mecanismos psíquicos, dotada de vontade livre, a pessoa espiritual possui importante capacidade de autodomínio, mas para isso, precisa abrir-se ao autoconhecimento: “o autoconhecimento é um importante meio de auxiliar a autovalorização”.<sup>178</sup>

Ao reconhecer-se interiormente, a pessoa tem seu ânimo desperto para a atualidade. Sente-se inclinada à habitualidade. Na articulação da potência, ato e hábito, ocorrido devido a um determinado “motivo”, dá-se a livre configuração tanto da formação de si, como da formação dos outros. Assim, a pessoa é estimulada a atualizar algo devido a uma

---

<sup>176</sup> STEIN, E. Estructura de la Persona Humana. In: URKIZA, Julen; SANCHO, Francisco Javier. (Org.) *Obras Completas*. Vitoria: Ediciones El Carmen; Madrid: Editorial de Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2003. v. 4: Escritos antropológicos y pedagógicos. p. 648. “*Qué quiere decir que el hombre es responsable de sí mismo? Quiere decir que de él depende lo que él es, y que se le exige hacer de sí mismo algo concreto: puede y debe formarse a sí mismo.*”

<sup>177</sup> ALFIERI, Francesco. *Pessoa Humana e singularidade em Edith Stein*. São Paulo: Perspectiva, 2014. p. 15.

<sup>178</sup> STEIN, E. *El Problema de la Empatía*. Madrid: Editorial Trotta, 2004. p. 134.

determinada motivação, no entanto, ela também é livre para seguir ou não o estímulo vindo da motivação.<sup>179</sup>

A práxis cotidiana automatizada, estratificada, e as consequências formativas dos modelos que suprimem a ética humanizadora contribuem para a constituição de sujeitos dissociados de si mesmos, sem consciência de quem são, sem o reconhecimento de suas características e potências, singularidades e perspectivas. Sujeitos reprodutores de ações e pensamentos, anulando-se da criatividade e autoria própria.

Na investigação steiniana, a autoconsciência, ou seja, “a tomada de posição” – *auffassung* – ocorre diante da vinculação ao núcleo da personalidade. Com isso, cada sujeito, em si, é protagonista diante da complexidade de sua totalidade e singularidade.

Para Edith Stein, quando a pessoa é verdadeiramente aquilo que deve ser, isto é, quando ele possui a verdade de sua essência, ele também é realmente bom, possuindo o bem em sua essência. O que é perfeito, é verdadeiro, bom e belo.<sup>180</sup>

Quando um ente é verdadeiramente aquilo que deve ser (ou seja, quando ele possui a verdade em sua essência), ele também é realmente bom (ele possui o bem em sua essência) e, segundo o domínio ao qual ele pertence, ele é verdadeiramente santo, belo, nobre ou útil.<sup>181</sup>

Nesse aspecto, o esforço formativo exige que a própria pessoa participe do percurso de autoformação, o que não suprime o processo de interação com o formador externo, contribuinte da sua “construção” pessoal. Cada atitude humana é constituída de individualidade e de conteúdo objetivo e subjetivo. A pessoa, ainda que não tenha responsabilidade com as circunstâncias sociais, históricas, familiares, vivenciadas, é responsável pela escolha livre de decidir o que fará diante de tais circunstâncias.

<sup>179</sup> SBERGA, A. A.; MASSIMI, M. A formação da pessoa em Edith Stein. In: MAHFOUD, M.; MASSIMI, M. (Orgs.). *Edith Stein e a Psicologia: teoria e pesquisa*. Belo Horizonte: Artesã, 2013. p. 184.

<sup>180</sup> STEIN, E. *Ser Finito y Ser Eterno: Ensayo de una ascensión al sentido del ser*. México: Fondo de Cultura Económica, 1996. p. 339.

<sup>181</sup> STEIN, E. *Ser Finito y Ser Eterno: Ensayo de una ascensión al sentido del ser*. México: Fondo de Cultura Económica, 1996. p. 334. “*Cuando el ente es verdaderamente lo que debe ser (es decir, cuando posee ella verdad de su esencia), es también realmente bueno (posee el bien de su esencia) y, según la esfera a la cual pertenece, es verdaderamente santo, bello, noble o útil.*”

Reconhecendo-se como pessoa, o ser humano afirma-se como um “eu”, capaz de reflexão particularizada, que se coloca diante de si, da realidade circunstancial e de suas ações. Assim, a pessoa atualiza-se a si mesma optando por qual potência se propõe a atualizar.

Esta constante atualização das potências as faz passar duradouramente para uma nova forma de ser, a se tornar hábito. Portanto, as potências da alma são possibilidades que se atualizadas, vão se tornando capacidades duradouras e isso é o que forma e dá consistência ao caráter da pessoa.<sup>182</sup>

Para Edith Stein, ser formador de si mesmo, não designa autossuficiência, e sim assumir-se como pessoa e saber que da pessoa depende o que ela é e o que deve fazer de si. Por outro lado, sozinha nenhuma pessoa é capaz de ter uma imagem global de si. É justamente no convívio com os demais que ocorrem identificações, semelhanças ou contrariedades. O outro contribui para a referência do “eu”.

Stein afirma que a pessoa pode encontrar no outro a inspiração e o parâmetro atitudinal. Ao conhecer uma pessoa, pode-se receber através dela, a impressão do que se deveria ser. Desse modo, surge a exigência autoformativa, o propósito e a decisão volitiva de assumir como modelo tal comportamento e de dar a si a mesma forma.

A antropologia proposta por Edith Stein “não é construída sobre uma formulação ideal do que seria uma pessoa, mas sobre a experiência de ser pessoa”.<sup>183</sup> O **fenômeno pessoa** exige ser observado por vários ângulos, mas sempre partindo do princípio da encarnação, de um itinerário vital ao encontro do sentido do que se é e o que se deve ser. Na medida em que se reconhece como alguém, individual e relacional, a pessoa percebe a própria vida como o espaço processual formativo. É a partir da vida humana que se compreende a humanidade. “Não se trata, portanto, de uma vitrine na qual se mostrariam realidades abstratas; o ponto de partida é sempre a vida em sua densidade”.<sup>184</sup>

Nesse sentido, o próprio histórico vital de Edith Stein, exemplifica sua pesquisa. Em Auschwitz, lia-se nas portas dos campos de concentração: “*Arbeit macht frei*” (O trabalho

<sup>182</sup> SBERGA, A. A.; MASSIMI, M. A formação da pessoa em Edith Stein. In: MAHFOUD, M.; MASSIMI, M. (orgs.). *Edith Stein e a Psicologia: teoria e pesquisa*. Belo Horizonte:Artesã, 2013. p. 177.

<sup>183</sup> ALFIERI, Francesco. *Pessoa Humana e singularidade em Edith Stein*. São Paulo: Perspectiva, 2014. p. 19.

<sup>184</sup> ALFIERI, Francesco. *Pessoa Humana e singularidade em Edith Stein*. São Paulo: Perspectiva, 2014. p. 31.

liberta). De fato, o trabalho serve para autorrealização humana. Contudo, a intenção nazista estava em explorar o trabalho dos prisioneiros, confundindo-os com a possibilidade de tornarem-se livres da vida no campo de concentração. O paradoxo dessa manipulação ocasionava aos judeus tanto adentrar esses campos ao som da música de Wagner, quanto experimentar a tortura, física e mental. Entre os prisioneiros, ocorria o entorpecimento psíquico e um anestesiamiento das partes mais profundas da interioridade. No entanto, encontravam-se também prisioneiros que rompiam essa manipulação, mantendo-se dominados fisicamente, mas livres espiritualmente, justamente pelo sentido motivador que os conduzia a identificar a manutenção da vida como um valor.

Ora quando alguém entorpece desse modo o seu íntimo, permite que o outro exerça poder sobre si. [...] Mas também podemos constatar que, mesmo, quando alguém passa a ter o poder de destruir completamente as pessoas e tirar-lhe tudo, ainda pode restar uma dimensão que não foi roubada, a dimensão do íntimo mais íntimo de cada um.<sup>185</sup>

No exemplo de Edith Stein, ressalta-se não somente sua morte em Auschwitz e a perseguição nazista vivida, mas também a experiência na Primeira Guerra Mundial, o sexismo vivenciado em sua época que a impediu desenvolver a carreira universitária e a morte de pessoas que lhe eram caras. Seu testemunho revela que, não obstante a violência e as adversidades, conservou a singularidade que lhe permitiu seguir sua pesquisa. O registro de seus saberes articula-se com a inquietação experimentada em sua vida. De forma determinada e consciente, a vida e a obra steiniana remetem à concordância de que ela “tinha algo a dizer como pensadora de primeira grandeza e não apenas como reprodutora de pensamentos alheios”.<sup>186</sup>

A autora aponta, com sua pesquisa e sua vida, que a pessoa tem, em si, a capacidade de tornar-se e manter-se si mesma, ainda que encarne situações adversas. No entanto, para que a liberdade interior e a autoconsciência não estejam somente na dimensão da potência, mas, de fato, tornem-se ato, é preciso que o ser humano reconheça-se como, de fato, ele o é: uma pessoa integral, que não vive somente reagindo às influências externas, mas com intencionalidade voltada para a interioridade.

<sup>185</sup> ALFIERI, Francesco. *Pessoa Humana e singularidade em Edith Stein*. São Paulo: Perspectiva, 2014. p. 73.

<sup>186</sup> ALFIERI, Francesco. *Pessoa Humana e singularidade em Edith Stein*. São Paulo: Perspectiva, 2014. p. 73.

O “eu” caracteriza a pessoa como um ser-si-mesmo-e-nenhum-outro. Assim, assumindo-se a si mesmo, a autonomia é apreendida. A autoconsciência permitirá a interação com os demais, sem que a pessoa confunda-se com os demais: “Uma única pessoa que tenha consciência de sua singularidade pode ser mais livre do que mil pessoas que cedem aos condicionamentos externos”.<sup>187</sup>

No entanto, tornando-se si mesmo, apropriando-se com um indivíduo singular, livre e autoconsciente, a pessoa humana encontra-se em contexto social, não para co-habitar espaços, mas para dialogar e atuar no meio comunitário. Por isso, ressalta-se, além da formação da e para autonomia, o desenvolvimento de uma pedagogia empática no processo formativo.

## 2.11 A PEDAGOGIA EMPÁTICA

Para Edith Stein, no gesto educativo, o espaço dialógico tem importante papel, visto que o ser abre-se ao sensível, desperta a consciência em busca de significados, dirige a percepção ao encontro de respostas e contribui com a potência inventiva e criativa, desenvolvendo a maturidade globalmente. Colocar as operações cognitivas diante dos aspectos práticos dos múltiplos saberes contribui para o posicionamento pessoal diante de si e do mundo, favorecendo, também, a estruturação e o ordenação da interioridade. Abrir-se à possibilidade da graça divina correlaciona a natureza com a competência superior das realidades sobrenaturais, trazendo consequências para a vida prática.<sup>188</sup>

Além disso, na perspectiva steiniana, a vinculação entre a consciência do eu, do outro e do mundo englobam a importância do gesto formativo. Edith Stein, nos seus estudos sobre a **empatia** (*Einfühlung*)<sup>189</sup> salienta que esta é a via privilegiada para o processo educativo. A

<sup>187</sup> ALFIERI, Francesco. *Pessoa Humana e singularidade em Edith Stein*. São Paulo, Perspectiva: 2014. p. 75.

<sup>188</sup> STEIN, E. El Intelecto y los intelectuales. In: URKIZA, Julen; SANCHO, Francisco Javier. (Org.) *Obras Completas*. Vitoria: Ediciones El Carmen; Madrid: Editorial de Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2003. v. 4: Escritos antropológicos y pedagógicos. p. 222.

<sup>189</sup> A riqueza etimológica do termo *Einfühlung*, ocasiona algumas traduções como “intropatia” possivelmente por questões estilísticas. Neste texto dissertativo, optou-se em manter o uso da tradução “empatia” em acordo com as pesquisas steiniana ocorridas no Brasil. Conforme o professor do Departamento de Filosofia da Universidade Federal de São Paulo, Dr. Juvenal Savian Filho, coordenador do grupo de pesquisa O Pensamento de Edith Stein, na UNIFESP: “Os prefixos latinos que dão origem as traduções têm aproximadamente o mesmo sentido, de modo que não parece necessário escolher entre ‘empatia’ e ‘intropatia’. [...] Todavia, se em português o termo ‘empatia’ é mais corrente, não há porque preferir um termo idiossincrático como ‘intropatia’”. O argumento encontra-se em SAVIAN FILHO, J. A

ocorrência se dá ao fato de o formador reconhecer o sujeito em formação com alteridade, isto é, com individualidade própria, como um “tu” que vive a si mesmo, assim como “eu” vivo eu mesmo, concluindo com isso que “tu” é um ‘outro Eu’”.

É preciso, no entanto, clarificar o que significa **empatia** para Edith Stein:

[...] não se trata de uma intuição ou de uma simples emoção, mas de um saber do que passa na consciência alheia, uma experiência da experiência alheia, um perceber aquilo que o outro vivencia, ou ainda, um sentir o que o outro sente.<sup>190</sup>

Com isso, Edith Stein acentua a **empatia** para além da compreensão psíquica, insistindo no caráter epistemológico da vivência empática. No registro da consciência, a empatia afirma a intersubjetividade entre o “eu” e o “outro eu”.

Para compreender a empatia como “experienciar a experiência alheia”, é preciso a seguinte análise: o outro tem singularizada sua percepção do mundo e de si mesmo. Sua percepção está em primeira pessoa, é originária em si. Eu não tenho como assumir o “eu” do outro, mas sim o sentido do que ele experiencia. Edith Stein afirma então que a empatia é cooriginária por um sentido.

Em outras palavras, pela empatia, não vivo a experiência do outro, pois essa é vivência dele e absolutamente pessoal, intransferível, mas vivencio o objeto que ele vivencia, o objeto de sua experiência. Não vivencio “a” dor como meu amigo também vivencia. A empatia, portanto, rigorosamente falando, não me põe dentro do outro, mas faz com que eu me dê conta do objeto de sua experiência (o “conteúdo”, conforme também diz Edith).<sup>191</sup>

A empatia tem sua intensidade. Em primeiro nível, é possível identificar a experiência que emerge do **outro**. No segundo, é possível colher o sentido que essa experiência **me** oferece. Somente em terceiro nível, essa vivência torna-se objeto, um sentido, **para mim**. Do

---

empatia segundo Edith Stein. In: SAVIAN FILHO, Juvenal. (Org.). Empatia: Edmund Husserl e Edith Stein: apresentações didáticas. São Paulo: Edições Loyola, 2014. p. 29-52.

<sup>190</sup> SAVIAN FILHO, J. A empatia segundo Edith Stein. In: SAVIAN FILHO, Juvenal. (Org.). Empatia: Edmund Husserl e Edith Stein: apresentações didáticas. São Paulo: Edições Loyola, 2014. p. 29-52.

<sup>191</sup> SAVIAN FILHO, J. A empatia segundo Edith Stein. In: SAVIAN FILHO, Juvenal. (Org.). Empatia: Edmund Husserl e Edith Stein: apresentações didáticas. São Paulo: Edições Loyola, 2014. p. 29-52.

objeto originário ao cooriginário: percebe-se a mesma percepção do outro, não é possível ter a **sua** percepção, mas a percepção do que o **outro** percebe.

A alegria que ele irradia é originária para ele, não para mim. Porém, “a” alegria (não a “sua” alegria) manifesta-se na minha experiência. A minha, portanto, é uma experiência vivida não originária; é cooriginária.<sup>192</sup>

Portanto, empatia na visão steiniana, não é um mero **sentir com**, ou viver **um único** sentimento, uma associação instintiva ou imitação. Também não refere-se à delimitação do assumir o afeto do outro. Empatia designa um saber experiencial da experiência alheia. Ao empatizar com o outro, este é percebido e recebido como “um semelhante”, possibilitando ao ser a vivência de ser espiritualmente tocado.<sup>193</sup>

A relação empática na formação deve estar configurada a promoção de uma pedagogia integral e integradora. Na perspectiva da ética formativa, ressalta-se o fenômeno da empatia. Qualquer ofício ou atividade profissional não deve subtrair-se da experiência empática: “se toda a conduta ética é uma conduta em relação ao outro, toda ética implica um fundo empático”.<sup>194</sup>

A formação empática favorece não só elementos de reciprocidade, mas de percepção do **outro**: o **outro** que está **diante de mim** com suas características diferentes; o **outro comigo**, no processo de interlocução e dialógica. A ausência de empatia caracteriza o **outro sem mim**.

O alerta que a pedagogia steiniana provoca é fundamental a todo gesto educativo: a formação não ocorre satisfatoriamente e em intensidade sem que se perceba o **outro diante de mim**, e sem querer a relação do **outro comigo**. A formação ocorre entre pessoas convocando à humanização, pela qual um pode participar da vivência do outro. O gesto

<sup>192</sup> SAVIAN FILHO, J. A empatia segundo Edith Stein. In: SAVIAN FILHO, Juvenal. (Org.). *Empatia: Edmund Husserl e Edith Stein: apresentações didáticas*. São Paulo: Edições Loyola, 2014. p.

<sup>193</sup> STEIN, E. *Estructura de la Persona Humana*. In: URKIZA, Julen; SANCHO, Francisco Javier. (Org.) *Obras Completas*. Vitória: Ediciones El Carmen; Madrid: Editorial de Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2003. v. 4: *Escritos antropológicos y pedagógicos*. p. 688.

<sup>194</sup> BARREIRA, Cristiano R. A. A bela adormecida e outras vinhetas: a empatia, do corpo a corpo cotidiano à clínica. In: SAVIAN FILHO, Juvenal. (Org.). *Empatia: Edmund Husserl e Edith Stein: apresentações didáticas*. São Paulo: Edições Loyola, 2014. p. 53-93.

formativo não lida com pessoas transparentes, mas com pessoas de vivências encarnadas que podem crescer na medida da reciprocidade.

Ao itinerário formativo é preciso bases antropológicas atentas para que os pré-conceitos, pré-julgamentos não interfiram no adequado conhecimento do **outro diante de mim**. Com isso, necessita abertura à relação intersubjetiva empática:

[...] a empatia, que propicia um adentrar na experiência do outro, talvez seja uma das vias que mais permita uma compreensão ampla do universo da pessoa e que favoreça um processo de acompanhamento formativo.<sup>195</sup>

A interlocução configura-se como horizonte de empatia: “aprendemos às vezes a apreciarmos a nós mesmos de maneira correta pelo que vivenciamos como mais ou menos valiosos em comparação com os outros”.<sup>196</sup>

Segundo Edith Stein, a relação empática pode ocorrer em caráter espontâneo: “quando a outra pessoa irradia força e frescor, algo passa para mim e eu experimento uma força ‘vivificante’, um incremento de meu ser espiritual que me faz capaz de uma maior atividade espiritual”.<sup>197</sup>

Quanto à singularidade de cada pessoa humana, esta necessita ser descoberta e considerada com profundo respeito segundo as características originárias de sua dignidade. A formação empática conduz, gradualmente, para as qualidades mais substanciais da pessoa e permite a transcendência do ser ao encontro de um sentido pleno.

Stein acentua ainda que, na intersubjetividade empática, há o encontro com a interioridade do outro que para além da corporeidade, atinge a dimensão espiritual acessando as motivações, os valores, os aspectos mais genuínos de cada pessoa.

<sup>195</sup> SBERGA, A. A.; MASSIMI, M. A formação da pessoa em Edith Stein. In: MAHFOUD, M.; MASSIMI, M. (Orgs.). *Edith Stein e a Psicologia: teoria e pesquisa*. Belo Horizonte: Artesã, 2013. p. 181.

<sup>196</sup> STEIN, E. *El Problema de la Empatía*. Madrid: Editorial Trotta, 2004. p. 134. “Aprendemos a veces a apreciarnos a nosotros mismos de manera correcta, por lo que nos vivenciamos como más o menos valiosos en comparación con otros.”

<sup>197</sup> STEIN, E. Estructura de la Persona Humana. In: URKIZA, Julen; SANCHO, Francisco Javier. (Org.) *Obras Completas*. Vitoria: Ediciones El Carmen; Madrid: Editorial de Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2003. v. 4: Escritos antropológicos y pedagógicos. p. 688. “Cuando la otra persona irradia fuerza y frescor, algo de eso pasa a mí, y yo experimento una influencia “vivificante”, un incremento de mi ser espiritual que me hace por mi parte capaz de una mayor actividad espiritual.”

A partir deste olhar empático, o papel do educador se torna indispensável na relação com os educandos e, por meio deste contato de proximidade e abertura, o educando pode se confrontar, se questionar e ressignificar sua história, como também, traçar novas metas e projetos que o ajudem a desenvolver suas capacidades e qualidades pessoais com mais eficácia.<sup>198</sup>

O ato empático consente a abertura ao outro com afetividade, captando-o com olhar humano, em atitude relacional, não o considerando como objeto, mas como sujeito, como pessoa integral a integralizar-se. A relação empática só existe onde dois seres espirituais abrem-se em reciprocidade e transcendência.

Na especificidade do papel formativo, nossa filósofa recomenda um gesto educacional capaz de proximidade às peculiaridades individuais. Pontua que, somente através de um vivo contato com a interioridade, através linguagem da alma em suas diversas formas expressivas: olhar, expressão do rosto, gestuais, etc. é que se pode penetrar no profundo da pessoa. Cada pessoa em sua individualidade e seu ato próprio de compreender interpretará e responderá a esse contato.

Quando o sujeito em formação bloqueia o vínculo empático, nenhuma atitude arbitrária, inflexível e constrangedora, aproxima-o ao educador. Não contribui à formação do ser único inclusive, os gestos deterministas que condicionam a pessoa dentro de uma perspectiva pré-conceitual. Expressões que resumem o ser à sua experiência: “nasceu com essa condição e não sairá dela”; “é assim porque sua família também o é”; “com essa dificuldade não será nada na vida”; acabam por limitar o sujeito à sua condição psico-física dissociando-o da sua dimensão espiritual e, portanto, da sua perspectiva de transcendência e plenitude. Através da afetividade, paulatinamente, com a consciência de sua responsabilidade, o investimento positivo e motivador do educador acessa a interioridade de uma criança ou jovem.

---

<sup>198</sup> SBERGA, A. A.; MASSIMI, M. A formação da pessoa em Edith Stein. In: MAHFOUD, M.; MASSIMI, M. (Orgs.). *Edith Stein e a Psicologia: teoria e pesquisa*. Belo Horizonte: Artesã, 2013. p.181.

## 2.12 A VIDA COMUNITÁRIA E SUAS IMPLICAÇÕES NO PROCESSO FORMATIVO

Na perspectiva do desenvolvimento humano, a pessoa primeiramente nasce como um ser comunitário e no processo formativo, reconhece-se como um “eu” singular. Mesmo na constituição de sua disposição genética, foi preciso ocorrer uma relação dual.

Para Edith Stein, “o indivíduo humano isolado é uma abstração. Sua existência é uma existência no mundo, sua vida, uma vida em comum”.<sup>199</sup> Reconhecer a personalidade também é reconhecer a comunidade. “O indivíduo humano é observado no interior de uma dinâmica de atos, relações, estruturas e tipos sociais, que aponta para um indivíduo imerso numa coletividade”.<sup>200</sup>

Edith Stein sempre, em todas as suas obras, aponta para a correlação pessoa e comunidade. Insiste no fator relacional intrínseco no esforço de formação, em que a atualização das potencialidades da pessoa ocorre graças às influências formativas recebidas do meio social. Ressaltando que o ser humano não vem ao mundo “acabado”, mas como um ser sociável e educável, sendo fundamental o papel da comunidade na constituição da pessoa. Portanto, o gesto educativo se “encarna no espaço concreto de uma relação”.<sup>201</sup>

No entanto, Edith Stein sinaliza que a experiência comunitária, a construção do “nós”, depende da vontade e da identificação de cada um. Além disso, o “nós” não pode eliminar cada “eu”. Se comunidade não se trata de uma justaposição de “eus”, tampouco deve configurar-se como uma entidade em dissolução dos “eus”.

Do ponto de vista da formação pessoal, por meio do conhecimento e do convívio com a pluralidade de personalidades, a pessoa constrói referências para o conceito que tem de si mesmo, em um processo de autoconhecimento e autoavaliação, sem que isso configure um determinismo. Cada “eu” é constituído por uma porção formativa de muitos outros “eus”: familiares, amigos, educadores, entre tantos outros que auxiliam ao dar forma à pessoa.

<sup>199</sup> STEIN, E. Estructura de la Persona Humana. In: URKIZA, Julen; SANCHO, Francisco Javier. (Org.) *Obras Completas*. Vitoria: Ediciones El Carmen; Madrid: Editorial de Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2003. v. 4: Escritos antropológicos y pedagógicos. p. 713. “*El individuo humano aislado es una abstracción. Su existencia es existencia en un mundo, su vida es vida en común.*”

<sup>200</sup> KUSANO, Mariana Bar. *A Antropologia de Edith Stein: entre Deus e a filosofia*. São Paulo: Ideias & Letras, 2014. p. 91.

<sup>201</sup> RUS, Éric de. *Uma visão Educativa de Edith Stein: Aproximação a um Gesto Antropológico Integral*. Belo Horizonte: Artesã, 2015. p. 42.

A vida pessoal está inserida em uma vida comunitária. Para Edith, a existência é uma existência no mundo e a vida, uma vida em comunidade. A inserção comunitária consente o sentido de pertencimento a uma totalidade decorrente e ampliada: comunidades, sociedade, povos e nações e a humanidade, como comunidade universal e com o próprio mundo natural.

Para Edith Stein, “as diferentes comunidades humanas [...] se embasam em uma comunidade universal que engloba todas as demais: a humanidade”.<sup>202</sup> A humanidade não é somente um conjunto de seres humanos, mas um organismo corpóreo espiritual, com identidade própria e potência de comunhão. A potencialidade de comunhão está presente em cada pessoa, tendo esta consciência ou não. Cada ser humano, mediante sua origem e a relação com a descendência da qual provem, retorna à origem comunitária. A própria constituição do novo ser, se compôs a partir da genética de duas outras pessoas, isto é, de uma comunhão de vida.

O processo de pertença comunitária não ocorre da mesma maneira em todos os indivíduos, nem mesmo em todas as épocas. Nos contextos sociais, encontram-se dinâmicas e características próprias em cada época que contribuem com a constituição do sujeito pessoal e comunitário na particularidade de cada sociedade.

A consciência de estar integrado em uma comunidade desenvolve na pessoa a capacidade de autoavaliação dos seus atos diante do todo. Tal capacidade de análise é fundamental, pois, se por um lado, a pertença comunitária lhe transfere valores, por outro, é de responsabilidade pessoal a preservação e a vivência de tais valores.

A vivência em comunidade não se fundamenta na justaposição ou agrupamento de pessoas, mas no alicerce dos valores e vínculos de cumplicidade, cooperatividade e comunhão. Uma comunidade, para, de fato, assim ser considerada, necessita de normatizações, vinculações e valores próprios, construídos no empenho de significância e unidade.

---

<sup>202</sup> STEIN, E. Estructura de la Persona Humana. In: URKIZA, Julen; SANCHO, Francisco Javier. (Org.) *Obras Completas*. Vitoria: Ediciones El Carmen; Madrid: Editorial de Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2003. v. 4: Escritos antropológicos y pedagógicos. p. 716. “*Las distintas comunidades humanas, [...] se basan en una comunidad universal que engloba a todas las demás: la humanidad.*”

Em termos sociais, no exercício de cidadania, a pessoa pode responsabilmente contribuir para a valorização da herança cultural e para o fomento das virtudes que o próprio povo construiu. Edith Stein alerta para a necessidade de valorização da cultura de outros povos incorporados à sociedade, pela cooperação cultural e evolução social. Para Stein, a formação para ser completa não pode se limitar a um contexto social específico, mas torna-se fundamental a abertura dialógica com as características e contribuições de outros povos.

Stein defende que o sujeito em formação tenha a oportunidade de conhecer diferentes culturas, comunidades e sociedades, para, assim, transcender a si próprio e mesmo à própria visão cultural que o cerca, favorecendo a consciência global de humanidade.

Deve-se considerar que atividade e representação da pessoa na sociedade contribuem para formar a integralidade do seu ser. Insistir na dimensão relacional inerente na formação “é lembrar que cada indivíduo só se desenvolve e se torna aquilo que deve ser graças às influências formativas recebidas de seu meio”.<sup>203</sup>

Em sua pedagogia, Edith Stein critica as concepções coletivistas de formação. Se a comunidade tem papel formativo sobre cada um de seus membros, deve ponderar que essa função não confere o direito de romper o que a pessoa é em singularidade. Se o ser humano não se constitui plenamente como pessoa em isolamento, também não se constitui em inteireza nas metodologias de massificação onde o “eu” é dissolvido no “nós”.

Neste sentido, no processo formativo, o educador não pode subtrair-se de analisar a o contexto social dos sujeitos em formação sem, porém, resumi-los a este contexto. Viver em comunidade significa ver o ser humano agir e agir com ele e por ele; é estar atento às suas ações, acompanhar o seu nascer e morrer, ser formado por esses e, por meio desses, ajudar outros a se formarem. Para Edith Stein, a vida humana é uma vida cultural.

Edith Stein ressalta o papel formador de três instituições: a família, a sociedade e a Igreja. Segundo a pedagogia steiniana, a família é a comunidade fundamental de maior solidez na formação humana. No entanto, não deve ser investida na totalidade educativa de uma criança, visto que possui limitações para desenvolver a potência e o cultivo dos talentos

---

<sup>203</sup> RUS, Éric de. *Uma visão Educativa de Edith Stein: Aproximação a um Gesto Antropológico Integral*. Belo Horizonte: Artesã, 2015. p. 43.

em uma perspectiva integral e globalizante. Stein reforça que mesmo a melhor família será limitada nas condições de cumprir todas as tarefas. A família necessita, desse modo, de outras instituições formativas em cooperação com a formação de seus membros.

O Estado, na medida em que lhe é conferido um poder organizado, deve exercer o papel em benefício ao bem-comum, favorecendo a garantia de estruturas educativas onde seja ofertada a formação cidadã, despertando o sentido do dever social, em favor não só da singularidade, mas também da coletividade. Ao Estado cabe assegurar o desenvolvimento de pessoas e comunidades que vivem sob sua responsabilidade legislativa. Assim, o Estado deve exercer sua colaboração, não só com a manutenção da família, mas, também, dar o amparo no sistema educacional salvaguardando o patrimônio cultural e, sobretudo, a liberdade e a mentalidade comunitária cooperativa.

Sobre a Igreja, Edith Stein remete à educação cristã como um direito da pessoa humana. Sua legitimidade está na comunicação da força formadora da graça, na medida em que a missão educativa da Igreja está no processo pedagógico em vista do enraizamento do ser na fé. A formação nas instituições cristãs não deve se furtar do direito humano de desenvolver suas potências mais elevadas encontradas na sua dimensão espiritual. A educação cristã ocorre de forma personalizada, direcionando o educando ao seu núcleo de interioridade e originalidade pessoal. A comunidade cristã torna-se importante educadora quando encoraja cada pessoa a realizar a sua própria vocação, vivendo em fraternidade e igualdade com os demais, em progressão na graça divina e experiência com Deus Trindade.

Assim, no ponto de vista steiniano, a formação humana é sempre uma responsabilidade partilhada, pela qual cada pessoa é chamada a cooperar livremente e de forma consciente com seu desenvolvimento próprio, auxiliada por comunidades formativas. A liberdade pessoal e as influências comunitárias estão em interação e diálogo constante. Pelo processo educativo integral e transcendente, a pessoa faz a devolutiva social com responsabilidade humanizadora e solidária, buscando não só o sentido próprio de realização, mas o sentido da própria vida contribuinte ao bem comum.

Constatando o percurso formativo integrado ao sentido de ser pessoa em Edith Stein, reconhece-se a relevância de sua antropologia filosófica-teológica como paradigma pedagógico, visto que a exigência de coerência entre o contexto formativo, o gesto educativo, as ações metodológicas e a prática cotidiano são conduzidas à primazia do ser e

do conviver. Para isso, é preciso ter sempre presente a certeza de que tipo de pessoa se deseja formar e qual sociedade deseja-se edificar. Reconhecer o valor e as diferenciações entre corporeidade, psique e espírito, mas, igualmente, a inter-relação nessa tripartição, além das estruturas constituintes do intelecto, liberdade, responsabilidade, vontade e consciência, embasam e norteiam o gesto educativo em prol de um desenvolvimento pleno da pessoa. Diante de tais aspectos, o ser tende a autoformação, visto que é colocado não como um sujeito passivo diante do percurso, mas em constante dialógica que o conduz a um posicionamento de si e, também, na relação empática com o outro implicando na abertura à transcendência, tanto em sentido horizontal, quanto vertical.

No entanto, para Edith Stein, todos esses elementos são fundamentais, mas ainda não alcançam totalmente a centralidade. A centralidade está em atingir a “alma da alma” da pessoa, o lugar onde o mistério divino encontra-se com o mistério humano. Para melhor explorar essa temática, segue o capítulo próximo.

### 3 A PESSOA HUMANA À LUZ DA REVELAÇÃO CRISTÃ

No capítulo final da obra “A Estrutura da Pessoa Humana” (*Der Aufbau der menschlichen Person*), Edith Stein aponta para uma antropologia teológico-pedagógica partindo da premissa da *revelação* cristã. Segundo a autora, a busca por responder a pergunta “O que é o homem?” traz considerações da finitude e infinitude humana a serem completadas como conhecimento ontológico. O termo ontologia utilizado por Stein visa colocar em evidência as estruturas essenciais do fenômeno “pessoa” para que se revele aquilo que o ser humano é.

Segundo Stein, uma atitude pedagógica deve analisar o conteúdo da experiência humana, sublinhando o que é, de fato, essencial. Esse procedimento ontológico, ocupando-se das particularidades do ser, conduz ao encontro de sua finitude. No entanto, ao reconhecer-se como finito, torna possível ao ser a percepção de que este não pode ser compreendido por si mesmo. Justamente por essa condição, ocorre a abertura transcendente. A pessoa torna-se consciente de que há algo que não está sob seus domínios, que se encontra além de si.<sup>204</sup>

Em outras palavras, a atitude humana de paulatinamente desenvolver-se em direção a um objetivo, aponta para uma série de reflexões essenciais, mas que não respondem a todas as perguntas. Mesmo a dimensão espiritual da pessoa, cujo entendimento é acessível, não alcança por si mesmo tais respostas. Quanto mais o ser coopera com o processo formativo “desde dentro” e torna-se recíproco na relação empática com os demais, mais torna perceptível que a pessoa humana não se encerra em si mesma, nem enquanto singularidade, nem como comunidade e tampouco enquanto origem.

Edith Stein volta-se para a gênese inicial da humanidade e reconhece haver um primeiro ser que necessita ser considerado e do qual decorrem todos os outros seres. Considera que o ser infinito só pode ser Um. A esse primeiro e infinito ser, Stein refere-se a Deus. Dessa maneira, pode-se considerar o conhecimento ontológico reconhecendo a finitude da pessoa humana, que remete a Deus, ser infinito e eterno.

---

<sup>204</sup> STEIN, E. Estructura de la Persona Humana. In: URKIZA, Julen; SANCHO, Francisco Javier. (Org.) *Obras Completas*. Vitoria: Ediciones El Carmen; Madrid: Editorial de Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2003. v. 4: Escritos antropológicos y pedagógicos. p. 741-742.

Com isso, nossa autora reconhece, na revelação cristã, a pedagogia divina:

[...] a possibilidade de um espírito superior nos instruir acerca de algo que o espírito humano não pode acessar por si mesmo sem que se tenha se convertido a realidade da *Revelação*, o desvelamento de fatos por parte de Deus para o homem.<sup>205</sup>

Há uma verdade revelada que diz algo sobre o homem e o conduz ao conhecimento de quem ele é, quem deve ser e como pode chegar a ser. A razão natural pode levar ao encontro com Deus a partir de suas obras, mas existe outro conhecimento de que sozinho o ser não pode alcançar, com suas próprias forças, o que justamente é a Revelação divina.<sup>206</sup>

Edith Stein pontua que o conteúdo da revelação divina deve ser um conhecimento a interessar o homem, visto que “não há tarefa mais urgente que conhecer o que a verdade revelada diz sobre o homem”.<sup>207</sup>

Das verdades da fé que partem da revelação, a autora acentua:

O homem foi criado por Deus, e com o primeiro homem toda a humanidade como uma unidade por razão de sua origem e com um potencial para a comunidade; cada alma humana individual foi criada por Deus; o homem foi criado à imagem e semelhança de Deus; o homem é livre e responsável por aquilo em que se converte, o homem pode e deve fazer que sua vontade esteja em consonância com a vontade de Deus.<sup>208</sup>

<sup>205</sup> STEIN, E. Estructura de la Persona Humana. In: URKIZA, Julen; SANCHO, Francisco Javier. (Org.) *Obras Completas*. Vitoria: Ediciones El Carmen; Madrid: Editorial de Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2003. v. 4: Escritos antropológicos y pedagógicos. p. 742. “La posibilidad de que un espíritu superior nos instruya acerca de algo a lo que el espíritu humano no puede acceder por sí mismo se ha convertido en una realidad en el hecho de la Revelación, el desvelamiento de hechos por parte de Dios para el hombre.”

<sup>206</sup> CATECISMO da Igreja Católica. Petrópolis: Vozes; São Paulo: Loyola, 1993. p. 27.

<sup>207</sup> STEIN, E. Estructura de la Persona Humana. In: URKIZA, Julen; SANCHO, Francisco Javier. (Org.) *Obras Completas*. Vitoria: Ediciones El Carmen; Madrid: Editorial de Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2003. v. 4: Escritos antropológicos y pedagógicos. p. 743. “No hay por ello tarea más urgente que conocer lo que la verdad revelada dice sobre el hombre.”

<sup>208</sup> STEIN, E. Estructura de la Persona Humana. In: URKIZA, Julen; SANCHO, Francisco Javier. (Org.) *Obras Completas*. Vitoria: Ediciones El Carmen; Madrid: Editorial de Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2003. v. 4: Escritos antropológicos y pedagógicos. p. 743. “El hombre ha sido creado por Dios, y con el primer hombre toda la humanidad como una unidad por razón de su origen y como una potencial comunidad; cada alma humana individual ha sido creada por Dios; el hombre ha sido creado a imagen y semejanza de Dios; el hombre es libre y responsable de aquello en lo que él se convierte; el hombre puede y debe hacer que su voluntad esté en consonancia con la voluntad de Dios.”

Segundo Stein, a ciência pedagógica se desenvolve da fonte do conhecimento natural e não da revelação. No entanto, a santa filósofa infere que a pedagogia enquanto ciência educativa pode reconhecer o fundamento trazido pela fé, visto que está em seu papel, a condução do homem para a realização pessoal e comunitária.

Se a pedagogia é uma autêntica ciência, deve poder averiguar com seus próprios métodos o que é a educação e como se deve educar. E se procede corretamente, o que averigua deve coincidir com o conteúdo da fé, sem que o haja tomado desta última. De fato, nem todo o revelado é inacessível ao conhecimento natural.<sup>209</sup>

Torna-se importante ressaltar que ao considerar as verdades reveladas acessíveis ao conhecimento natural – mas não esgotadas nesse conhecimento – Edith Stein reconhece a dimensão do **mistério**. Atenta ao fato de que estar inacessível, não significa estar incompreensível. A verdade revelada não deixa de ser uma verdade. Quando a pessoa assume uma verdade de fé, obtém-se um conhecimento. Diante disso, a autora versa: “a inacessibilidade para o conhecimento natural quer dizer que é preciso uma luz sobrenatural para chegar ao conhecimento do mistério”.<sup>210</sup>

Relacionando sua pesquisa teológica ao conhecimento pedagógico, salienta:

Quando a pedagogia renuncia a beber das fontes da Revelação, se arrisca a deixar de lado o mais essencial que podemos saber em relação ao ser humano, sua finalidade e o caminho que a ela conduz e, portanto, se priva a si mesmo por princípio da possibilidade de determinar seu objeto (a educação do homem) de modo suficiente. [...] Para o conhecimento natural, se pode buscar o conhecimento natural, e se encontra se pode prescindir (dentro da pedagogia) da fundamentação sobrenatural. Os elementos que excluem uma fundamentação natural se deve atribuir um lugar que lhes corresponda no todo da pedagogia. Não por isto se converte esta última em teologia, mas, sim, entra numa relação essencial e insuprimível.<sup>211</sup>

<sup>209</sup> STEIN, E. Estructura de la Persona Humana. In: URKIZA, Julen; SANCHO, Francisco Javier. (Org.) *Obras Completas*. Vitoria: Ediciones El Carmen; Madrid: Editorial de Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2003. v. 4: Escritos antropológicos y pedagógicos. p. 743-744. “Si la pedagogía es una auténtica ciencia, debe poder averiguar con sus propios métodos qué es la educación y cómo se debe educar. Y si procede correctamente, lo que averigüe debe coincidir con el contenido de la fe, sin que lo haya tomado de esta última. De hecho, no todo lo revelado es inaccesible al conocimiento natural.”

<sup>210</sup> STEIN, E. Estructura de la Persona Humana. In: URKIZA, Julen; SANCHO, Francisco Javier. (Org.) *Obras Completas*. Vitoria: Ediciones El Carmen; Madrid: Editorial de Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2003. v. 4: Escritos antropológicos y pedagógicos. p. 744.

<sup>211</sup> STEIN, E. Estructura de la Persona Humana. In: URKIZA, Julen; SANCHO, Francisco Javier. (Org.) *Obras Completas*. Vitoria: Ediciones El Carmen; Madrid: Editorial de Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2003. v. 4: Escritos antropológicos y

Edith Stein considera que a verdade revelada ao corresponder a um sentido pode transformar-se em maior potência formadora e a fé, visto que atingirá a alma da pessoa e seu núcleo de interioridade. A força motriz despertada pela consciência da fé possibilita a práxis transcendente de comunhão consigo, com o outro e com Deus. A revelação cristã torna-se esteio, premissa e finalidade: um objetivo autêntico de realização, na medida em que se alicerça na dimensão espiritual da pessoa.

Retomando que, na ótica steiniana, a pessoa humana encontra-se em percurso, em processual dinâmica de vida, salienta-se:

O ser espiritual implica vida em movimento, é impossível fixar seu conhecimento por meio de definições rígidas; ele próprio é movimento progressivo e necessita de expressões fluentes. O mesmo vale para a fé. Ela é espiritual e, portanto, em movimento – sobe as alturas incompreensíveis e desce a profundezas cada vez maiores. Portanto, deve o conhecimento procurar penetrá-la pela diversidade de expressões, na medida em que lhe for possível.<sup>212</sup>

A adesão à verdade revelada implica na fé percebida como caminho de condução se constitui na convicção daquilo que Deus é. Aquele que ultrapassa todo o criado, tudo que pode ser apreendido e compreendido. Deus torna-se o formador da pessoa, visto que, na alma humana, encontra-se implantada a potência para o encontro com o Absoluto. No itinerário da fé, ocorre uma pedagogia de encontro: do ser finito, a partir de Deus, a pessoa humana torna-se capaz de encontrar o infinito, o Eterno.

A fé dirige a inteligência para o Criador de todas as coisas, aquele que é infinitamente maior, mais alto e mais digno de ser amado do que todas elas. A fé permite conhecer os atributos de Deus, indica tudo quanto ele fez para os homens e tudo quanto eles lhe devem.<sup>213</sup>

---

pedagógicos. p.744-745. *“Cuando la pedagogía renuncia a beber de las fuentes de la Revelación, se arriesga a dejar a un lado lo más esencial podemos saber sobre el hombre, su objetivo y el camino que a él lleva y por lo tanto se priva a sí misma por principio de la posibilidad de determinar su objeto (la educación del hombre) de modo suficiente.[...] Para lo cognoscible naturalmente se puede buscar la fundamentación natural, y si se encuentra se puede prescindir (dentro de la pedagogía) de la fundamentación sobrenatural. A los elementos que excluyen una fundamentación natural se les debe asignar el lugar que les corresponda en el todo de la pedagogía. No por ello se convierte esta última en teología, pero sí entra en una relación con ella esencial e insuprimible.”*

<sup>212</sup> STEIN, Edith. *A Ciência da Cruz: Estudo sobre São João da Cruz*. São Paulo: Edições Loyola, 1988. p. 96.

<sup>213</sup> STEIN, Edith. *A Ciência da Cruz: Estudo sobre São João da Cruz*. São Paulo: Edições Loyola, 1988. p. 98.

A constância, a consistência e a vivacidade da fé assumem por verdadeira a pedagogia da revelação. A fé é substância da revelação divina, a aceitação de seu conteúdo e um dom, uma oferta da própria pessoa a Deus, visto que a inteligência não é capaz de, por conta própria, alcançar a Deus; a memória não cria pela imaginação a totalidade de Deus; e a vontade limita-se nos encantos experimentados no que Deus é em Si mesmo. Edith Stein propõe que nem os sentidos, nem a razão, sozinhos, são capazes de alcançar a verdade. A pedagogia da fé cristã conduz a pessoa ao amor e à verdade, em união consigo, com o outro e com Deus.

No entanto, é preciso identificar a fé como uma resposta à iniciativa primeira de Deus. Por decisão totalmente livre, Deus se revela e se doa ao homem. Deus abre o infinito pleno à finitude humana. Revela seu mistério, seu projeto benevolente, concebido na pessoa de Jesus Cristo.<sup>214</sup> À luz da fé, Stein recorda: não se pode crer sem a graça divina.

A graça é um dom que pede para ser aceito. Por gratuidade e liberdade de Deus Uno e Trino, a pessoa tem acesso à graça. Deus se dá a conhecer. Entretanto, é preciso a cooperação humana, dentro de seu livre-arbítrio, para abertura a essa pedagogia do encontro: através da graça, por meio de acontecimentos concretos e da própria história, a confiança e o revigoramento de vida se tornam presentes. Tanto a liberdade de Deus quanto a liberdade humana encontram-se na graça e esta, assim, torna-se a principal força formativa.<sup>215</sup>

### 3.1 A CONFIGURAÇÃO COM A PESSOA DE JESUS CRISTO

A antropologia teológica steiniana concebe o ser humano como um buscador de Deus: “tanto em seu interior, como no mundo externo, o homem encontra indícios de algo que está acima dele e de todos os demais, e do qual ele e os demais dependem. A pergunta acerca do ser, a busca de Deus, pertence ao ser do homem”.<sup>216</sup>

<sup>214</sup> CATECISMO da Igreja Católica. Petrópolis: Vozes; São Paulo: Loyola, 1993. p. 27.

<sup>215</sup> Cf. RUS, Éric de. *Uma visão Educativa de Edith Stein: Aproximação a um Gesto Antropológico Integral*. Belo Horizonte: Artesã, 2015. p. 104-106.

<sup>216</sup> STEIN, E. Estructura de la Persona Humana. In: URKIZA, Julen; SANCHO, Francisco Javier. (Org.) *Obras Completas*. Vitoria: Ediciones El Carmen; Madrid: Editorial de Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2003. v. 4: Escritos antropológicos y pedagógicos. p. 594. “*Tanto en su interior como en el mundo externo, el hombre halla indicios de algo que está por*

Além disso, em sua conferência “Sobre a ideia de formação” – *Zur Idee der Bildung*,<sup>217</sup> Edith Stein afirma Deus como formador. O caminho formativo da pessoa é uma obra da providência divina. A disposição natural humana ao desenvolvimento e seu processo evolutivo dependem de diferentes fatores e da livre vontade pessoal em corresponder. A cooperação humana diante dos múltiplos fatores externos e internos, mesmo frente ao que não se pode imediatamente perceber, nem vislumbrar, encontra Deus e sua particular intervenção. Ao se reconhecer um “milagre”, isto é, uma intervenção no curso dos fenômenos naturais externos, é preciso reconhecer inclusive, que o efeito da graça de Deus realiza “milagres” no mundo interior do ser.<sup>218</sup>

Diante do questionamento: qual a imagem segundo ao qual se forma a pessoa? Deve se considerar a alteridade do ser que possui uma imagem diante de si e elege modelos ao qual deseja assemelhar-se. Também considera-se que as pessoas são distintas e correm o perigo de imitar e aspirar algo que entram em conflito com sua natureza. Por isso, Stein alerta que a semelhança pode ser uma autêntica formação, quando se aplica aos fatores comuns aos seres humanos, alcançáveis pela afinidade da natureza humana. Ressalta assim, que o processo formativo deve ser harmônico com a própria natureza da pessoa. Aponta Edith para Deus, que determina a meta para cada natureza e que pôs no interior humano a tendência para alcança-la.<sup>219</sup>

Deus, criou a pessoa a sua imagem, conforme a narrativa do livro de Gênesis 1, 27. Edith Stein, retoma a narrativa e afirma que ao contemplarmos as criaturas, a visão permanece imperfeita e unilateral. Assim, o arquétipo integrado à imagem de perfeição e plenitude, encontra-se no “Filho de Deus e na Palavra da Revelação que nos dá notícia de Deus.”<sup>220</sup> Cada pessoa deve assimilar em si a Imagem perfeitamente integrada à interioridade que forma e transforma desde dentro. A segurança formativa, para Stein,

---

*encima de él y de todo lo demás, y de lo que él y todo lo demás dependen. La pregunta acerca de ese ser, la búsqueda de Dios, pertenece al ser del hombre.”*

<sup>217</sup> A conferência foi publicada em 16 de novembro de 1930 na revista *Zeit und Schule*, 27 (1930, n. 22) 159 – 162, 167.

<sup>218</sup> STEIN, E. Sobre el Concepto de Formación. In: URKIZA, Julen; SANCHO, Francisco Javier. (Org.) *Obras Completas*. Vitoria: Ediciones El Carmen; Madrid: Editorial de Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2003. v. 4: Escritos antropológicos y pedagógicos. p. 192.

<sup>219</sup> STEIN, E. Sobre el Concepto de Formación. In: URKIZA, Julen; SANCHO, Francisco Javier. (Org.) *Obras Completas*. Vitoria: Ediciones El Carmen; Madrid: Editorial de Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2003. v. 4: Escritos antropológicos y pedagógicos. p. 193.

<sup>220</sup> STEIN, E. Sobre el Concepto de Formación. In: URKIZA, Julen; SANCHO, Francisco Javier. (Org.) *Obras Completas*. Vitoria: Ediciones El Carmen; Madrid: Editorial de Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2003. v. 4: Escritos antropológicos y pedagógicos. p. 193. “Hijo de Dios y en la Palabra de la Revelación que nos da noticia de Dios.”

ampara-se na vontade humana de se colocar incondicionalmente nas mãos do único capaz de conduzir o ser a tal meta, ou seja, ao que é e deve ser.<sup>221</sup>

Edith Stein reconhece que, sem subtrair nenhuma das verdades da fé – abertura ao transcendente excedente aos limites da razão; reconhecimento de Deus como Ser primeiro, criador *ex nihilo* (a partir do nada); confiança e percepção da presença de Deus na interioridade humana; reconhecimento da Trindade como arquétipo para a pessoa humana – deve-se ressaltar que é em Jesus Cristo, **Verbo feito carne**, que humanidade e divindade são manifestadas.

Jesus Cristo é a revelação corporal de Deus e através da fé é possível acessá-lo como Deus pessoal e próximo, como o *Logos* Eterno.

Pela fé, o ser humano encontra em Cristo “o fundamento religioso de toda a vida”: a unidade de uma visão coerente do mundo (dimensão *metafísica*), do ser humano e de sua existência (dimensão *antropológica*), de um como viver (dimensão *ética*) e de um por que viver (dimensão *soteriológica*).<sup>222</sup>

Com isso, a pesquisa antropológica steiniana se completa e realiza na experiência cristocêntrica. A necessidade de encontrar um modelo autêntico e compreender a pessoa humana conduzem-na à chave de leitura cristológica. Para Stein, Cristo é o mediador entre Deus e os seres humanos. É Ele que revela o ser de Deus e o ser original do homem. A teóloga acentua que sem descobrir-conhecer-experimentar o Cristo, não se pode compreender a totalidade da vida da pessoa humana.<sup>223</sup>

No que tange a relação de Cristo com a humanidade, Edith Stein busca a continuidade entre Antigo e Novo Testamento. Prefigurado antes mesmo da criação, a razão de ser e designação de Cristo encontra-se, sobretudo no prólogo do Evangelho de São João (Jo 1, 1-3): “No princípio, era o Verbo e o Verbo estava com Deus e o Verbo era Deus. No princípio, ele estava com Deus. Tudo foi feito por meio dele e sem ele nada foi feito”; e

<sup>221</sup> STEIN, E. Sobre el Concepto de Formación. In: URKIZA, Julen; SANCHO, Francisco Javier. (Org.) *Obras Completas*. Vitoria: Ediciones El Carmen; Madrid: Editorial de Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2003. v. 4: Escritos antropológicos y pedagógicos. p. 193 - 194.

<sup>222</sup> RUS, Éric de. *Uma visão Educativa de Edith Stein: Aproximação a um Gesto Antropológico Integral*. Belo Horizonte: Artesã, 2015. p. 108.

<sup>223</sup> FERMÍN, Francisco Javier Sancho. *Una espiritualidad para hoy según Edith Stein: 20 temas de estudio e reflexión*. Burgos: Monte Carmelo, 1998. p. 87-89.

também na Epístola de São Paulo aos Colossenses (Cl 1, 15-17): “Ele é a imagem do Deus invisível, o primogênito de toda a criatura, porque nele foram criadas todas as coisas [...] tudo foi criado por ele e para ele. Ele é antes de tudo e tudo nele subsiste.”.

A pessoa encontra no *Logos* Divino, a coerência na conjugação da inteligência, sabedoria, harmonia e pureza, unificadas em um mesmo sentido: “Em Cristo, e *Logos* criador, o homem descobre o caminho para a unificação interior, para a harmonização de todas as suas potências e de seu ser espiritual, psíquico e corporal”.<sup>224</sup> Jesus Cristo é a imagem perfeita de Deus e da pessoa humana.

Em Jesus Cristo, encontra-se a revelação do princípio e fim da humanidade e de cada ser. A verdade mais plena de si obtém-se no mistério de Cristo. Para melhor compreensão do ser de Deus em relação ao ser humano, torna-se fundamental a incorporação e introdução de cada ser humano no mistério da **encarnação** de Cristo, sobretudo para que possa perceber o reestabelecimento ao qual é elevado.

Em sua teologia mística, Edith Stein manifesta não só seu saber, mas também seu encantamento com a *encarnação* do *Logos* Eterno:

Ó maravilhoso intercâmbio! O criador do gênero humano encarnando-se, concede-nos a sua divindade. Por causa desta obra maravilhosa o Redentor veio ao mundo. Deus se tornou Filho do homem, para que os homens se tornassem filhos de Deus.<sup>225</sup>

Edith Stein aponta para o Cristo Encarnado relacionando-o com totalidade da pessoa humana:

Ele, por meio da encarnação, mostrou palpavelmente o caminho da vida. Ele tomou a verdadeira e íntegra natureza humana. A encarnação forma parte da

<sup>224</sup> FERMÍN, Francisco Javier Sancho. *Una espiritualidad para hoy según Edith Stein: 20 temas de estudio e reflexión*. Burgos: Monte Carmelo, 1998. p. 90.

<sup>225</sup> El Misterio de la navidad. In: URKIZA, Julen; SANCHO, Francisco Javier. (Org.) *Obras Completas*. Vitoria: Ediciones El Carmen; Madrid: Editorial de Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2004. v. 5: Escritos espirituales.p. 484. “*O admirabile commercium! Creator generis humani, animatum corpus sumens, largitus est nobis suam Deitatem. El Redentor ha venido al mundo para realizar ese intercambio admirable. Dios se hizo Hijo del Hombre para que todos los hombres llegaran a ser hijos de Dios.*”

plena natureza humana, de tal forma que não só ali é o Verbo de Deus e a carne do homem, mas sim, também, a alma racional da pessoa.<sup>226</sup>

A autora volta-se para o livro do Gênesis (Gn 3, 1-24), resgatando a história e as consequências da ruptura dos primeiros pais com Deus, relacionando a **encarnação** do Verbo como manifestação da iniciativa divina em resgatar a integralidade e a singularidade da pessoa e em comunidade:

Um de nós rompeu o laço da filiação divina, e um de nós devia reatar o laço, pagando pelo pecado. [...] Tornou-se um de nós e, mais do que isto: unido conosco. O maravilhoso no gênero humano é que todos somos um. Se fosse diferente, estaríamos lado a lado, como indivíduos autônomos e separados, e a queda de um não poderia ter se tornado a queda de todos. Podia ter sido pago e atribuído a nós o preço da expiação, mas não teria passado a sua justiça para os pecadores, e não teria sido possível nenhuma justificação. Mas Ele veio, para tornar-se conosco um corpo místico. Ele, nossa cabeça, nós, os seus membros. Ponhamos nossas mãos nas mãos do Menino-Deus, pronunciando o nosso “Sim” ao seu Siga-me”. Então, nos tornamos Seus, e o caminho está livre, para que a sua vida divina possa passar para a nossa. Isto é o começo da vida eterna em nós.<sup>227</sup>

Ao acentuar a ruptura original da humanidade com Deus, Stein percebe a decorrência da perda da perfeição humana e da ferida na dignidade do ser. Com isso, ressalta que todo e qualquer esforço unicamente humanos não são capazes de recompor a pessoa em sua integralidade. Somente a iniciativa divina pode realizar tal reestruturação da semelhança com Deus.

<sup>226</sup> STEIN, E. Qué es el Hombre? La Antropología de la Doctrina Católica de la Fe. In: URKIZA, Julen; SANCHO, Francisco Javier. (Org.) *Obras Completas*. Vitoria: Ediciones El Carmen; Madrid: Editorial de Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2003. v. 4: Escritos antropológicos y pedagógicos. p. 852. “Él, por medio de la encarnación, “nos mostró palpablemente el camino de la vida. Él tomo la verdadera e íntegra naturaleza del hombre. Y forma parte de la plena naturaleza humana la encarnación, de tal manera que “no sólo esté allí el Verbo de Dios y la carne del hombre, sino también el alma racional del hombre.”

<sup>227</sup> STEIN, E. El Misterio de la navidad. In: URKIZA, Julen; SANCHO, Francisco Javier. (Org.) *Obras Completas*. Vitoria: Ediciones El Carmen; Madrid: Editorial de Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2004. v. 5: Escritos espirituales.p. 484. “El se hizo uno de nosotros, pero no sólo eso, sino también uno con nosotros. He aquí lo maravilloso del género humano, que todos somos uno. Si fuera de otra manera, si todos lo viviésemos como seres autónomos y separados, libres e independientes los unos de los otros, entonces la caída de uno no habría conseguido la caída de todos. Así, el precio de la expiación habría podido ser pagado y habérsenos lo tenido en cuenta, pero entonces su justicia no habría sido transmitida a los pecadores y no hubiera sido posible la justificación. Sin embargo, Él vino para ser con nosotros un cuerpo místico: Él como nuestra Cabeza y nosotros como sus miembros. Pongamos nuestras manos en las manos del niño divino, digamos nuestro sí a su sequere me; entonces seremos suyos y el camino está libre para que su vida divina pase a nosotros.”

Por isso, o mistério da encarnação é visto por Stein com caráter redentor. Deus adotando a condição humana não só realiza um gesto de amor, mas também de reconciliação: “A reconciliação acontece por meio “por meio da fé” – aí se anuncia o caminho para a união com o Deus-Homem”.<sup>228</sup>

Sem perder sua base fenomenológica, Edith Stein reconhece em Cristo o caminho de internalização e equilíbrio do ser, na centralidade na qual se produz o encontro mais autêntico com a pessoa. Na interioridade, onde o ser é mais consciente e livre, está a presença de Deus:

A vida divina, acesa em sua alma, é a luz que veio nas trevas, o milagre da noite santa. Quem traz esta luz dentro de si, compreende quando se fala dela. Para os outros, porém, tudo o que se pode dizer a respeito, é um balbuciar incompreensível. [...] Deus está em nós e nós nele, esta é a nossa parte no reino de Deus, para a qual a Encarnação colocou o alicerce.<sup>229</sup>

O ser de Cristo, como pessoa humano-divina, expressa, segundo Edith Stein, a integralidade dos mistérios da encarnação, morte e ressurreição como uma totalidade indivisível. A pessoa humana, configurada à pessoa de Jesus Cristo, é conduzida pela “unidade inter-relacional de todos os mistérios de Cristo entre si, de tal modo que não se entende um sem os outros”.<sup>230</sup>

Com isso, a santa pedagoga destaca o **mistério pascal** – paixão, morte e ressurreição de Cristo – como fundamento de reparação da corrupção da natureza humana. Especificamente sobre a morte de Cristo, Edith Stein, nos seus estudos a partir da mística de São João da Cruz, supõe a mensagem revelada pelo Verbo Divino, apontando para uma ciência da cruz: na pobreza e abandono de Cristo, a pessoa reconhece sua própria situação de finitude. No entanto, através da cruz, ocorre a reconciliação da humanidade com Deus: o

<sup>228</sup> STEIN, E. Qué es el Hombre? La Antropología de la Doctrina Católica de la Fe. In: URKIZA, Julen; SANCHO, Francisco Javier. (Org.) *Obras Completas*. Vitoria: Ediciones El Carmen; Madrid: Editorial de Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2003. v. 4: Escritos antropológicos y pedagógicos. p. 847. “*La reconciliación acontece por medio de la fe – ahí se anuncia el camino para la unión con el Dios-Hombre*”

<sup>229</sup> El Misterio de la navidad. In: URKIZA, Julen; SANCHO, Francisco Javier. (Org.) *Obras Completas*. Vitoria: Ediciones El Carmen; Madrid: Editorial de Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2004. v. 5: Escritos espirituales. p. 484-485. “*La vida divina que se enciende en el alma es la luz que surge en las tinieblas, el milagro de la Nochebuena. El que la lleva consigo comprende cuando se habla de ella. Para los otros, sin embargo, todo lo que se dice de ella es un balbuceo ininteligible. [...] Dios en nosotros y nosotros en El, en esto consiste nuestra participación en el Reino de Dios, cuyo fundamento ha puesto el misterio de la Encarnación.*”

<sup>230</sup> FERMÍN, Francisco Javier Sancho. *Una espiritualidad para hoy según Edith Stein: 20 temas de estudio e reflexión*. Burgos: Monte Carmelo, 1998. p. 88.

Eterno. Se a cruz aponta para a finitude da morte, por meio de Cristo, também foi ela o objeto de condução da humanidade e de cada pessoa em si à eternidade.<sup>231</sup>

A ressurreição do Crucificado exige ainda mais da fé humana: como a confiança no amanhecer, após o período da longa noite. A ressurreição desafia à certeza “antevista”: da morte nasceu vida nova. A fé na ressurreição aponta ao cumprimento de toda a dívida. Envolvido pela convicção da glória da ressurreição, o ser assume-a como se estivesse olhando para trás em retrospectiva.<sup>232</sup>

Percebe-se o caráter profundo que a formação assume em Edith Stein. Seu objetivo teológico é introduzir a pessoa no itinerário dos mistérios cristãos. Para a autora, esse percurso sela a encarnação com o mistério pascal e pode ser experimentado pelos batizados. O seguimento de Cristo enquanto natureza humana-divina unidas em sua encarnação; a vivência da reconciliação com Deus e a humanidade; o acesso a Deus que recupera a autêntica imagem original da pessoa; a disposição em percorrer a interiorização do ser em finalidade de alcançar os bens eternos decorrem da introdução da pessoa aos mistérios cristãos.

O mistério pascal incide na vida cristã centralizando a liberdade e a felicidade da pessoa e apontando o caminho da restauração e equilíbrio do coração: “os pensamentos do coração constituem a vida originária em sua mais pura essência”.<sup>233</sup> Retoma-se a concepção de coração para Stein, como centro afetivo ordenador do ser – *Gemüt*. *Gemüt* provém de um vocábulo místico, sem equivalência em português, mas refere-se à capacidade do ser humano adentrar no mundo dos valores, percebendo de forma afetiva um sentido, acompanhado do movimento da vontade inclinada ao bem. *Gemüt*, como coração, designa a interioridade mais profunda da pessoa, onde o ser conhece (intelecto) e ama (vontade). Nesse sentido, o mistério pascal, assumido pelo ser como o valor supremo da aliança divina com a humanidade, restabelece a pessoa que ama ao significá-lo e significa-o ao amar.<sup>234</sup>

Salienta, Edith Stein, o processo de seguimento da pessoa de Jesus Cristo como caminho de santificação. Para isso, ressalta a importância da graça batismal como graça

<sup>231</sup> STEIN, Edith. *A Ciência da Cruz: Estudo sobre São João da Cruz*. São Paulo: Edições Loyola, 1988. p. 102-103.

<sup>232</sup> STEIN, Edith. *A Ciência da Cruz: Estudo sobre São João da Cruz*. São Paulo: Edições Loyola, 1988. p. 156.

<sup>233</sup> STEIN, Edith. *A Ciência da Cruz: Estudo sobre São João da Cruz*. São Paulo: Edições Loyola, 1988. p. 132.

<sup>234</sup> RUS, Éric de. *Uma visão Educativa de Edith Stein: Aproximação a um Gesto Antropológico Integral*. Belo Horizonte: Artesã, 2015. p. 73-74.

santificante, visto que, com suas próprias forças, a pessoa não pode alcançar a perfeição.<sup>235</sup> O trajeto cristão inicia quando, por meio do batismo, a pessoa recebe a graça divina tornando-se “nova criatura”.<sup>236</sup> A graça não chega à pessoa de forma isolada, mas na unidade com Cristo como membro do seu Corpo Místico do qual Ele é a cabeça. Pontua, Stein, o percurso entre os sacramentos da iniciação a vida cristã no itinerário formativo: “pelo batismo, se renasce espiritualmente; pela confirmação, há o aumento da graça e o fortalecimento da fé, e uma vez renascidos e fortalecidos, o ser alimenta-se da Eucaristia”.<sup>237</sup>

A vida na graça não é como a vida natural. Para Stein, a vida na graça é a vida de Cristo na pessoa. Com isso, deduz que a graça há de crescer constantemente, porém com a exigência constante e livre da cooperação humana.<sup>238</sup> A vontade divina propõe a graça a todos as pessoas e possibilita, assim, inclusive pelos meios naturais, caminhos de conversão e reconciliação. O mistério pascal de Cristo concedeu a todos a graça santificante, mas aceitá-la ou rechaçá-la é uma escolha própria de cada pessoa.<sup>239</sup>

Edith Stein, em sua pesquisa e em sua vida, revela a experiência do Cristo-Verdade, que une a totalidade da revelação, como uma “unidade de sentido”. Na perspectiva steiniana, na unidade de sentido, descobre-se a completude para a realidade essencial e existencial do homem. Aquele que busca a verdade como fim, necessariamente está buscando seu princípio. Para a filósofa, o encontro com a verdade original está em Jesus Cristo como centro e caminho.<sup>240</sup> Acentua, também, que o reconhecimento da finitude humana abre a possibilidade do encontro da pessoa com Cristo através da fé: “é a fé que lhe

<sup>235</sup> STEIN, E. Qué es el Hombre? La Antropología de la Doctrina Católica de la Fe. In: URKIZA, Julen; SANCHO, Francisco Javier. (Org.) *Obras Completas*. Vitoria: Ediciones El Carmen; Madrid: Editorial de Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2003. v. 4: Escritos antropológicos y pedagógicos. p. 810.

<sup>236</sup> STEIN, E. Qué es el Hombre? La Antropología de la Doctrina Católica de la Fe. In: URKIZA, Julen; SANCHO, Francisco Javier. (Org.) *Obras Completas*. Vitoria: Ediciones El Carmen; Madrid: Editorial de Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2003. v. 4: Escritos antropológicos y pedagógicos. p. 876.

<sup>237</sup> STEIN, E. Qué es el Hombre? La Antropología de la Doctrina Católica de la Fe. In: URKIZA, Julen; SANCHO, Francisco Javier. (Org.) *Obras Completas*. Vitoria: Ediciones El Carmen; Madrid: Editorial de Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2003. v. 4: Escritos antropológicos y pedagógicos. p. 879. “*Por el bautismo, en efecto, se renace espiritualmente; por la confirmación aumentamos en gracia y somos fortalecidos en la fe; y una vez nacidos y fortalecidos, somos alimentados por el manjar divino da Eucaristía.*”

<sup>238</sup> STEIN, E. Qué es el Hombre? La Antropología de la Doctrina Católica de la Fe. In: URKIZA, Julen; SANCHO, Francisco Javier. (Org.) *Obras Completas*. Vitoria: Ediciones El Carmen; Madrid: Editorial de Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2003. v. 4: Escritos antropológicos y pedagógicos. p. 877.

<sup>239</sup> STEIN, E. Qué es el Hombre? La Antropología de la Doctrina Católica de la Fe. In: URKIZA, Julen; SANCHO, Francisco Javier. (Org.) *Obras Completas*. Vitoria: Ediciones El Carmen; Madrid: Editorial de Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2003. v. 4: Escritos antropológicos y pedagógicos. p. 944.

<sup>240</sup> FERMÍN, Francisco Javier Sancho. *Una espiritualidad para hoy según Edith Stein: 20 temas de estudio e reflexión*. Burgos: Monte Carmelo, 1998. p. 91-92.

coloca o Cristo diante dos olhos”.<sup>241</sup> A consciência a qual Stein chega ao versar sobre o alcance da pessoa ao equilíbrio fé e a razão salienta que a fé enxerga mais longe, visto que há experiências e conhecimentos que só a fé é capaz de adquirir.

No que se refere à especificidade da formação, Edith Stein exprime, como objetivo último, o encontro da pessoa humana com a pessoa de Cristo como imagem ideal, o caminho de aperfeiçoamento, no qual o ser encontra-se plenamente realizado. O processo formativo pleno identifica-se como um percurso de **justificação**: por Cristo, com Cristo e em Cristo, a pessoa humana é chamada a configurar-se progressivamente. Esse processo assumido com constância e fidelidade, conseqüentemente, conduz à filiação e à amizade divina.

A justificação não é só remissão dos pecados, é também santificação e renovação do homem interior, pela recepção voluntária da graça e dos dons, onde a pessoa se converte de injusto para justo e de inimigo para amigo, para ser herdeiro segundo a esperança de vida eterna.<sup>242</sup>

Fruto da graça divina e da cooperação humana, a justificação não se encerra de uma só vez, mas admite um constante crescimento, um caminho de virtude em virtude, renovado no dia a dia.<sup>243</sup> Para Edith Stein, virtudes são atitudes habituais da vontade. A pessoa, em seu itinerário de santificação, é dotada, em sua alma, com as virtudes teologais da fé, esperança e caridade que, por conseguinte, geram atos correspondentes.<sup>244</sup>

A antropologia steiniana, portanto, assume um cunho pedagógico-teológico, na medida em que conduz a pessoa para a dimensão cristocêntrica, acessível a todos os que, pelo livre-arbítrio e pela consciência, buscam tornar-se si mesmos, e praticar as virtudes eternas aplicadas no cotidiano.

<sup>241</sup> STEIN, Edith. *A Ciência da Cruz*: Estudo sobre São João da Cruz. São Paulo: Edições Loyola, 1988. p. 102.

<sup>242</sup> STEIN, E. Qué es el Hombre? La Antropología de la Doctrina Católica de la Fe. In: URKIZA, Julen; SANCHO, Francisco Javier. (Org.) *Obras Completas*. Vitoria: Ediciones El Carmen; Madrid: Editorial de Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2003. v. 4: Escritos antropológicos y pedagógicos. p. 848. “*La justificación no es sólo remisión de los pecados, sino también santificación y renovación del hombre interior, por la voluntaria recepción del agracia y los dones, de donde el hombre se convierte de injusto en justo y de enemigo en amigo, para ser heredero según la esperanza de la vida eterna.*”

<sup>243</sup> STEIN, E. Qué es el Hombre? La Antropología de la Doctrina Católica de la Fe. In: URKIZA, Julen; SANCHO, Francisco Javier. (Org.) *Obras Completas*. Vitoria: Ediciones El Carmen; Madrid: Editorial de Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2003. v. 4: Escritos antropológicos y pedagógicos. p. 871.

<sup>244</sup> STEIN, E. Qué es el Hombre? La Antropología de la Doctrina Católica de la Fe. In: URKIZA, Julen; SANCHO, Francisco Javier. (Org.) *Obras Completas*. Vitoria: Ediciones El Carmen; Madrid: Editorial de Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2003. v. 4: Escritos antropológicos y pedagógicos. p. 945.

### 3.2 O ENCONTRO COM DEUS NA INTERIORIDADE HUMANA

A resposta de conduz ao encontro com Deus, que se revela e se doa em diferentes formas, sobretudo na interioridade humana. A pessoa humana é capaz de relacionar-se consigo mesmo e encontrar Deus nessa relação. Segundo Edith Stein, a alma humana não é somente a forma vivificante do corpo – o interior de um exterior – mas, também, o espaço de intimidade. Justamente nesse íntimo é que “na sua essência, a alma encontra-se em casa”.<sup>245</sup> Essa expressão designa que é na interioridade que a pessoa apresenta-se sinceramente com que é em si mesma e reconhece-se capaz de Deus.

Nesse sentido, compreende-se o porquê Edith Stein aponta insistentemente para o gesto formativo que alcance a pessoa “desde dentro”. Se a fenomenologia levou-a a perceber que somente “desde dentro” a pessoa é capaz de tornar-se o que ela é e perceber o que não é, isto é, ao que é chamada a ser de forma integrada e única; a teologia, à luz da revelação cristã, cunhou em Stein a certeza de que em cada pessoa há a primazia do Amor Divino que toma a iniciativa em atrair o ser aos valores de eternidade.

Deus não cessa de dar-se a conhecer. A resposta de comunhão da pessoa consigo mesma, com o outro e com Deus, é pessoal e livre. Edith Stein insiste que somente a partir do seu fundo íntimo é que o ser humano é livre totalmente: é na interioridade que toma consciência de si, do mundo, do belo, do bom e do verdadeiro.

Partindo da mística de São Joao da Cruz, Stein apresenta a interioridade humana como um ponto de encontro entre a criatura e o Criador. Deus é apresentado como “o ponto de repouso da alma”, onde faz o comparativo com um centro gravitacional:

Segundo esse conceito, os corpos são atraídos com força total ao centro da Terra, o ponto de maior atração. Uma pedra se estivesse enterrada já teria alcançado certo ponto de repouso absoluto, pois continuaria tendo a capacidade, força e tendência para uma queda mais profunda, que a levasse até o centro da Terra. Assim também a alma, quando conhecer, amar e regozijar-se com Deus com todas as suas forças, terá encontrado em Deus seu ponto de repouso absoluto [...] a força que atrai é o amor.<sup>246</sup>

<sup>245</sup> STEIN, Edith. *A Ciência da Cruz: Estudo sobre São João da Cruz*. São Paulo: Edições Loyola, 1988. p. 127. Edith Stein cita a mística de São João da Cruz, relacionando tanto o escrito “Noite escura”, quanto “Chama viva de amor”.

<sup>246</sup> STEIN, Edith. *A Ciência da Cruz: Estudo sobre São João da Cruz*. São Paulo: Edições Loyola, 1988. p. 129.

Nesse sentido, Stein exemplifica que o “eu” pessoal toma posicionamentos de acordo com seus motivos. Assim, o movimento em direção à interioridade difere de acordo com cada pessoa. A egocêntrica terá o “eu” como ponto central; aquela que tem por parâmetro somente os prazeres sensíveis dificilmente adentrará na interioridade e sua decisão de vida não alcançará o núcleo de sua consciência e liberdade, visto que sua vontade está dirigida à sistematização de prazeres pessoais.<sup>247</sup> Assim, Stein versa sobre o valor da atitude ética conducente ao justo e correto, para além da atitude sensível. Ressalta que ninguém sozinho, é capaz de avaliar todas as razões que o motivam. Por isso, o papel da formação que permita a abertura ao transcendente se configura como fundamental para a constituição da consciência.

Considerando que toda a pessoa é capaz de Deus, Edith pontua que, sem unidade com Ele, sem a vontade e o amor, não conseguirá perceber a presença divina, visto que estará cego e preso em si mesmo.<sup>248</sup> O ser é livre e, a cada instante, se defronta com decisões a tomar e a consciência pessoal deve discernir o que, de fato, é o melhor a realizar,<sup>249</sup> porém a consciência da pessoa de fé madura e vivaz reconhece que existe Alguém cuja inteligência é ilimitada abrangendo e penetrando o todo:

A consciência de quem vive compenetrado nessa certeza de fé com o que pessoalmente lhe parece melhor: há de procurar o que é certo aos olhos de Deus. Por aí é que somente a atitude religiosa é verdadeiramente ética. Por certo, mesmo na ordem natural, o que é correto e o que é bom nos atrai, é procurado e, às vezes, atingido. Mas somente na procura da Vontade Divina haverá realização verdadeira, além da certeza de fazer o que é justo e certo. E nessa suprema decisão, tomada com a maior liberdade, acham-se inclusive todas as futuras decisões que por si mesmas se realizam em cada caso determinado. Contudo, entre a procura da decisão certa em cada caso e aquela culminância de liberdade em Deus, há um longo caminho.<sup>250</sup>

Edith Stein chamará de inabitância a presença de Deus na interioridade humana.<sup>251</sup> O termo é utilizado em referência à Santa Teresa de Jesus a quem Stein considerou como a grande educadora. Sobre essa presença divina na interioridade, escreve:

<sup>247</sup> STEIN, Edith. *A Ciência da Cruz: Estudo sobre São João da Cruz*. São Paulo: Edições Loyola, 1988. p. 136.

<sup>246</sup> STEIN, Edith. *A Ciência da Cruz: Estudo sobre São João da Cruz*. São Paulo: Edições Loyola, 1988. p. 136.

<sup>249</sup> STEIN, Edith. *A Ciência da Cruz: Estudo sobre São João da Cruz*. São Paulo: Edições Loyola, 1988. p. 138.

<sup>250</sup> STEIN, Edith. *A Ciência da Cruz: Estudo sobre São João da Cruz*. São Paulo: Edições Loyola, 1988. p. 138.

<sup>251</sup> STEIN, Edith. *A Ciência da Cruz: Estudo sobre São João da Cruz*. São Paulo: Edições Loyola, 1988. p. 140.

A vida divina é trinitária: é o amor transbordante, pelo qual o Pai gera o Filho, comunicando-lhe sua natureza; o Filho, ao recebê-la, a entrega ao Pai pelo amor; é o amor que forma o vínculo de unidade entre o Pai e o Filho e que os faz simultaneamente exalar como Espírito... Nas almas, o Espírito Santo é infundido pela graça e é por Ele que ela vive a vida da graça. Nele a alma ama o Pai com o amor do filho e ama o Filho com o amor do Pai.<sup>252</sup>

Em concordância com Teresa, acentua-se a iniciativa da comunicação divina em dar-se a conhecer à pessoa humana, constitui a alma como habitação Deus: habitada, e não deserta, a alma tem o próprio Deus por hóspede.<sup>253</sup> Na interioridade, Deus encontra-se em essência, potência e presença e está a iluminar o entendimento para compreensão daquilo que, em palavras, consta no Evangelho.

Edith Stein, assim como Teresa e João da Cruz, reconhece que há pessoas que não reparam em nenhum efeito da presença de Deus na interioridade. No entanto, sinaliza que isso não invalida a presença divina. Não coagida, a pessoa humana é dotada de livre-arbítrio e pode, ou não, encontrar a possibilidade de conexão com o Transcendente e decidir participar da união e exercícios de virtudes, com a vida divina. A recepção da graça está ligada à livre aceitação da pessoa.<sup>254</sup>

Santa Teresa ressalta: “Deus se fixa a Si mesmo no interior da alma de modo que, quando esta volta-se a si, de nenhuma maneira pode duvidar que esteve em Deus e Deus nela”.<sup>255</sup> Amparada em Teresa, Edith Stein, para referir-se à união da pessoa com Deus na interioridade através da oração, afirma: “pela oração de união lhe adveio o conhecimento daquela verdade da fé que nos ensina a estar com Deus presente em todas as coisas por sua essência, sua potência e sua presença”.<sup>256</sup>

A importância da vida de oração cultivada no interior é um tema central para Stein. Reconheceu os anos em que sua pesquisa antropológica fundamentava-se puramente na Filosofia, antes de sua conversão, como sua “única oração em busca da verdade”. Pretende,

<sup>252</sup> STEIN, Edith. *A Ciência da Cruz: Estudo sobre São João da Cruz*. São Paulo: Edições Loyola, 1988. p. 141.

<sup>253</sup> Cf. JESUS, T. *Castelo Interior: quartas moradas*. In: SCIADINI, Patrício (Coord.). *Escritos de Teresa de Ávila: obras completas*. São Paulo: Carmelitas; São Paulo: Loyola, 2001. p. 480.

<sup>254</sup> STEIN, Edith. *A Ciência da Cruz: Estudo sobre São João da Cruz*. São Paulo: Edições Loyola, 1988. p. 140-141.

<sup>255</sup> JESUS, T. *Castelo Interior: quintas moradas*. In: SCIADINI, Patrício (Coord.). *Escritos de Teresa de Ávila: obras completas*. São Paulo: Carmelitas; São Paulo: Loyola, 2001. p. 491.

<sup>256</sup> STEIN, Edith. *A Ciência da Cruz: Estudo sobre São João da Cruz*. São Paulo: Edições Loyola, 1988. p. 140.

com isso, dizer que a oração é uma dinâmica de encontro: de si mesmo, do sentido da vida humana e da verdade personificada em Jesus Cristo.<sup>257</sup>

Após sua conversão, Stein define a oração em perspectiva teresiana, em que rezar não pauta-se em sentimentalismos ou intelectualidade, mas na adesão de fé e amor a Deus. A exemplo de sua mestra, Stein afirma a oração trata-se de um encontro de amizade, um abrir-se pacientemente para contemplar o rosto do Eterno. Certamente, ressoa em Edith o que leu no “Livro da Vida”, em que Teresa afirma: “Para mim, a oração mental não é senão um trato de amizade – estando muitas vezes tratando a sós – com quem sabemos que nos ama”.<sup>258</sup>

Sabe-se do impacto que a leitura do “Livro da Vida” gerou em Edith Stein e o valor decisivo que assumiu em sua conversão. Portanto, diante da integralidade que ocorre em si, Stein sinaliza o encontro com Deus, através da oração, não se encerrando na interioridade, mas irradiando para todos ao transcender os frutos para a exterioridade. A oração traz consequências relacionais, práticas e evangélicas.<sup>259</sup> Não deve pautar-se em conveniências, circunstâncias ou obrigações, mas partir do amor honesto em reciprocidade ao amor abundante de Deus. A oração gera intimidade com Deus e favorece o itinerário pedagógico integrador em que não há dissociação conflitiva entre o que se pensa, sente, vive e reza.

A oração torna-se, assim, o caminho que conduz a pessoa humana ao mais profundo de seu ser: o lugar onde se é mais livre, onde se é si mesmo diante de Deus, o lugar onde a pessoa está “em casa”; e, ao mesmo tempo, o caminho que leva ao encontro e ao trato de amizade com Deus, visto que nesse mais profundo, Deus habita.<sup>260</sup>

Define, assim, o que Teresa refere ao falar sobre a alma estar “em casa”, salientando:

[...] a santa deixa claro seu objetivo: projetar o castelo da alma – a casa de Deus – e fazer compreensível o que ela mesmo experimentou: como o próprio Deus

<sup>257</sup> FERMÍN, Francisco Javier Sancho. *Una espiritualidad para hoy según Edith Stein: 20 temas de estudio e reflexión*. Burgos: Monte Carmelo, 1998. p. 229.

<sup>258</sup> JESUS, T. *Livro da Vida*. Escritos de Teresa de Ávila: obras completas, p. 63.

<sup>259</sup> FERMÍN, Francisco Javier Sancho. *Una espiritualidad para hoy según Edith Stein: 20 temas de estudio e reflexión*. Burgos: Monte Carmelo, 1998. p. 234-235.

<sup>260</sup> FERMÍN, Francisco Javier Sancho. *Una espiritualidad para hoy según Edith Stein: 20 temas de estudio e reflexión*. Burgos: Monte Carmelo, 1998. p. 236.

chama a alma do extravio exterior, atraindo-a, mais e mais a si mesma, até que finalmente Ele pode unir-se a ela no centro interior dela mesma.<sup>261</sup>

Resgatando o termo teresiano, Edith assume a verdade da pessoa enquanto buscadora de Deus, e reconhece que mais verdade ainda é a ação de Deus que busca incessantemente a pessoa inteira desde sua interioridade.

### 3.3 A VOCAÇÃO DA PESSOA AO AMOR: O DOM DE SI

Na carta enviada a Roman Ingarden datada de 19 de julho de 1924, Edith Stein afirma: “Só aprendi a amar a vida quando soube para que eu vivo”.<sup>262</sup> A temática do amor apresenta importante relevância nos escritos antropológicos steinianos. Em seu rigor técnico aliado ao pensamento teológico e místico, ela aponta para a necessidade da pessoa de amar e ser amada. No entanto, busca identificar o que, de fato, é o amor e como a formação pode contribuir para a lucidez e o entendimento do amor enquanto valor existencial e supremo de realização e configuração ao Bem Eterno.

Para Stein, uma formação que busque a integralidade da pessoa precisa atentar-se a uma ordem de valores. O desenvolvimento que objetiva o ser harmônico não pode prescindir de abordar a temática do amor. O sujeito espiritual se afeta com os valores captados, apropria-se daqueles que lhe geram sentido e responde na vida prática, buscando realizá-los em concretude. Quanto mais um valor assume significância na vida singular, mais haverá a consequência nas relações interpessoais e no contexto social.

Lembrando que, através da dimensão espiritual, o “eu” permanece em si, mesmo saindo de si, de acordo com a hierarquia de valores que assume. O ser transcende a si, em um exercício de realização e transcendência. Como ser aberto à transcendência, a pessoa é aberta ao infinito – a Deus – e também a todos os seres criados. Nessa atuação regida pelos

<sup>261</sup> STEIN, E. El Castillo interior. In: URKIZA, Julen; SANCHO, Francisco Javier. (Org.) *Obras Completas*. Vitoria: Ediciones El Carmen; Madrid: Editorial de Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2004. v. 5: Escritos espirituales. p. 100. “Para la Santa es claro su objetivo: diseñar el castillo interior – casa de Dios – y hacer comprensible lo que ella misma ha experimentado: cómo el Señor mismo llama al alma de su extravío en el mundo exterior, cómo le atrae más y más a sí misma, hasta que finalmente Él pueda unirla aquí en el centro interior de ella misma.”

<sup>262</sup> Na carta enviada a Roman Ingarden, 19 de julho de 1924, C1, p. 736 (STEIN, E. *Escritos autobiográficos y cartas*. Madrid: Editorial de Espiritualidad/Vitoria; Monte Carmelo: Ediciones El Carmen/Burgos, 2002. (Obras Completas, 1). p. 736.).

valores internalizados e assumidos, a pessoa não só passa a portar dons, mas ela própria torna-se dom, na medida em que se revela segundo a primazia do bem.

Para Edith Stein, o valor mais perfeito é o amor, ele é o mais alto de todos os valores, do qual todos os outros bens decorrem. Acentua, porém, que a forma mais perfeita de amor é a reciprocidade do ser divino trinitário doando-se entre si: o amor é o ser de Deus, a vida de Deus, a essência de Deus.

Na perspectiva da pessoa, enquanto imagem da comunhão trinitária de Deus, a vida íntima do Ser de Deus é o Amor que transcende a Si em ato de criação do todo, da própria humanidade e de cada pessoa em si. Com isso, Stein crê na vocação de toda a pessoa ao amor, chamada a também conservar e transcender a si em gesto de amor-doação na vida cotidiana.

O exercício de amor ao outro está além do bem que o outro gera, daquilo que moralmente apresenta. O amor consiste em perceber o outro como alguém de igual valor, para além das afinidades naturais, trata-se de empatizar com um semelhante, dotado de igual inviolável dignidade e buscando ações que lhe garantam tal realização. Nesse sentido, amar assemelha-se a um ato de fé, já que exige um amor incondicional e um querer amar até o fim.<sup>263</sup>

Edith Stein percebe a vocação humana, amparada na imagem de Deus, enquanto comunhão de Amor. O mandamento do amor, não faz restrições, nem impõe condicionante: “o próximo não é aquele com quem simpatizo. É todo aquele que se aproxima sem exceção. E novamente se confirma: tu podes, porque deves. É o Senhor que exige e Ele não exige nada impossível. Ou melhor, ele torna possível o que naturalmente seria impossível”.<sup>264</sup>

O amor, assim, torna-se, de fato, um bem eterno, visto que ultrapassa o instinto natural e o moralmente bom, exigindo uma postura espiritual e transcendente de ir além das próprias simpatias e afetos positivos, reconhecendo que, possivelmente, pouco ou nada haverá de retribuição do outro. Stein percebe que o exercício do amor não garante prazeres

<sup>263</sup> RUS, Éric de. *Uma visão Educativa de Edith Stein: Aproximação a um Gesto Antropológico Integral*. Belo Horizonte: Artesã, 2015. p. 98-99.

<sup>264</sup> STEIN, E. *Ser Finito y Ser Eterno: Ensayo de una ascensión al sentido del ser*. México: Fondo de Cultura Económica, 1996. p. 459-460. “*El prójimo no es aquel que me simpatiza. Es todo hombre que se acerca a mí sin excepción. Y de nuevo se dice aquí: tú puedes, porque debes. Es el Señor quien lo exige y Él no exige nada imposible.*”

momentâneos, mas a plenitude da convicção de reconhecer-se, fazendo o que deve ser feito ao outro, ainda que sem reconhecimento e gratidão. O amor torna-se entrega.

A prática do amor é um exercício constante de fé. Se a constância faz parte da fé pessoal, Deus, como Ser Divino, é o amor estável que ampara aquele que permanece firme na graça. O amor, para além da perspectiva natural, ampara-se no sobrenatural. O amor tem fonte no próprio Deus:

O amor é, segundo seu último sentido, o dom de si e a união com o amado. O que cumpre a vontade de Deus aprende a conhecer o espírito divino, a vida divina, o amor divino; e tudo isso não é outra coisa que Deus mesmo. Com efeito, ao executar com entrega mais profunda o que Deus exige, a vida divina se faz em sua própria vida interior: encontra Deus em si mesmo, quando entra em si.<sup>265</sup>

Do ponto de vista teocêntrico, na dinâmica do dom de si, o amor se concretiza no exercício da vontade livre e da consciência:

Certamente há uma relação muito estreita entre o amor e a vontade. A quem ama, urge observar os mandamentos de Deus, e conformar sua vontade a vontade divina. A vontade procede do amor e a ação deriva do querer.<sup>266</sup>

Para Stein “o amor é o ser de Deus, a vida de Deus, a essência de Deus”.<sup>267</sup> Enquanto imagem de Deus, em singularidade e comunhão, a pessoa humana só alcançara a perfeição, na reciprocidade do dom em semelhança a Deus: “o amor deve ser sempre o dom de si, para que seja um amor autêntico”.<sup>268</sup> A prática do amor autêntico, enfim, enquanto dom, ainda que a pessoa não saiba, encontra sua fonte em Deus.

<sup>265</sup> STEIN, E. *Ser Finito y Ser Eterno*: Ensayo de una ascensión al sentido del ser. México: Fondo de Cultura Económica, 1996. p. 460. “El amor es, según su último sentido, el don del ser y la unión con el amado. El que cumple la voluntad de Dios aprende a conocer el espíritu divino, la vida divina, el amor divino; y todo esto no es otra cosa más que Dios mismo. En efecto, al ejecutar con la entrega más profunda lo que Dios exige de él, la vida divina, se hace su propia vida interior: encuentra a Dios en sí mismo, cuando entra en sí.”

<sup>266</sup> STEIN, E. *Ser Finito y Ser Eterno*: Ensayo de una ascensión al sentido del ser. México: Fondo de Cultura Económica, 1996. p. 464. “Ciertamente hay una relación muy estrecha entre el amor y la voluntad. A quien ama, le urge observar los mandamientos de Dios, es decir, a conformar su voluntad con la voluntad divina. La voluntad procede del amor y acción deriva del querer.”

<sup>267</sup> STEIN, E. *Ser Finito y Ser Eterno*: Ensayo de una ascensión al sentido del ser. México: Fondo de Cultura Económica, 1996. p. 467. “El amor es el ser de Dios, la vida de Dios, la esencia de Dios.”

<sup>268</sup> STEIN, E. *Ser Finito y Ser Eterno*: Ensayo de una ascensión al sentido del ser. México: Fondo de Cultura Económica, 1996. p. 467. “Pero el amor debe ser siempre el don de sí, para que sea un amor autêntico.”

Outra questão importante para Edith Stein versa sobre a essência do amor e seu sentido que está na reciprocidade. O amor, para ser amor, precisa dirigir-se ao outro. O dom de si revela-se na relação com os demais.<sup>269</sup> A capacidade relacional do ser, na expressão e na construção da comunhão, conduz ao ápice da própria realização pessoal, apontando para a reciprocidade vocacional da pessoa em amar e ser amada.

A filósofa mártir faz referência a Jesus Cristo, como Pessoa-Amor. Em Cristo, o amor é o ato integral de doação de si. É Ele o modelo e a encarnação do Amor pleno ao qual toda a pessoa deve buscar se configurar.<sup>270</sup> O amor manifestado na pessoa de Jesus Cristo, não distingue pessoas e manifesta a igual dignidade a todos (Cf. Gal 3, 28; Rm 10, 12; 1Cor 12, 13; Col 3, 11), entregando-se até o fim (Cf. Jo 13,1).

### 3.4 O CASTELO INTERIOR, UMA PEDAGOGIA MÍSTICA

A antropologia teológica de Edith Stein segue seu itinerário na mística teresiana. A via mística confirma de forma experiencial a presença de Deus na pessoa e apresenta-se como um percurso privilegiado para analisar a interioridade.<sup>271</sup>

Em sua pesquisa em busca da verdade da pessoa, Stein reconhece a centralidade da alma, sem, com isso, dissociá-la do corpo. Acentua-se, assim, o valor do universo interior, como um espaço de encontro consigo mesmo e com o próprio Deus.

A sensibilidade filosófica descrita por Stein aponta ao que é essencial, lançando luzes sobre o significado da experiência mística concomitante à descrição da estrutura do ser humano. Sua investigação antropológica partiu dos rastros de Husserl, seguiu por Tomás de Aquino e Agostinho, encontrou nos místicos carmelitanos, João da Cruz e, sobretudo, Santa Teresa, o roteiro para a interioridade.<sup>272</sup>

Stein aponta a chave hermenêutica dos escritos teresianos fixados na centralidade da humanidade de Cristo, como o Deus Encarnado, mediador para o encontro da pessoa com

<sup>269</sup> STEIN, E. *Ser Finito y Ser Eterno: Ensayo de una ascensión al sentido del ser*. México: Fondo de Cultura Económica, 1996. p. 470.

<sup>270</sup> FERMÍN, F. *Edith Stein, Modelo y Maestra de Espiritualidad*. Burgos: Monte Carmelo, 2005. p. 398.

<sup>271</sup> ALES BELLO, Angela. *Edith Stein: A Paixão pela Verdade*. Curitiba: Juruá, 2014. p. 110.

<sup>272</sup> ALES BELLO, Angela. *Edith Stein: A Paixão pela Verdade*. Curitiba: Juruá, 2014. p. 110.

Deus no processo “desde dentro”; sobretudo na obra “Castelo Interior” de Teresa D’Ávila, na qual percebe um processo de cristificação da pessoa humana que parte da interioridade da vida de oração.

O livro “Castelo Interior” de Teresa associa o conteúdo místico da vida cristã, sem descuidar da vida prática. O processo descrito por Teresa segue duas linhas: interiorização (linha antropológica) e união (linha teológica cristológica). São desenvolvidas nos seguintes pressupostos: o ponto de partida, presença de Deus no ser humano, o ponto de chegada, comunhão com Deus, a essência da santidade e um caminho a percorrer pela oração.<sup>273</sup>

Teresa utiliza didaticamente a imagem de um castelo com sete “moradas”. A expressão “moradas” advém do Evangelho de João 14, 2, em que o Cristo afirma: “Na casa de meu Pai há muitas moradas”.<sup>274</sup> No castelo interior, na morada mais central, habita o rei e, para alcançá-la, é preciso “adentrar” o coração de Deus. O castelo refere-se à alma humana, na perspectiva do ser integral da pessoa.

Em meados de 1936, escreveu um ensaio dedicado ao estudo dessa obra. Organizou o referido artigo em duas partes: na primeira, analisa o escrito teresiano; na segunda parte, relaciona-a com a filosofia.<sup>275</sup> O encaminhamento dado ao ensaio aprofunda o “Castelo Interior” escrito por Santa Teresa e esclarece as análises da alma como centro do complexo físico-psíquico-espiritual da pessoa humana.<sup>276</sup>

Para a santa, não é possível dar a entender os sucessos que ocorrem no interior humano, sem clarear a si mesmo em que consiste o mundo interior. Para isso, lhe ocorreu a feliz imagem de um castelo com muitas moradas e aposentos. Ao corpo se descreve como o muro que cerca o castelo. Aos sentidos e potências espirituais (memória, entendimento e vontade), às vezes como vassallos, às vezes como sentinelas ou simplesmente como moradores do castelo. A alma, com seus numerosos aposentos, se assemelha ao céu, no qual há muitas moradas (Cf. Jo 14,2). [...] As moradas, não debes imaginá-las em fila, uma atrás da outra, e sim, debes por os olhos ao centro, que é o lugar onde está o rei.<sup>277</sup>

<sup>273</sup> Cf. JESUS, T. *Castelo Interior*. In: SCIADINI, Patrício (Coord.). *Escritos de Teresa de Ávila: obras completas*. São Paulo: Carmelitas; São Paulo: Loyola, 2001. p. 436-437.

<sup>274</sup> Cf. JESUS, T. *Castelo Interior: primeiras moradas*. In: SCIADINI, Patrício (Coord.). *Escritos de Teresa de Ávila: obras completas*. São Paulo: Carmelitas; São Paulo: Loyola, 2001. p. 441.

<sup>275</sup> STEIN, E. *El Castillo interior*. In: URKIZA, Julen; SANCHO, Francisco Javier. (Org.) *Obras Completas*. Vitoria: Ediciones El Carmen; Madrid: Editorial de Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2004. v. 5: *Escritos espirituales*. p. 79.

<sup>276</sup> ALES BELLO, Angela. *Edith Stein: A Paixão pela Verdade*. Curitiba: Juruá, 2014. p. 111.

<sup>277</sup> STEIN, E. *El Castillo interior*. In: URKIZA, Julen; SANCHO, Francisco Javier. (Org.) *Obras Completas*. Vitoria: Ediciones El Carmen; Madrid: Editorial de Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2004. v. 5: *Escritos espirituales*. p. 81. “*Para la Santa, no era posible dar a entender los sucesos que acaecen en el interior del hombre, sin antes aclararse a sí misma en*

Com isso, para melhor compreensão do pensamento antropológico steiniano, deve-se analisar a ressonância que o processo formativo teresiano lhe gera, não só integrando suas pesquisas, mas, inclusive, convergindo sua vida, visto que Edith Stein optou em viver como monja carmelita quando já se encontrava na maturidade filosófica, pedagógica e teológica.

Edith Stein distingue-se de Teresa na intenção. Em “Castelo Interior”, Teresa apresenta um guia espiritual, um itinerário pedagógico, um caminho de orientação e vida mística no sentido da práxis e interioridade religiosa para as monjas.<sup>278</sup> Já Edith Stein propicia a pesquisa a partir do complexo corpo-psique-espírito da pessoa humana, com centralidade, no qual se encontra a graça eterna advinda de Deus. Stein reconhece a trajetória do encontro da pessoa com Deus em seu íntimo.

Stein encontra na pedagogia desenvolvida por Teresa, um esclarecimento da sistematização do percurso para a interioridade e relaciona esse caminho formativo com suas pesquisas, apontando para o cristocentrismo que plenifica a pessoa em sua integralidade.<sup>279</sup>

Na referida obra de Teresa D’Ávila, a autora utiliza-se da imagem de um castelo para designar a interioridade e refere-se à oração como sua porta de entrada. A Doutora da Igreja acentua a via da oração como graça e quietude que conduz e mantém a vida interior. A pedagogia teresiana sinaliza o exercício do “mirar”, isto é, o educar o olhar para que não se desvie de Cristo.

Teresa apresenta o percurso à essência da interioridade no gradual itinerário de sete moradas. Em síntese, Edith Stein descreve a intenção teresiana da seguinte forma:

A **primeira morada**<sup>280</sup> refere-se ao **conhecimento de si mesmo**. Não se pode levantar os olhos para Deus, sem dar-se conta da própria pequenez. O conhecimento de Deus e o

---

*qué consiste exactamente ese mundo interior. Para ello se le ocurrió la feliz imagen de un castillo con muchas moradas y aposentos. Al cuerpo lo describe como el muro que cerca el castillo. A los sentidos y potencias espirituales (memoria, entendimiento y voluntad), a veces con vasallos, a veces como centinelas, o bien simplemente como moradores del castillo. El alma, con sus numerosos aposentos, se asemeja al cielo, en el cual hay muchas moradas.[...] Las moradas no hay que imaginarlas en fila, una detrás de otra,...sino poned lo ojos en el centro, que es la pieza adonde está el rey.”*

<sup>278</sup> JESUS, T. Castelo Interior. In: SCIADINI, Patrício (Coord.). *Escritos de Teresa de Ávila: obras completas*. São Paulo: Carmelitas; São Paulo: Loyola, 2001. p. 439-440.

<sup>279</sup> SBERGA, Adair Aparecida. *A Formação da Pessoa em Edith Stein*. São Paulo: Paulus, 2014. p. 332.

<sup>280</sup> JESUS, T. Castelo Interior: primeiras moradas. In: SCIADINI, Patrício (Coord.). *Escritos de Teresa de Ávila: obras completas*. São Paulo: Carmelitas; São Paulo: Loyola, 2001. p. 441-452.

conhecimento de si mesmo se sustentam mutuamente. No centro da alma, Deus ilumina o ser, revelando as “coisas más”.<sup>281</sup>

A **segunda morada**<sup>282</sup> trata da determinação em seguir no caminho da fé em Cristo, apontando para a perseverança diante das lutas interiores. A diferença entre a primeira e a segunda morada é que, aqui, o ser já **percebe os chamados divinos**. Não se trata de vozes interiores, mas percepções “desde fora” reconhecidas como mensagens e providência de Deus.<sup>283</sup>

Na **terceira morada**<sup>284</sup> encontram-se as almas que acolhem de coração os chamados de Deus e se **esforçam constantemente em ordenar sua vida conforme a vontade divina**. Enfrentam as duras provas dos apegos terrenos e frequentemente são agraciadas com **consolações**.<sup>285</sup>

A **quarta morada**<sup>286</sup> aprofunda ainda mais a **relação de intimidade** com Deus que se autocomunica com o ser. Santa Teresa fala da **oração de quietude**, que advém espontaneamente do ser. A partir dessa morada, pode-se perceber a graça mística. São utilizadas as imagens do “calor” e da “fragrância” para refletir ardor e delicadeza. A oração tem efeito de dilatação do ser que parte do centro da interioridade.<sup>287</sup>

Na **quinta morada**<sup>288</sup>, encontra-se o valor na **união mais intensa da pessoa com Deus**, reconhecendo que Deus fixa-se no centro do ser humano. Desperta, assim, uma oração de união com o divino. Sinaliza, também, o amor ao próximo como consequência da unidade com Deus.

<sup>281</sup> STEIN, E. El Castillo interior. In: URKIZA, Julen; SANCHO, Francisco Javier. (Org.) *Obras Completas*. Vitoria: Ediciones El Carmen; Madrid: Editorial de Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2004. v. 5: Escritos espirituales. p. 82.

<sup>282</sup> JESUS, T. Castelo Interior: segundas moradas. In: SCIADINI, Patrício (Coord.). *Escritos de Teresa de Ávila: obras completas*. São Paulo: Carmelitas; São Paulo: Loyola, 2001. p. 453-459.

<sup>283</sup> STEIN, E. El Castillo interior. In: URKIZA, Julen; SANCHO, Francisco Javier. (Org.) *Obras Completas*. Vitoria: Ediciones El Carmen; Madrid: Editorial de Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2004. v. 5: Escritos espirituales. p. 83.

<sup>284</sup> JESUS, T. Castelo Interior: terceiras moradas. In: SCIADINI, Patrício (Coord.). *Escritos de Teresa de Ávila: obras completas*. São Paulo: Carmelitas; São Paulo: Loyola, 2001. p. 459-469.

<sup>285</sup> STEIN, E. El Castillo interior. In: URKIZA, Julen; SANCHO, Francisco Javier. (Org.) *Obras Completas*. Vitoria: Ediciones El Carmen; Madrid: Editorial de Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2004. v. 5: Escritos espirituales. p. 83.

<sup>286</sup> JESUS, T. Castelo Interior: quartas moradas. In: SCIADINI, Patrício (Coord.). *Escritos de Teresa de Ávila: obras completas*. São Paulo: Carmelitas; São Paulo: Loyola, 2001. p. 470-487.

<sup>287</sup> STEIN, E. El Castillo interior. In: URKIZA, Julen; SANCHO, Francisco Javier. (Org.) *Obras Completas*. Vitoria: Ediciones El Carmen; Madrid: Editorial de Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2004. v. 5: Escritos espirituales. p. 84.

<sup>288</sup> JESUS, T. Castelo Interior: quintas moradas. In: SCIADINI, Patrício (Coord.). *Escritos de Teresa de Ávila: obras completas*. São Paulo: Carmelitas; São Paulo: Loyola, 2001. p. 487-508.

A **sexta morada**<sup>289</sup> aponta para Jesus Cristo como o sentido e o ânimo da pessoa humana. Tocada pela divina graça, a pessoa humana vive as **virtudes com maior perfeição**. A sexta morada também aponta para os sofrimentos e a aridez na oração e para o esforço humano em manter-se seguro na providência divina.<sup>290</sup>

Por fim, a **sétima morada**<sup>291</sup>, no núcleo da interioridade humana, expressa o **matrimônio espiritual** da pessoa com Cristo, onde há unidade e encontro duradouro com Deus Trindade que ali habita, ao qual Teresa refere-se como Sua Majestade. No centro da pessoa, está o Deus Uno e Trino que se comunica, dá-se a conhecer. Nessa morada, Deus imprime no ser uma marca de experiência ao qual a pessoa não poderá esquecer ou duvidar. Aqui, a graça imprime-se na memória do ser em uma vivência mística.<sup>292</sup>

No tópico II, de seu artigo, Edith Stein analisa a luz da filosofia, o caminho do ser, desde o “muro que o cerca”, até o centro do interior. Encontra, nesse percurso formativo, a revelação do mistério humano unido ao mistério divino. Para ela, a pedagogia mística é a confirmação do que a fé tem por princípio: o encontro com Deus que habita na pessoa humana.<sup>293</sup>

Nesses termos, a formação emerge a pessoa na vida divina, porém sem aprisioná-la na interioridade, mas expressando a vida interior na prática cotidiana.

A alma, como “castelo interior”, tal como descreve nossa Santa Madre Teresa, não é puntiforme como o eu puro, mas um “espaço” – um castelo com muitas moradas – onde o eu pode mover-se livremente saindo e retirando-se mais ao interior. Não é um espaço vazio, pois ali pode penetrar a plenitude que deve ser acolhida para o desenvolvimento da própria vida.<sup>294</sup>

<sup>289</sup> JESUS, T. Castelo Interior: sextas moradas. In: SCIADINI, Patrício (Coord.). *Escritos de Teresa de Ávila: obras completas*. São Paulo: Carmelitas; São Paulo: Loyola, 2001. p. 508-565.

<sup>290</sup> STEIN, E. El Castillo interior. In: URKIZA, Julen; SANCHO, Francisco Javier. (Org.) *Obras Completas*. Vitoria: Ediciones El Carmen; Madrid: Editorial de Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2004. v. 5: Escritos espirituales. p. 92.

<sup>291</sup> JESUS, T. Castelo Interior: sétimas moradas. In: SCIADINI, Patrício (Coord.). *Escritos de Teresa de Ávila: obras completas*. São Paulo: Carmelitas; São Paulo: Loyola, 2001. p. 565-586.

<sup>292</sup> STEIN, E. El Castillo interior. In: URKIZA, Julen; SANCHO, Francisco Javier. (Org.) *Obras Completas*. Vitoria: Ediciones El Carmen; Madrid: Editorial de Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2004. v. 5: Escritos espirituales. p. 96.

<sup>293</sup> RUS, Éric de. *Uma visão Educativa de Edith Stein: Aproximação a um Gesto Antropológico Integral*. Belo Horizonte: Artesã, 2015. p. 113.

<sup>294</sup> STEIN, E. *Ser Finito y Ser Eterno: Ensayo de una ascensión al sentido del ser*. México: Fondo de Cultura Económica, 1996. p. 388. “El alma, como castillo interior, tal como la describe nuestra santa madre Teresa, no es puntiforme como el yo puro, sino que un “espacio” – un castillo con muchas moradas – donde el yo puede moverse libremente saliendo o retirándose más al interior. No es un “espacio vacío”, aunque pueda penetrar allí una plenitud, y deba incluso estar allí acogida si ella quiere desarrollar su vida propia.”

Ressalta-se, também, o significado que Edith Stein dá ao intelecto durante esse recolhimento interior que Santa Teresa propõe. Segundo a percepção steiniana, tanto intelecto quanto a imaginação não são eliminadas nesse processo, visto que fazem parte da potência do ser. Também não é pela potencialidade da inteligência ou mesmo pela imaginação, no pensar e imaginar Deus, que se atinge a interioridade ou que, de fato, há um encontro com Deus. Por si mesmo, o ser não pode encontrar Deus. É preciso experimentar o papel formativo da graça como fonte de transformação da pessoa humana.<sup>295</sup>

A pedagogia apresentada por Teresa talvez possa ser interpretada por alguns como um afunilamento religioso e, assim, o rigor científico da pesquisa steiniana poderia estar em perda. No entanto, a própria Edith Stein pontua que as imagens teresianas se articulam com a visão de pessoa e com a presença divina na “alma da alma”. Como fenomenóloga, Stein ressalta a dimensão espiritual como capaz de consciência do “eu”, na qual o ser reflete sobre si e, com isso, vê aproximação entre filosofia e teologia.<sup>296</sup>

A pedagogia mística de Teresa D’Ávila conduz para o reconhecimento da verdade sobre o ser humano. Ao reconhecer isso, Edith Stein confirma em si o encontro com a verdade da pessoa, tanto como ser aberto à subjetividade do outro, quanto aberto ao ser Divino. Chegar a essa verdade é a aspiração mais íntima do ser humano.<sup>297</sup>

### 3.5 A CRUZ COMO CIÊNCIA

Seguindo seu itinerário na teologia mística, Stein realizou um estudo sobre as obras de São João da Cruz. Na pesquisa, ela confirma e aprofunda o significado de interioridade, sobretudo no caminho acético que o santo indica: a *via crucis*. Stein concorda com João da Cruz, na medida em que reconhece na cruz o caminho da sabedoria.

As poesias e prosas de São João da Cruz conduzem ao percurso de **purificação**, tanto dos sentidos, quanto das potências – memória, vontade e intelecto – para que, assim, possa-se aprender a reconhecer a manifestação de Deus à alma humana.<sup>298</sup> O místico doutor

<sup>295</sup> SBERGA, Adair Aparecida. *A Formação da Pessoa em Edith Stein*. São Paulo: Paulus, 2014. p. 342.

<sup>296</sup> SBERGA, Adair Aparecida. *A Formação da Pessoa em Edith Stein*. São Paulo: Paulus, 2014. p. 344.

<sup>297</sup> SBERGA, Adair Aparecida. *A Formação da Pessoa em Edith Stein*. São Paulo: Paulus, 2014. p. 345.

<sup>298</sup> ALES BELLO, Angela. *Edith Stein: A Paixão pela Verdade*. Curitiba: Juruá, 2014. p. 114-115.

chama de **noite escura** esse processo de purificação do ser, onde mesmo sem as consolações da fé, a pessoa permanecerá em busca do encontro com Deus.<sup>299</sup> A “noite” se assemelha ao caminho da cruz, porém a cruz é justamente a luz e o caminho em meio à experiência de purificação. A cruz não deve ser compreendida como fim em si mesma, mas como elevação e impulso para o alto. Na perspectiva da *via crucis*, a alma humana é conduzida para experimentar as mesmas virtudes de Cristo.<sup>300</sup>

Na análise da obra “Subida ao Monte Carmelo”, Edith versa sobre a quietude da esfera afetiva e imaginativa descritas por São João da Cruz, justamente para tranquilizar o medo, a dor, a futilidade, os egoísmos, as falsas fantasias e as esperanças vãs. O processo de purificação da alma prepara a pessoa para o autocontrole e o acolhimento das virtudes teologais: fé, esperança e a caridade.

O grande místico escreve: “Todas as fraquezas Deus cura pelo despojamento que opera mediante a noite escura”; “com a qual deixa a inteligência na escuridão; a vontade na aridez; a memória no vazio; e as tendências da alma em suma aflição, amargura e tribulação”.<sup>301</sup> Edith Stein acentua, a partir desse escrito de João da Cruz, o esvaziamento do intelecto abrindo o caminho para a fé; o esvaziamento da memória, apontando para a esperança; e o esvaziamento da vontade, como via do amor caridade.

Para Edith Stein, o teor das obras de João da Cruz é o abandono do ser nas mãos de Deus. Tal abandono, porém, não é antagônico à liberdade pessoal. Toda a pessoa é chamada a viver e a cultivar sua interioridade, assumindo o controle de si mesma e realizar ações a partir do núcleo de sua alma. O direito de autodeterminar-se faz parte do livre-arbítrio que o próprio Deus respeita. Trata-se, assim, do abandono voluntário e recíproco que parte da pessoa e, sobretudo, parte de Deus, no processo de união mística.<sup>302</sup>

Edith Stein, de certa forma, buscou racionalizar a união mística, visto que se interessava em compreender a experiência. Questionava-se sobre o porquê de tão poucas pessoas alcançarem a experiência mística. Ela reconhece que tal vivência está além da sensibilidade humana, imaginação ou do comportamento ético. Está somente na dimensão

---

<sup>299</sup> STEIN, Edith. *A Ciência da Cruz: Estudo sobre São João da Cruz*. São Paulo: Edições Loyola, 1988. p. 104.

<sup>300</sup> FERMÍN, Francisco Javier Sancho. *Una espiritualidad para hoy según Edith Stein: 20 temas de estudio e reflexión*. Burgos: Monte Carmelo, 1998. p. 308-309.

<sup>301</sup> STEIN, Edith. *A Ciência da Cruz: Estudo sobre São João da Cruz*. São Paulo: Edições Loyola, 1988. p. 104.

<sup>302</sup> ALES BELLO, Angela. *Edith Stein: A Paixão pela Verdade*. Curitiba: Juruá, 2014. p. 116.

da fé. Somente a qualidade e a maturidade de fé daquele que se abandona, quanto mais finito se reconhece, é capaz de experimentar o ser infinito, Uno e Trino, que tudo abraça e penetra. Se a luz divina revela as imperfeições do ser, a pessoa experimenta a certeza de que, por conta própria, não conseguirá ser diferente. O revigoramento, a docilidade e a paz provêm de Deus.<sup>303</sup> Calor, força, disposição e veemência do amor provêm unicamente do amor de Deus, que inflama a alma que vai unindo-se a Si.<sup>304</sup> Quando essa consciência é alcançada, a parcialidade dos conhecimentos já não satisfaz.<sup>305</sup>

A vida mística representa um estágio privilegiado de união entre humano e divino, e não há possibilidade de alcançá-la somente com esforços pessoais. É a ação de Deus que tem a primazia de trabalhar a alma humana, ao ser cabe voltar-se de forma cooperativa ao exercício da graça.

### 3.6 POR UMA EDUCAÇÃO EUCARÍSTICA

A via educativa steiniana, quando atinge a interioridade, favorece a edificação de uma nova forma e, com isso, recria o ser humano em sua totalidade e possibilita o encontro com o sentido. A santa crê na interioridade como o habitáculo divino, fonte de transfiguração do ser, capaz de irradiação na totalidade da pessoa, exteriorizando um brilho que atrai as demais pessoas.<sup>306</sup>

É na vida interior que ocorre o encontro pessoal com Deus. A experiência desse encontro, segundo Stein, não cabe em palavras, imagens ou conceitos – é vivencial, é revelação mística, onde Deus se manifesta no silêncio.

Edith Stein pontua, a experiência da manifestação suprema do Amor que se entrega na cruz: “O objetivo último do homem é a vida eterna. A humanidade pecadora recuperou a possibilidade de obter a vida eterna graças a morte de Cristo na Cruz”.<sup>307</sup> A essência de

<sup>303</sup> STEIN, Edith. *A Ciência da Cruz: Estudo sobre São João da Cruz*. São Paulo: Edições Loyola, 1988. p. 106.

<sup>304</sup> STEIN, Edith. *A Ciência da Cruz: Estudo sobre São João da Cruz*. São Paulo: Edições Loyola, 1988. p. 112.

<sup>305</sup> ALES BELLO, Angela. *Edith Stein: A Paixão pela Verdade*. Curitiba: Juruá, 2014. p. 117.

<sup>306</sup> RUS, Éric de. *Uma visão Educativa de Edith Stein: Aproximação a um Gesto Antropológico Integral*. Belo Horizonte: Artesã, 2015. p. 114.

<sup>307</sup> STEIN, E. Estructura de la Persona Humana. In: URKIZA, Julen; SANCHO, Francisco Javier. (Org.) *Obras Completas*. Vitoria: Ediciones El Carmen; Madrid: Editorial de Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2003. v. 4: Escritos antropológicos y

Cristo como dom de si alcança todo o ser humano e o ser humano todo. Por isso, a pedagogia que conduz ao mistério pascal de Cristo favorece a vivência não só do Amor em plenitude, como também a experiência e revelação de si mesmo.

Segundo Edith Stein, para que cada pessoa aproxime-se da Redenção, é renovado por Cristo o “sacrifício da cruz no santo sacrifício da missa”.<sup>308</sup> Sobretudo, encontra no sacramento eucarístico, o centro que contém a humanidade de Cristo.<sup>309</sup>

O atuar livre do indivíduo que se faz partícipe da vida eterna é a participação no sacrifício eucarístico: ao aproximar-se do altar junto ao sacerdote, sendo consciente de sua condição de pecador e com vivo desejo de ser redimido, quando faz sacrifício de si mesmo unido aos dons em sincera atitude sacrificial, a pessoa é transformada em Cristo, unida a esses mesmos dons e se converte de modo plenamente real em um membro vivo do corpo de Cristo. Quando recebe o Senhor na sagrada comunhão, O introduz dentro de si, vive em Cristo e Cristo nele.<sup>310</sup>

Assim, a teologia steiniana aponta para a renovação do sacrifício do amor-doação, na liturgia eucarística.<sup>311</sup> A memória e perpetuação da Páscoa no mistério eucarístico coloca a pessoa diante de Deus Encarnado que se oferta sem medida. Àqueles que aderem à fé, na liberdade, disponibilidade e acolhimento, encontram no gesto eucarístico o momento mais íntimo com Jesus Cristo.

---

pedagógicos. p. 745. *“El objetivo último del hombre es la vida eterna. La humanidad pecadora ha recuperado la posibilidad de obtener la vida eterna gracias a la muerte de Cristo en la cruz.”*

<sup>308</sup> STEIN, E. Estructura de la Persona Humana. In: URKIZA, Julen; SANCHO, Francisco Javier. (Org.) *Obras Completas*. Vitoria: Ediciones El Carmen; Madrid: Editorial de Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2003. v. 4: Escritos antropológicos y pedagógicos. p. 745. *“sacrificio de la cruz en el santo sacrificio de la misa.”*

<sup>309</sup> STEIN, E. Qué es el Hombre? La Antropología de la Doctrina Católica de la Fe. In: URKIZA, Julen; SANCHO, Francisco Javier. (Org.) *Obras Completas*. Vitoria: Ediciones El Carmen; Madrid: Editorial de Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2003. v. 4: Escritos antropológicos y pedagógicos. p. 886.

<sup>310</sup> STEIN, E. Estructura de la Persona Humana. In: URKIZA, Julen; SANCHO, Francisco Javier. (Org.) *Obras Completas*. Vitoria: Ediciones El Carmen; Madrid: Editorial de Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2003. v. 4: Escritos antropológicos y pedagógicos. p. 745. *“El actuar libre del individuo que le hace partícipe de la vida eterna es la participación en el sacrificio eucarístico: cuando se acerca al altar junto con el sacerdote, siendo consciente de su condición de pecador y con vivo deseo de ser redimido, cuando hace sacrificio de sí mismo junto con los dones en sincera actitud sacrificial, el hombre es transformado en Cristo junto con esos mismos dones, y se convierte de modo plenamente real en un miembro vivo del cuerpo de Cristo. Y cuando en la sagrada comunión recibe en sí al Señor, lo introduce dentro de sí, y vive en Cristo Y Cristo en él.”*

<sup>311</sup> Segundo o Catecismo da Igreja Católica, nos parágrafos 1069, 1071, 1074-1075, a palavra “liturgia” significa originalmente “obra pública”. Na tradição cristã, ela quer significar que o povo de Deus toma parte na “obra de Deus”. Pela liturgia, Cristo, redentor e sumo sacerdote, continua em sua Igreja, com ela e por ela, a obra da redenção. Além disso, a liturgia realiza e manifesta a Igreja como sinal visível da comunhão entre Deus e os homens por meio de Cristo. A liturgia é o ápice para o qual tende toda a ação da Igreja e também, é a fonte da onde provém toda a sua força. É na Eucaristia que Cristo age em plenitude para a transformação dos homens. (CATECISMO da Igreja Católica. Petrópolis: Vozes; São Paulo: Loyola, 1993.)

Para Stein, nada mais é essencial que a liturgia eucarística como o centro e ápice da vida cristã.<sup>312</sup>

Qual a relevância pedagógica de tudo isso? De início, que a ação eucarística é o ato pedagógico mais essencial: a cooperação de Deus e a pessoa, cujo resultado é a aquisição da vida eterna. Ademais, possui relevância pedagógica de colocar o educador perante a tarefa de levar o educando a ser capaz – e de estar disposto a fazê-lo – de prestar a colaboração correspondente ao ato divino-humano.<sup>313</sup>

O sacrifício sempre atual de Cristo reassume todo o criado e o associa à salvação realizada, implicando tanto o mistério da queda, quanto da redenção.<sup>314</sup> Por isso, a Eucaristia é o sacramento da **aliança** entre o ato de cooperação divina em favor da pessoa e o desejo humano em participar da vida em Deus. O ser da pessoa realiza-se em sua relação com Deus, sobretudo na comunhão eucarística.

A Eucaristia tem dupla significação: serve para cada cristão em particular como “pão cotidiano” como alimento da vida na graça; e é para a totalidade dos redimidos no sacramento da unidade, para manterem-se unidos ao corpo místico de Cristo. A Eucaristia se constitui em verdadeira, real e substancial presença de Cristo nas coisas sensíveis: pão e vinho.<sup>315</sup>

Os demais sacramentos têm por primeira virtude a santificação da pessoa, na medida em que essa possui vida sacramental. A Eucaristia, antes de tudo isso, é o próprio autor da santidade.<sup>316</sup>

<sup>312</sup> RUS, Éric de. *Uma visão Educativa de Edith Stein: Aproximação a um Gesto Antropológico Integral*. Belo Horizonte: Artesã, 2015. p.120.

<sup>313</sup> STEIN, E. Estructura de la Persona Humana. In: URKIZA, Julen; SANCHO, Francisco Javier. (Org.) *Obras Completas*. Vitoria: Ediciones El Carmen; Madrid: Editorial de Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2003. v. 4: Escritos antropológicos y pedagógicos. p. 745-746. “*Cuál es la relevancia pedagógica de todo esto? De entrada, que la acción eucarística es el acto pedagógico más esencial: la cooperación de Dios y el hombre, cuyo resultado es la adquisición de la vida eterna. Además, posee ella relevancia pedagógica de que pone al educador ante la tarea de llegar al educando a que sea capaz – y esté dispuesto para ele – de prestar la colaboración que le corresponde en ese acto divino-humano.*”

<sup>314</sup> STEIN, E. *Carta a Jacques Maritain*, 16 de abril de 1936, C2, p. 1166. (STEIN, E. *Escritos autobiográficos y cartas*. Madrid: Editorial de Espiritualidad/Vitoria; Monte Carmelo: Ediciones El Carmen/Burgos, 2002. (Obras Completas, 1).).

<sup>315</sup> STEIN, E. Qué es el Hombre? La Antropología de la Doctrina Católica de la Fe. In: URKIZA, Julen; SANCHO, Francisco Javier. (Org.) *Obras Completas*. Vitoria: Ediciones El Carmen; Madrid: Editorial de Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2003. v. 4: Escritos antropológicos y pedagógicos. p. 886.

<sup>316</sup> STEIN, E. Qué es el Hombre? La Antropología de la Doctrina Católica de la Fe. In: URKIZA, Julen; SANCHO, Francisco Javier. (Org.) *Obras Completas*. Vitoria: Ediciones El Carmen; Madrid: Editorial de Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2003. v. 4: Escritos antropológicos y pedagógicos. p. 887.

A Eucaristia ilumina o gesto educativo do exterior para o interior e do mais interior ao superior realmente manifestado na carne.<sup>317</sup> O ato eucarístico realiza a vocação epifânica como sentido de toda a pessoa: a presença carnal do ser humano no mundo é assumida no gesto eucarístico, transformada do interior e elevada na manifestação luminosa da própria vida divina. Assim, Cristo se prolonga na existência de todo o batizado de forma mística.<sup>318</sup>

A formação humana, nessa perspectiva, apropria-se de um significado litúrgico. A liturgia, enquanto epifania, revela Deus, restaurando a beleza e a vocação de todo o criado: expressa a natureza liberada e transfigurada pela força da graça.<sup>319</sup>

Não se trata, contudo, somente de transmitir uma mera compreensão da fé. Ao contrário, a comunhão eucarística deve despertar uma fé viva. A fé é um dom da graça, mas também esforço colaborativo humano. Para isso, propõe não somente uma transmissão da fé na intelectualidade, mas experiencial e testemunhal.

Constituirá um forte motivo para crer nas verdades eucarísticas mostrar com as vidas e com os testemunhos pessoais de cristãos exemplares, quão grande era seu desejo de participar do santo sacrifício da missa e de receber a sagrada comunhão, como crescia assim seu amor a Cristo e o zelo por servir-lhe e agradecer-lhe, como saíam fortalecidos para tomar sobre si as pesadas cargas e superar seus defeitos, e como todo o seu ser e sua vida se convertiam progressivamente na imagem e no seguimento de Cristo. Mas a demonstração prática mais efetiva é, também aqui, a conduta do educador. Quando ele mesmo não leva uma vida eucarística, ou quando vai diariamente a Igreja, mas não se aprecia fruto algum de amor, paciência ou espírito de sacrifício: esses casos podem constituir um sério obstáculo para a aceitação e crença das verdades eucarísticas.<sup>320</sup>

<sup>317</sup> RUS, Éric de. *Uma visão Educativa de Edith Stein: Aproximação a um Gesto Antropológico Integral*. Belo Horizonte: Artesã, 2015. p. 124.

<sup>318</sup> RUS, Éric de. *Uma visão Educativa de Edith Stein: Aproximação a um Gesto Antropológico Integral*. Belo Horizonte: Artesã, 2015. p. 122.

<sup>319</sup> RUS, Éric de. *Uma visão Educativa de Edith Stein: Aproximação a um Gesto Antropológico Integral*. Belo Horizonte: Artesã, 2015. p. 123.

<sup>320</sup> STEIN, E. Estructura de la Persona Humana. In: URKIZA, Julen; SANCHO, Francisco Javier. (Org.) *Obras Completas*. Vitoria: Ediciones El Carmen; Madrid: Editorial de Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2003. v. 4: Escritos antropológicos y pedagógicos. p. 747 - 748. *“Constituirá un fuerte motivo para creer en las verdades eucarísticas mostrar con las vidas y con los testimonios personales de cristianos ejemplares qué grande era su deseo de participar en el santo sacrificio de la misa y de recibir la sagrada comunión, cómo crecía de esa manera su amor a Cristo y el celo por servirle y por agradecerle, cómo salían fortalecidos para tomar sobre sí pesadas cargas y superar sus defectos, y cómo todo su ser y su vida se convertía progresivamente en la imagen y en seguimiento de Cristo. Pero la demostración práctica más cercana es, también aquí, la conducta del maestro. Cuando él mismo no lleva una vida eucarística, o cuando va diariamente a la iglesia pero en él no se aprecia fruto alguno de amor, paciencia o espíritu de sacrificio: esos casos no pueden dejar de constituir un serio obstáculo para la aceptación creyente de las verdades eucarísticas. Por lo mismo, en cambio, una ejemplar vida eucarística será el más fuerte de los motivos para aceptar esas verdades y vivir de conformidad con ellas.”*

Edith Stein reforça que “toda a aprendizagem pressupõe confiança na veracidade do educador”,<sup>321</sup> inclusive a aprendizagem da fé eucarística. Quem se apropria da práxis eucarística e assume suas exigências, percebe a realidade vital que forma o ser. Da vida eucarística a pessoa “recebe a luz sobre si mesmo e sobre o que deve fazer ou não”.<sup>322</sup>

Quando uma verdade de fé corresponde ao seu autêntico sentido, é acolhido na interioridade e torna-se importante força formadora, apontando para o que a pessoa necessita para chegar ao que deve ser. A pedagogia contribui, assim, com aquele que decide viver a fé e, através dessa decisão, vai ao encontro do sentido da vida.<sup>323</sup>

### 3.7 A FORMAÇÃO RELIGIOSA

Edith Stein, mesmo em sua teologia mística, na qual apontou para a singularidade do encontro com Deus com o ser no núcleo de interioridade da pessoa, destacou o valor da experiência comunitária em sua antropologia. Fiel à sua ótica fenomenológica, valorizou o dom da reciprocidade desde seus primeiros registros, sobretudo quando escreve sobre a empatia.

Segue crendo na importância das comunidades formativas. Especificamente como formadora, indica, também, caminhos para a formação religiosa da pessoa, não só na unidade constitutiva de si mesma, mas evidenciada a partir do encontro com o outro e com o próprio Deus no outro. Assim, a pessoa, ao voluntariamente abandonar-se nas mãos de Deus, não deve fechar-se em si mesma. A vivência religiosa, então, implica posicionamento pessoal de atenção a realidade, e esta é conducente ao sentido comunitário.

Edith Stein identifica na estrutura tripartite da pessoa a capacidade de reconhecer o sentido da realidade e o Mistério nela presente. Esse Mistério comunica e indica uma ordenação, um equilíbrio, denomina de senso religioso. Este possibilita um olhar para a

<sup>321</sup> STEIN, E. Estructura de la Persona Humana. In: URKIZA, Julen; SANCHO, Francisco Javier. (Org.) *Obras Completas*. Vitoria: Ediciones El Carmen; Madrid: Editorial de Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2003. v. 4: Escritos antropológicos y pedagógicos. p. 746. “*Todo aprendizaje presupone confianza en la veracidad del maestro.*”

<sup>322</sup> STEIN, E. Estructura de la Persona Humana. In: URKIZA, Julen; SANCHO, Francisco Javier. (Org.) *Obras Completas*. Vitoria: Ediciones El Carmen; Madrid: Editorial de Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2003. v. 4: Escritos antropológicos y pedagógicos. p. 748. “*De ella recibe luz sobre sí mismo y sobre lo que debe hacer u omitir.*”

<sup>323</sup> STEIN, E. Estructura de la Persona Humana. In: URKIZA, Julen; SANCHO, Francisco Javier. (Org.) *Obras Completas*. Vitoria: Ediciones El Carmen; Madrid: Editorial de Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2003. v. 4: Escritos antropológicos y pedagógicos. p. 749.

realidade, apreendendo nela o seu sentido e dentro de cada evento real, um encadeamento de situações implícitas que não ocorrem de forma aleatória.<sup>324</sup>

A antropologia teológica steiniana percebe a formação religiosa como gesto que consiste na condução para uma fé viva que conhece, ama e serve a Deus.<sup>325</sup> Nesse sentido, não é possível subtrair a imagem de Deus comunhão. Deus não se apresenta como solidão, mas como comunhão. A formação, assim, pode auxiliar a explicitar um caminho de conhecimento da fé no âmbito comunitário. Edith Stein pontua que a fé não será despertada por uma educação pautada por aridez intelectual ou mesmo por um ensino fanático, mas por uma instrução religiosa que acende o amor.<sup>326</sup>

Na conferência proferida no final de agosto de 1929, na Alemanha, Edith Stein reflete sobre “A colaboração dos centros conventuais na formação da juventude” – *Die Mitwirkung der klösterlichen Anstalten an der religiösen Bildung der Jugend*.<sup>327</sup> A conferência aborda elementos relevantes ao contexto formativo religioso, sobretudo ao apresentar como comunidade formativa, a Igreja. Edith vê a formação como missão da Igreja: através do seu Magistério, do ofício divino, da distribuição sacramental, das homilias, das catequeses e da sua atividade de acompanhamento espiritual, a Igreja é chamada a formar os seus.

Para Edith Stein, a Igreja em sua formação religiosa deve contemplar quatro elementos:

1) meta formativa: de que forma deve ser alcançada? 2) material humano a ser formado; 3) meios formativos: mãos que trabalham e instrumentos que utilizam como recurso; 4) processo de formação como processo de configuração.<sup>328</sup>

Sobre a meta da formação religiosa, ela acentua: “temos que ajudar as crianças e jovens a formar-se como filhos de Deus, para que cheguem à imagem de Cristo. [...] Isso

<sup>324</sup> COELHO JÚNIOR, A.G.; MAHFOUD, M. As especificidades da comunidade religiosa na obra de Edith Stein. p.267-268. In: MAHFOUD, M.; MASSIMI, M. (orgs.). *Edith Stein e a Psicologia: teoria e pesquisa*. Belo Horizonte: Artesã, 2013. p. 16 7-194.

<sup>325</sup> RUS, Éric de. *Uma visão Educativa de Edith Stein: Aproximação a um Gesto Antropológico Integral*. Belo Horizonte: Artesã, 2015. p.106.

<sup>326</sup> STEIN, E. *Les fundements de l'éducation féminine*, p. 102. apud RUS, Éric de. *Uma visão Educativa de Edith Stein: Aproximação a um Gesto Antropológico Integral*. Belo Horizonte: Artesã, 2015. p.106.

<sup>327</sup> STEIN, E. La colaboración en la formación religiosa de la juventud. In: URKIZA, Julen; SANCHO, Francisco Javier. (Org.) *Obras Completas*. Vitoria: Ediciones El Carmen; Madrid: Editorial de Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2003. v. 4: Escritos antropológicos y pedagógicos. p. 112.

<sup>328</sup> STEIN, E. La colaboración en la formación religiosa de la juventud. In: URKIZA, Julen; SANCHO, Francisco Javier. (Org.) *Obras Completas*. Vitoria: Ediciones El Carmen; Madrid: Editorial de Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2003. v. 4: Escritos antropológicos y pedagógicos. p. 113.

corresponde ao caminho de seguimento de Cristo. [...] para serem membros vivos do Corpo de Cristo”.<sup>329</sup> Edith Stein acredita que a meta a ser alcançada deve ser formar o outro Cristo – o *alter Christus*. Ela mesma reconhece elevada a grandeza dessa meta, mas pontua que não se deveria pensar em nada menor, visto que se refere ao chamado recebido por todo o cristão à perfeição.<sup>330</sup>

O material a ser formado é a própria pessoa, que traz na interioridade suas potências e força motriz, para chegar a formar-se em singularidade. A graça batismal traz em si as “sementes” da vida sobrenatural. Tanto o anseio natural para a bondade quanto a predisposição sobrenatural a vida eterna devem ser matéria cuidadosamente formadas.<sup>331</sup>

Os meios convenientes ao trabalho formativo referem-se ao Cristo como pessoa e afirmam sua presença na Eucaristia. Através da Eucaristia, estreita-se a relação com o Corpo Místico de Cristo, a Igreja. A Igreja é também formadora, e com seu desenvolvimento histórico, vida litúrgica, oração e sacrifício, faz de seus filhos seus membros, e imprime nestes a imagem de Cristo.<sup>332</sup>

Edith Stein recomenda a formação religiosa através das Sagradas Escrituras, no exercício da *lectio divina*.<sup>333</sup> Postula que aquele que medita incessantemente os evangelhos e adentra as obras e palavras de Cristo, encontra uma força viva de transformação, pela qual a alma é formada pela Palavra de Deus.<sup>334</sup> Reforça, também, o valor da formação a partir da

---

<sup>329</sup> STEIN, E. La colaboración en la formación religiosa de la juventud. In: URKIZA, Julen; SANCHO, Francisco Javier. (Org.) *Obras Completas*. Vitoria: Ediciones El Carmen; Madrid: Editorial de Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2003. v. 4: Escritos antropológicos y pedagógicos. p. 113-114. “Tenemos que ayudar a los niños a formarse como hijos de Dios. Ellos tienen que llegar a ser imagen de Dios, imagen de Cristo. [...] Esto corresponde, sin duda, con que este camino sea el camino del seguimiento de Cristo [...] ser miembros vivos del Cuerpo de Cristo.”

<sup>330</sup> STEIN, E. La colaboración en la formación religiosa de la juventud. In: URKIZA, Julen; SANCHO, Francisco Javier. (Org.) *Obras Completas*. Vitoria: Ediciones El Carmen; Madrid: Editorial de Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2003. v. 4: Escritos antropológicos y pedagógicos. p. 114.

<sup>331</sup> STEIN, E. La colaboración en la formación religiosa de la juventud. In: URKIZA, Julen; SANCHO, Francisco Javier. (Org.) *Obras Completas*. Vitoria: Ediciones El Carmen; Madrid: Editorial de Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2003. v. 4: Escritos antropológicos y pedagógicos. p. 115.

<sup>332</sup> STEIN, E. La colaboración en la formación religiosa de la juventud. In: URKIZA, Julen; SANCHO, Francisco Javier. (Org.) *Obras Completas*. Vitoria: Ediciones El Carmen; Madrid: Editorial de Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2003. v. 4: Escritos antropológicos y pedagógicos. p. 115.

<sup>333</sup> SBERGA, Adair Aparecida. *A Formação da Pessoa em Edith Stein*. São Paulo: Paulus, 2014. p. 304.

<sup>334</sup> STEIN, E. La colaboración en la formación religiosa de la juventud. In: URKIZA, Julen; SANCHO, Francisco Javier. (Org.) *Obras Completas*. Vitoria: Ediciones El Carmen; Madrid: Editorial de Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2003. v. 4: Escritos antropológicos y pedagógicos. p. 116.

doutrina da fé, nas definições do magistério da Igreja, dos escritos dos grandes padres e doutores e obras clássicas da teologia.<sup>335</sup>

Especificamente sobre a formação no catolicismo, Edith Stein afirma que esta não é apenas uma “religião do sentimento”, mas da Verdade e, portanto, de um assunto vital, de um assunto do coração.<sup>336</sup>

A formação conforme Cristo deve conter também o amor de Cristo, o amor pelas almas. Não deve haver ruptura entre santificação e apostolado. Quem vai em busca da perfeição, não a quer só para si, mas para todos.<sup>337</sup>

A formação religiosa, portanto, é a configuração a Cristo através de Cristo. Cristo tal como viveu e é mostrado nos Evangelhos, Cristo que continua vivo na Eucaristia, na doutrina e na oração da Igreja. Responder à formação religiosa nesse parâmetro faz com que o trabalho apostólico aconteça mais perfeitamente.<sup>338</sup>

Edith Stein, em sua busca pela verdade, não só foi ao encontro do *Logos* Eterno, mas buscou mergulhar no mistério humano-divino. A formação humana em Stein ganha, assim, um coroamento ao unir, natureza e graça, fé e razão, humanidade e divindade. Edith percebe o ser humano como *Imago Dei*, sobretudo na singularidade individual, mas na relacionalidade empática. Quando mais se permitindo atrair por Deus Uno e Trino, quanto mais centrada na amizade com este Deus, configurada a pessoa de Jesus Cristo e impelida pelo hálito divino presente na interioridade humana, mais em itinerário de santificação se dispõe a ser. Para isso, ressalta Edith, o valor da formação mística e eucarística, como importantes elos congregadores da plenitude humana.

---

<sup>335</sup> STEIN, E. La colaboración en la formación religiosa de la juventud. In: URKIZA, Julen; SANCHO, Francisco Javier. (Org.) *Obras Completas*. Vitoria: Ediciones El Carmen; Madrid: Editorial de Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2003. v. 4: Escritos antropológicos y pedagógicos. p. 119.

<sup>336</sup> STEIN, E. *Carta a Roman Ingarden*, 13 de dezembro de 1925, C1, p. 760. (STEIN, E. *Escritos autobiográficos y cartas*. Madrid: Editorial de Espiritualidad/Vitoria; Monte Carmelo: Ediciones El Carmen/Burgos, 2002. (Obras Completas, 1).).

<sup>337</sup> STEIN, E. La colaboración en la formación religiosa de la juventud. In: URKIZA, Julen; SANCHO, Francisco Javier. (Org.) *Obras Completas*. Vitoria: Ediciones El Carmen; Madrid: Editorial de Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2003. v. 4: Escritos antropológicos y pedagógicos. p. 124-125.

<sup>338</sup> STEIN, E. La colaboración en la formación religiosa de la juventud. In: URKIZA, Julen; SANCHO, Francisco Javier. (Org.) *Obras Completas*. Vitoria: Ediciones El Carmen; Madrid: Editorial de Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2003. v. 4: Escritos antropológicos y pedagógicos. p. 125.

## CONCLUSÃO

Esta pesquisa buscou encontrar respostas às indagações relativas ao processo formativo do ser. Interrogativas despertadas na observação cotidiana, na prática e experiência educacional que não dissocia profissão-missão. Por isso, o presente estudo procurou ir ao encontro dos embasamentos, das “fontes” que edificam a pessoa humana e as coloca em relação com o semelhante.

Diante da realidade em que a formação humana apresenta-se sem um objetivo condutor, uma meta de configuração e uma gênese essencial, percebeu-se o risco de uma educação limitada às circunstâncias sociais adversas, diluída no fenômeno de massificação de ideias e comportamentos, amparada na competitividade, focada no poder econômico, na apropriação puramente intelectual e tecnológica, hesitante em conceber e defender a vivência de valores eternos diante do imediatismo moderno. O gesto educativo, assim, acaba por ser absorvido pela cultura contingente do conhecimento relativo e ocasional, sem elaboração maior da verdade contida nos argumentos, vinculado ao imediato e aparente.

Assim, investigou-se um entendimento antropológico, teológico e pedagógico, capaz de apontar indicativos ao reconhecer a pessoa como um ser integral, empático e com abertura ao transcendente. Pesquisando a antropologia de Edith Stein, pretendeu-se encontrar indicativos que corroboram com a visão de ser humano delineado a partir das virtudes de eternidade com sólidos vínculos de exercício empático, contribuindo com uma sociedade mais equilibrada e aberta ao transcendente.

Edith Stein parte de inquietações profundas que auxiliaram em responder as questões que desencadearam essa pesquisa. A começar com a visão educativa de Edith Stein apresentando como principal diretriz pedagógica a concepção ao qual:

[...] todo o trabalho educativo que trate de formar o ser humano, vem acompanhado de uma determinada concepção de pessoa, de qual sua posição no mundo e sua missão de vida, e também de quais possibilidades práticas se oferecem para tratá-la adequadamente.<sup>339</sup>

---

<sup>339</sup> STEIN, E. Estructura de la Persona Humana. In: URKIZA, Julen; SANCHO, Francisco Javier. (Org.) *Obras Completas*. Vitoria: Ediciones El Carmen; Madrid: Editorial de Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2003. v. 4: Escritos antropológicos y pedagógicos. p. 562. *“Toda labor educativa que trate de formar hombres va acompañada de una determinada*

Stein apresenta uma linha mestra, uma chave de ação para todo exercício pedagógico.

Em resposta à questão desse estudo: “Como formar uma pessoa configurada como um ser integral, empático e aberto ao transcendente?” Tendo a obra de Edith Stein como base, para compreender o processo de formar uma pessoa, é preciso compreender primeiro o que é a pessoa. É preciso resgatar o conceito de humano, na formação humana.

A persistência de Edith Stein em apontar a antropologia como fundamento da pedagogia consiste em valorizar um paradigma educacional que não se furte em conduzir a pessoa ao que, de fato, ela é e ao que é chamada a ser, que ampare sua integralidade e garanta o sentido para uma vida com qualidade e plenitude.

A pessoa, nos estudos steinianos, é reconhecida como unidade e comunhão, singularidade e reciprocidade. Integral em sua unicidade corpo-alma, integrada ao gênero humano (humanidade) e em contínuo fluxo de vivências, o integralizar-se da pessoa é a totalidade corpo-psique-espírito. Dotada de corpo anímico, vitalidade psíquica e alma espiritual, o ser congrega natureza e espírito.

Conferindo a primazia da pessoa humana como única e irrepetível, dotada de inviolável dignidade Stein ressalta: o que faz o ser humano afirmar-se como pessoa, é a sua dimensão espiritual. Na dimensão espiritual, está o cerne da pessoa, a “alma da alma”, o lugar de intimidade, da verdade e puro bem. É através da dimensão espiritual que o ser transcende a si.

Afirmar a dimensão espiritual não reduz as dimensões biopsíquicas. Stein sinaliza o valor do corpo como espaço onde a alma se expressa e, também, acentua o corpo como canal entre o universo externo e o interno, onde o sensível é captado, percebido e canalizado. A vitalidade psíquica responde aos estímulos, impulsos, afetos e às causalidades, mas é no espírito que razão, liberdade interior e valores de eternidade encontram-se sintonizados com a consciência. No espírito, está a motivação humana, a força motriz, a intencionalidade e a vontade, conduzidas a partir de *logos* ordenador que se manifesta em atitudes práticas.

Ser pessoa significa ser dotado de um “eu” sujeito e objeto de reflexão e autorreflexão e, também, de decisão gerada por sua consciência individual. Capaz de refletir sobre si, senhor de sua própria reflexão, o ser humano pode decidir e questionar, confirmar ou refutar, o que vem de situações, do outro e de si mesmo.

A pessoa humana transborda a si mesmo, configurando-se como um ser autotranscendente. Nessa perspectiva, para Edith Stein, a pessoa é finitude – natureza, e infinitude – espírito. O ser perpetua-se no prolongamento e decorrências de suas ações ao mundo. Capaz de doar-se ao outro, de transcender ao outro pelo outro e não por si próprio.

Além da horizontalidade da transcendência (com o outro, com a comunidade, sociedade, humanidade e todo mundo criado), a pessoa humana também é capaz de relação vertical com o Transcendente (com Deus, o Eterno que adentra o tempo). Reconhecendo sua limitação e finitude, o ser humano se depara com o que/Quem está além de si e na gênese de si. Assim, a antropologia steiniana coloca o ser humano diante do Mistério Divino e do mistério humano.

Edith Stein percebe Deus, Pessoa Divina, como aquele que desvela-Se à pessoa humana como gênese, essência e fim. Deus é um ser em si, e um ser comunhão – Uno e Trino. O ser humano, enquanto imagem de Deus, é um ser para si, para o outro e para o próprio Deus. Na relação vincular com o divino, a pessoa passa paulatinamente a configurar-se com o *Logos* Eterno. Para Stein, o Verbo feito carne é o paradigma de plenitude humana. Como buscador de Deus, o ser humano encontra em Jesus Cristo o modelo de integralidade, empatia e transcendência para toda a pessoa humana.

A análise steiniana reconhece na interioridade humana, o espaço onde Deus habita. Em sua teologia mística, Edith Stein afirma que ao voltar-se para sua interioridade, a pessoa encontra-se consigo mesmo, mas, sobretudo, encontra com Deus Trindade, o hóspede do núcleo pessoal: “No fundo de toda a exigência plena de sentido que se apresenta na alma com uma força de obrigação, possui uma palavra de Deus”.<sup>340</sup>

Partindo do olhar fenomenológico, a pessoa é vista do seu núcleo interior e conduzida à maturidade para que se reconheça como um ser integral e integrado ao mundo

---

<sup>340</sup> STEIN, E. *Ser Finito y Ser Eterno: Ensayo de una ascensión al sentido del ser*. México: Fondo de Cultura Económica, 1996. p. 458. “En el fondo de toda exigencia plena de sentido que se presenta al alma con una fuerza de obligación, hay una palabra de Dios”.

em atos empáticos interativos. Edith Stein, assim, enleva a importância da empatia. Para a filósofa, empatia é a capacidade humana advinda do espírito que reconhece o outro como um outro “eu”, isto é, como um semelhante. O gesto empático ocorre no ato transcendente que se declina sobre um processo de ações intersubjetivas, que regulam, equilibram e estimulam o ser humano para além de si, direcionando-se como um dom ao outro. Somente através da empatia a pessoa humana é capaz de reciprocidade e, portanto, de viver em comunidade.

Para Edith Stein, o ser humano afirma-se como pessoa na medida em que se doa, realizando-se enquanto ente em relação. Com isso, a singularidade de cada ser, e sua resposta de doação, é tanto um dom de Deus, como uma vocação de toda pessoa. A pessoa é **com** o outro, **pelo** o outro e **em** reciprocidade com o outro.

A filósofa crê que, em seu percurso histórico, cada pessoa assume-se como um elo global do gênero humano e, por sua identidade própria e originalidade, deve cooperar de forma livre e consciente com seu próprio desenvolvimento e com o desenvolvimento social. Assim, Stein valoriza o processo que conduz a pessoa para despertar e desenvolver suas potências individuais, encontrando um lugar na comunidade – e na própria humanidade.

Para compreender como formar a pessoa valorizando as características de integralidade, empatia e transcendência, Edith Stein busca a essência do gesto formativo. A pedagogia steiniana prevê a força da graça precedendo a natureza. A graça, assim, é vista como maior força formativa, pois é capaz de conduzir a pessoa a uma destinação não só natural, mas sobrenatural.

A pessoa assumida por Stein não é uma realidade imperfeita a ser superada, mas um *fiat* divino que, com sua singularidade, é capaz de ressoar os valores eternos. O papel da graça é transfigurador, vem ao encontro de um ser humano cooperativo e desejante do bom, do belo e do verdadeiro.

Para Stein, a autenticidade na educação está em formar a pessoa para que alcance os bens eternos, no exercício de sua liberdade e práxis do amor, em configuração com a Pessoa-Amor. Por isso, a pedagogia steiniana conduz a pessoa a adentrar o mistério divino em sua interioridade. A formação, na verdade, torna-se um esforço de formação,

envolvendo o gesto educativo, do meio externo, mas, também, na dialógica com a autoformação, em que o ser coopera com o processo de crescimento e interioridade.

A formação humana em Edith Stein não se limita ao antropocentrismo, mas seus estudos convergem ao teocentrismo, culminando na essência mística conforme Teresa de Jesus e João da Cruz. Para Edith, o ser humano deve ser visto a partir da revelação. Como pessoa, imagem de Deus Trindade, o ser só pode ser realmente formado “desde dentro”. Sem alcançar o núcleo, o cerne da pessoa, a alma humana, a formação integral, a empática e o transcendente não ocorrem. O ser humano será um mero reprodutor de saberes, um intelectual sem consciência profunda de si e do outro. Sem solidez, transitará de forma autorreferencial, a partir de circunstâncias, prazeres e aparências, não vivendo a plenitude, visto que estará dissociado do divino que habita em si.

Assim, a pedagogia steiniana permite o desenvolvimento da fé. A fé como uma adesão consciente e livre, que coloca o ser em um caminho de seguimento e de encontro com Deus Pessoal e próximo que lhe garante a plenitude do Sentido. A fé como maior certeza humana não despreza o conhecimento natural, mas garante-lhe o sentido.

Edith Stein aponta para uma antropologia teológica-pedagógica<sup>341</sup>. Versa também sobre a mística, ao sinalizar a contemplação da cruz de Cristo como maior gesto livre de amor realizado pela Pessoa Amor. Cristo é o Deus Encarnado, Morto e Ressuscitado, e conhecê-lo exige permitir um esvaziamento de si. Edith chega a afirmar que a verdadeira ciência, o verdadeiro saber, emana da Cruz de Cristo.

A concepção steiniana dos mistérios centrais da fé conduz à contemplação da pessoa de Jesus Cristo como o Amor que livremente fez-se Dom de si. Assim, a pessoa é chamada a participar desse Amor, respondendo livremente pelo dom que faz de si mesmo aos outros e ao próprio Deus. Edith Stein reconhece o valor da educação eucarística e a própria formação religiosa como fruto de uma experiência de vinculação com a graça, não reduzida ao esforço humano.

Concluindo, ressalta-se o valor e o rigor filosófico, teológico e pedagógico que constituem o pensamento antropológico steiniano. Suas concepções teóricas, articuladas ao

---

<sup>341</sup> Conforme encontramos em subtítulo: “Tarea de una antropología teológico-pedagógica” no último parágrafo do capítulo IX da obra “Estructura da pessoa humana” na tradução em espanhol. STEIN, E. Estructura de la Persona Humana. In: URKIZA, Julen; SANCHO, Francisco Javier. (Org.) *Obras Completas*. Vitoria: Ediciones El Carmen; Madrid: Editorial de Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2003. v. 4: Escritos antropológicos y pedagógicos. p. 749.

seu itinerário vital, revelam um expoente de considerável valor humano e científico, capaz de inspirar ainda mais pesquisas em busca de embasamento para o campo educacional, mas também por sua própria característica multidisciplinar, pois seus estudos abrangem uma pluralidade de áreas do conhecimento a serem mais exploradas.

Justamente por isso, a pesquisa steiniana ganha força e espaço no Brasil. A tematização iniciada na área da psicologia, seguindo para a filosofia, as ciências sociais e a teologia, no campo educacional ainda encontra-se restrita, mas já em expansão. Grupos de estudos têm divulgado e qualificado a dialógica da obra steiniana no Brasil, em universidades privadas e estatais, organizando seminários e simpósios multidisciplinares de porte nacional e internacional. Amplia-se significativamente a produção bibliográfica brasileira referentes aos estudos steinianos.

Se Edith Stein, a judia convertida que se tornou santa da atualidade, por seu martírio na Segunda Guerra, como Teresa Benedita da Cruz já é evocada por devoção, chega a hora de reconhecer, também, sua competência acadêmica, que aponta a luz da fé e a luz da razão como provenientes da mesma fonte.

## REFERÊNCIAS

- ALES BELLO, Angela. *A fenomenologia do ser humano: traços de uma filosofia no feminino*. Bauru: Edusc, 2000.
- ALES BELLO, Angela. *Introdução a fenomenologia*. Bauru: Edusc, 2006.
- ALES BELLO, Angela. Anima. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE ANTROPOLOGIA TEOLÓGICA, 1., 2016, Porto Alegre. **Anais eletrônicos...** . Porto Alegre: Edipucrs, 2016. p. 1-9. Disponível em: <<http://ebooks.pucrs.br/edipucrs/anais/seminario-internacional-de-antropologia-teologica/assets/2016/1.pdf>>. Acesso em: 04 jun. 2017.
- ALES BELLO, Angela. *Edith Stein: A Paixão pela Verdade*. Curitiba: Juruá, 2014.
- ALES BELLO, Angela. *Pessoa e Comunidade: Comentários: psicologia e ciências do espírito de Edith Stein*. Belo Horizonte: Artesã, 2015.
- ALFIERI, Francesco. *Pessoa Humana e singularidade em Edith Stein*. São Paulo: Perspectiva, 2014.
- BARREIRA, Cristiano R. A. A bela adormecida e outras vinhetas: a empatia, do corpo a corpo cotidiano à clínica. In: SAVIAN FILHO, Juvenal. (Org.). *Empatia: Edmund Husserl e Edith Stein: apresentações didáticas*. São Paulo: Edições Loyola, 2014. p. 53-93.
- BENTO XVI. *Carta do papa Bento XVI à diocese e à cidade de Roma sobre a tarefa urgente da formação das novas gerações*. 2008. Disponível em: <[w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/letters/2008/documents/hf\\_ben-xvi\\_let\\_20080121\\_educazione.html](http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/letters/2008/documents/hf_ben-xvi_let_20080121_educazione.html)>. Acesso em: 01 jun. 2017.
- \_\_\_\_\_. *Carta Encíclica Spe Salvi do Sumo Pontífice Bento XVI aos Bispos aos presbíteros e aos diáconos às pessoas consagradas e a todos os fiéis leigos sobre a esperança cristã*. 2007. Disponível em: <[http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/encyclicals/documents/hf\\_ben-xvi\\_enc\\_20071130\\_spe-salvi.html](http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/encyclicals/documents/hf_ben-xvi_enc_20071130_spe-salvi.html)>. Acesso em: 1 ago. 2017.
- \_\_\_\_\_. *Discurso do Papa Bento XVI: encontro com educadores católicos*. Washington. 17 abr. 2008. Disponível em: <[https://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2008/april/documents/hf\\_ben-xvi\\_spe\\_20080417\\_cath-univ-washington.html](https://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2008/april/documents/hf_ben-xvi_spe_20080417_cath-univ-washington.html)>. Acesso em: 12 ago. 2016.
- \_\_\_\_\_. *Viagem apostólica do Papa Bento XVI à Polônia: discurso do Santo Padre durante a visita ao campo de Concentração de Auschwitz-Birkenau*. 28 maio 2006. Disponível em: <[https://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2006/may/documents/hf\\_ben-xvi\\_spe\\_20060528\\_auschwitz-birkenau.html](https://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2006/may/documents/hf_ben-xvi_spe_20060528_auschwitz-birkenau.html)>. Acesso em: 19 maio 2017.
- BÍBLIA. Português. *A Bíblia de Jerusalém*. Nova edição rev. e ampl. São Paulo: Paulus, 2002.

CATECISMO da Igreja Católica. Petrópolis: Vozes; São Paulo: Loyola, 1993.

CELAM. *Documento de Aparecida*. Texto conclusivo da V Conferência Geral do episcopado Latino-Americano e do Caribe. Brasília: Edições CNBB; São Paulo: Paulinas; São Paulo: Paulus, 2008.

CNBB. *Estudos da CNBB*. São Paulo: Paulus, 1992. v. 47: Educação, Igreja e Sociedade.

\_\_\_\_\_. *Estudos da CNBB*. São Paulo: Paulus, 2016. v. 110: Pastoral da Educação: estudos para diretrizes nacionais.

CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. 1962-1965, Cidade do Vaticano. *Gaudium et Spes*: Documentos do Concílio Vaticano II. São Paulo: Paulus, 2001.

\_\_\_\_\_. *Gravissimum Educationis*: Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II. São Paulo: Paulus, 2001.

FERMÍN, Francisco Javier Sancho. *Una espiritualidad para hoy según Edith Stein*: 20 temas de estudio e reflexión. Burgos: Monte Carmelo, 1998.

\_\_\_\_\_. *Edith Stein, Modelo y Maestra de Espiritualidad*. Burgos: Monte Carmelo, 2005.

\_\_\_\_\_. *Orar con Edith Stein*. Bilbao: Desclée de Brouwer, 2012.

GARCIA, Jacinta Turolo. *Edith Stein e a formação da pessoa humana*. 2. ed. São Paulo: Edições Loyola, 1988.

GARCIA, J.; SCIADINI, P. *Edith Stein: Holocausto para seu povo*. São Paulo: Edições Loyola, 1987.

GOTO, Tommy Akira; GARCIA, Jacinta Turolo. A presença do pensamento de Edith Stein no Brasil: do começo até os anos de 2012. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE ANTROPOLOGIA TEOLÓGICA, 1., 2016, Porto Alegre. *Anais eletrônicos...* Porto Alegre: Edipucrs, 2016. p. 1-12. Disponível em: <<http://ebooks.pucrs.br/edipucrs/anais/seminario-internacional-de-antropologia-teologica/#!/trabalhos>>. Acesso em: 04 jun. 2017.

JESUS, T. Castelo Interior. In: SCIADINI, Patrício (Coord.). *Escritos de Teresa de Ávila: obras completas*. São Paulo: Carmelitas; São Paulo: Loyola, 2001. p. 431-588.

\_\_\_\_\_. Castelo Interior: primeiras moradas. In: SCIADINI, Patrício (Coord.). *Escritos de Teresa de Ávila: obras completas*. São Paulo: Carmelitas; São Paulo: Loyola, 2001. p. 441-452.

\_\_\_\_\_. Castelo Interior: segundas moradas. In: SCIADINI, Patrício (Coord.). *Escritos de Teresa de Ávila: obras completas*. São Paulo: Carmelitas; São Paulo: Loyola, 2001. p. 453-459.

\_\_\_\_\_. Castelo Interior: terceiras moradas. In: SCIADINI, Patrício (Coord.). *Escritos de Teresa de Ávila: obras completas*. São Paulo: Carmelitas; São Paulo: Loyola, 2001. p. 459-469.

\_\_\_\_\_. Castelo Interior: quartas moradas. In: SCIADINI, Patrício (Coord.). *Escritos de Teresa de Ávila: obras completas*. São Paulo: Carmelitas; São Paulo: Loyola, 2001. p. 470-487.

\_\_\_\_\_. Castelo Interior: quintas moradas. In: SCIADINI, Patrício (Coord.). *Escritos de Teresa de Ávila: obras completas*. São Paulo: Carmelitas; São Paulo: Loyola, 2001. p. 487-508.

\_\_\_\_\_. Castelo Interior: sextas moradas. In: SCIADINI, Patrício (Coord.). *Escritos de Teresa de Ávila: obras completas*. São Paulo: Carmelitas; São Paulo: Loyola, 2001. p. 508-565.

\_\_\_\_\_. Castelo Interior: sétimas moradas. In: SCIADINI, Patrício (Coord.). *Escritos de Teresa de Ávila: obras completas*. São Paulo: Carmelitas; São Paulo: Loyola, 2001. p. 565-586.

JOÃO PAULO II. *Carta Encíclica Fides et Ratio do Sumo Pontífice João Paulo II aos Bispos da Igreja Católica sobre as Relações entre Fé e Razão*. Roma, 14 set. 1998. Disponível em: <[http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf\\_jp-ii\\_enc\\_14091998\\_fides-et-ratio.html](http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_14091998_fides-et-ratio.html)>. Acesso em 19 jul. 2016.

\_\_\_\_\_. *Carta Encíclica Veritatis Splendor do Sumo Pontífice João Paulo II a todos os bispos da igreja católica sobre algumas questões fundamentais do ensinamento moral da Igreja*. 1993. Disponível em: <[http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf\\_jp-ii\\_enc\\_06081993\\_veritatis-splendor.html](http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_06081993_veritatis-splendor.html)>. Acesso em: 1 ago. 2017.

\_\_\_\_\_. *Homília do papa João Paulo II na cerimónia de canonização de Edith Stein*. 11 out. 1998. Disponível em: <[/w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/homilies/1998/documents/hf\\_jp-ii\\_hom\\_11101998\\_stein.html](http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/homilies/1998/documents/hf_jp-ii_hom_11101998_stein.html)>. Acesso em: 21 maio 2017.

\_\_\_\_\_. *Carta Apostólica em forma de “Motu Próprio” Spes Aedificandi para Proclamação de Santa Brígida da Suécia, Santa Catarina de Sena e Santa Benedita da Cruz Co-padroeiras da Europa*. Roma, 01 out. 1999. Disponível em: <[https://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/motu\\_proprio/documents/hf\\_jp-ii\\_motu-proprio\\_01101999\\_co-patronesses-europe.htm](https://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/motu_proprio/documents/hf_jp-ii_motu-proprio_01101999_co-patronesses-europe.htm)>. Acesso em 19 jul. 2016.

KORELC, M. O debate “realismo versus idealismo” em Husserl e Edith Stein. In: MAHFOUD, M.; SAVIAN FILHO, J. (Orgs) *Diálogos com Edith Stein: filosofia, psicologia, educação*. São Paulo: Paulus, 2017. p. 161–201.

KUSANO, Mariana Bar. *A Antropologia de Edith Stein: entre Deus e a filosofia*. São Paulo: Ideias & Letras, 2014.

LAVIGNE, Jean-François. Alma, corpo e espírito segundo Edith Stein: uma renovação fenomenológica do pensamento aristotélico-tomasiano. *Revista TQ: Teologia em Questão*, Taubaté, v. 15, p. 101-124, jul./dez. 2016.

MAHFOUD, Miguel; MASSIMI, Marina (Orgs.). *Edith Stein e a Psicologia: teoria e pesquisa*. Belo Horizonte: Artesã, 2013.

MAHFOUD, M.; SAVIAN FILHO, J. (Orgs) *Diálogos com Edith Stein: filosofia, psicologia, educação*. São Paulo: Paulus, 2017.

PARISE, Maria Cecília I. *As colorações da alma na análise da pessoa humana segundo Edith Stein*. 2014. 233 f. Dissertação (Mestrado em Filosofia)—Universidade Federal de São Paulo, São Paulo, 2014.

\_\_\_\_\_. Uma análise do masculino e do feminino segundo a antropologia de Edith Stein. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE ANTROPOLOGIA TEOLÓGICA, 1., 2016, Porto Alegre. Anais eletrônicos... Porto Alegre: Edipucrs, 2016. p. 1-29. Disponível em: <<http://ebooks.pucrs.br/edipucrs/anais/seminariointernacionaldeantropologiateologica/#!/trabalhos>>. Acesso em: 04 jun. 2017.

PAPA FRANCISCO. *Exortação Apostólica Evangelii Gaudium*. São Paulo: Paulinas, 2013.

\_\_\_\_\_. Visita ao Hospital São Francisco de Assis na Providência de Deus: discurso do santo padre. 24 jul. 2013. Disponível em: <[https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2013/july/documents/papa-francesco\\_20130724\\_gmg-ospedale-rio.html](https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2013/july/documents/papa-francesco_20130724_gmg-ospedale-rio.html)>. Acesso em: 1 ago. 2017.

[PREZADO professor...], [194-]. In: SOUZA, Emília Alves de. Ler, escrever e saber aritmética só serão importantes se fizerem nossas crianças mais humanas. *Rede Humaniza SUS*. 4 jun. 2016. Disponível em: <<http://redehumanizaus.net/94743-ler-escrever-e-saber-aritmetica-so-serao-importantes-se-fizerem-nossas-criancas-mais-humanas/>>. Acesso em: 1 ago. 2017.

RUS, Éric de. *Uma visão Educativa de Edith Stein: Aproximação a um Gesto Antropológico Integral*. Belo Horizonte: Artesã, 2015.

SAVIAN FILHO, Juvenal. A Antropologia filosófico-teológica de Edith Stein na história do conceito de pessoa. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE ANTROPOLOGIA TEOLÓGICA, 1., 2016, Porto Alegre. *Anais eletrônicos...* Porto Alegre: Edipucrs, 2016. p. 1-27. Disponível em: <<http://ebooks.pucrs.br/edipucrs/anais/seminariointernacionaldeantropologiateologica/#!/trabalhos>>. Acesso em: 04 jun. 2017.

\_\_\_\_\_. A trindade como arquétipo da pessoa humana: a inversão steiniana da analogia trinitária. *Revista Teologia em Questão*. Taubaté, v. 15, p. 293-315, 2016.

\_\_\_\_\_. A empatia segundo Edith Stein. In: SAVIAN FILHO, Juvenal. (Org.). *Empatia: Edmund Husserl e Edith Stein: apresentações didáticas*. São Paulo: Edições Loyola, 2014. p. 29-52.

\_\_\_\_\_. Edith Stein para além do debate “idealismo versus realismo”: notas de um estudo em construção. In: MAHFOUD, M.; SAVIAN FILHO, J. (Orgs) *Diálogos com Edith Stein: filosofia, psicologia, educação*. São Paulo: Paulus, 2017. p. 203-254.

\_\_\_\_\_. *Experiência mística e filosofia em Edith Stein*. Agnes: cadernos de pesquisa em teoria da religião. São Paulo, n. 6, p. 35-49, 2007.

\_\_\_\_\_. *Fé e razão: uma questão atual?* São Paulo: Edições Loyola, 2005.

SBERGA, Adair Aparecida. *A Formação da Pessoa em Edith Stein*. São Paulo: Paulus, 2014.

SBERGA, A. A.; MASSIMI, M. A formação da pessoa em Edith Stein. In: MAHFOUD, M.; MASSIMI, M. (Orgs.). *Edith Stein e a Psicologia: teoria e pesquisa*. Belo Horizonte: Artesã, 2013. p. 167–194.

SCIADINI, P. (Org.). *Edith Stein, na força da cruz: seleção de textos de Waltraud*. Vargem Grande Paulista: Cidade Nova, 2010.

STEIN, Edith. *A Ciência da Cruz: Estudo sobre São João da Cruz*. São Paulo: Edições Loyola, 1988.

\_\_\_\_\_. *Ser Finito y Ser Eterno: Ensayo de una ascensión al sentido del ser*. México: Fondo de Cultura Económica, 1996.

\_\_\_\_\_. *La struttura dela persona umana*. Roma: Città Nuova, 2000.

\_\_\_\_\_. Educación Eucarística. In: URKIZA, Julen; SANCHO, Francisco Javier. (Org.) *Obras Completas*. Vitoria: Ediciones El Carmen; Madrid: Editorial de Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2003. v. 4: Escritos antropológicos y pedagógicos. p. 149-157.

\_\_\_\_\_. El Intelecto y los intelectuales. In: URKIZA, Julen; SANCHO, Francisco Javier. (Org.) *Obras Completas*. Vitoria: Ediciones El Carmen; Madrid: Editorial de Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2003. v. 4: Escritos antropológicos y pedagógicos. p. 215-229.

\_\_\_\_\_. El Ethos de las profesiones femeninas. In: URKIZA, Julen; SANCHO, Francisco Javier. (Org.) *Obras Completas*. Vitoria: Ediciones El Carmen; Madrid: Editorial de Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2003. v. 4: Escritos antropológicos y pedagógicos. p. 159-176.

\_\_\_\_\_. *Escritos autobiográficos y cartas*. Madrid: Editorial de Espiritualidad/Vitoria; Monte Carmelo: Ediciones El Carmen/Burgos, 2002. (Obras Completas, 1).

\_\_\_\_\_. Estructura de la Persona Humana. In: URKIZA, Julen; SANCHO, Francisco Javier. (Org.) *Obras Completas*. Vitoria: Ediciones El Carmen; Madrid: Editorial de Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2003. v. 4: Escritos antropológicos y pedagógicos. p. 555-749.

\_\_\_\_\_. Formación de la Juventud a la Luz de la Fe Católica. In: URKIZA, Julen; SANCHO, Francisco Javier. (Org.) *Obras Completas*. Vitoria: Ediciones El Carmen; Madrid: Editorial de Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2003. v. 4: Escritos antropológicos y pedagógicos. p. 421-445.

\_\_\_\_\_. Fundamentos Teóricos de la Labor Social de Formación. In: URKIZA, Julen; SANCHO, Francisco Javier. (Org.) *Obras Completas*. Vitoria: Ediciones El Carmen; Madrid: Editorial de

Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2003. v. 4: Escritos antropológicos y pedagógicos. p. 127- 148.

\_\_\_\_\_. La colaboración de los centros conventuales en la formación religiosa de la juventud. In: URKIZA, Julen; SANCHO, Francisco Javier. (Org.) *Obras Completas*. Vitoria: Ediciones El Carmen; Madrid: Editorial de Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2003. v. 4: Escritos antropológicos y pedagógicos. p. 111-125.

\_\_\_\_\_. Los Tipos de Psicología y su Significado para la Pedagogía. In: URKIZA, Julen; SANCHO, Francisco Javier. (Org.) *Obras Completas*. Vitoria: Ediciones El Carmen; Madrid: Editorial de Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2003. v. 4: Escritos antropológicos y pedagógicos.p. 89-95.

\_\_\_\_\_. Qué es el Hombre? La Antropología de la Doctrina Católica de la Fe. In: URKIZA, Julen; SANCHO, Francisco Javier. (Org.) *Obras Completas*. Vitoria: Ediciones El Carmen; Madrid: Editorial de Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2003. v. 4: Escritos antropológicos y pedagógicos. p. 753-986.

\_\_\_\_\_. Sobre el Concepto de Formación. In: URKIZA, Julen; SANCHO, Francisco Javier. (Org.) *Obras Completas*. Vitoria: Ediciones El Carmen; Madrid: Editorial de Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2003. v. 4: Escritos antropológicos y pedagógicos. p. 177-194.

\_\_\_\_\_. Verdad y claridad en la enseñanza y en la educación. In: URKIZA, Julen; SANCHO, Francisco Javier. (Org.) *Obras Completas*. Vitoria: Ediciones El Carmen; Madrid: Editorial de Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2003. v. 4: Escritos antropológicos y pedagógicos. p. 61-70.

\_\_\_\_\_. Vida cristiana de la mujer. In: URKIZA, Julen; SANCHO, Francisco Javier. (Org.) *Obras Completas*. Vitoria: Ediciones El Carmen; Madrid: Editorial de Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2003. v. 4: Escritos antropológicos y pedagógicos. p. 195-213.

\_\_\_\_\_. Caminos del conocimiento de Dios. In: URKIZA, Julen; SANCHO, Francisco Javier. (Org.) *Obras Completas*. Vitoria: Ediciones El Carmen; Madrid: Editorial de Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2004. v. 5: Escritos espirituales. p. 123-181.

\_\_\_\_\_. El Castillo interior. In: URKIZA, Julen; SANCHO, Francisco Javier. (Org.) *Obras Completas*. Vitoria: Ediciones El Carmen; Madrid: Editorial de Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2004. v. 5: Escritos espirituales. p. 79-106.

\_\_\_\_\_. El Misterio de la navidad. In: URKIZA, Julen; SANCHO, Francisco Javier. (Org.) *Obras Completas*. Vitoria: Ediciones El Carmen; Madrid: Editorial de Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2004. v. 5: Escritos espirituales. p. 479-490.

\_\_\_\_\_. El Problema de la Empatía. Madrid: Editorial Trotta, 2004.

\_\_\_\_\_. Novena de Pentecostés. In: URKIZA, Julen; SANCHO, Francisco Javier. (Org.) *Obras Completas*. Vitoria: Ediciones El Carmen; Madrid: Editorial de Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2004. v. 5: Escritos espirituales. p. 769-775.

\_\_\_\_\_. Una maestra en la educación y en la formación: Teresa de Jesús. In: URKIZA, Julen; SANCHO, Francisco Javier. (Org.) *Obras Completas*. Vitoria: Ediciones El Carmen; Madrid: Editorial de Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2004. v. 5: Escritos espirituales. p. 53-78.

\_\_\_\_\_. O que é filosofia? Um diálogo entre Edmund Husserl e Tomás de Aquino. *Scintilla: Revista de filosofia e mística medieval*. Curitiba, v. 2, n. 2, p. 71-99, jul./dez. 2005.

UNESCO. *Educação: um tesouro a descobrir*. Brasília, 2010. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0010/001095/109590por.pdf>>. Acesso em: 15 jun. 2017.

ZILLES, Urbano. A Antropologia em Edith Stein In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE ANTROPOLOGIA TEOLÓGICA, 1., 2016, Porto Alegre. **Anais eletrônicos...** Porto Alegre: Edipucrs, 2016. p. 1-27. Disponível em: <<http://ebooks.pucrs.br/edipucrs/anais/seminario-internacional-de-antropologia-teologica/#!/trabalhos>>. Acesso em: 04 jun. 2017.

#### BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

BURGOS, Juan Manuel. *Antropología: una guía para la existencia*. Madrid: Palabra, 2003.

\_\_\_\_\_. *Introducción al personalismo*. Madrid: Palabra, 2012. 160-186.

CARNEIRO, Suzana Filizola B. Vivência Comunitária em Edith Stein. *Kairós: Revista Acadêmica da Prainha, Fortaleza*, v. 8, n. 2, p. 271–288, jul/dez. 2011.

SOUSA, Maria Celeste de *et al.* A pessoa humana em Edith Stein. I Simpósio Internacional de Filosofia. *Kairós: Revista Acadêmica da Prainha, Fortaleza*, v. 8, n. 2, p. 235–246, jul/dez. 2011.

MUÑOZ, Rúben Sánchez. Edith Stein. Las etapas de su evolución personal e intelectual. *Revista Iberoamericana de Personalismo Comunitario*, Córdoba, v. 22, n. 8, p. 39-48, abr. 2013.

OLIVEIRA, Maria de Lourdes Ganzarolli de. *Edith Stein e o Sentido da Vida*. Rio de Janeiro: Presença Edições, 1989.

PERETTI, Clélia. Edith Stein e as questões de gênero: perspectiva fenomenológica e teológica. In: *Repositório Faculdades EST- base de teses e dissertações*. Disponível em: <[http://dspace.est.edu.br:8080/xmlui/bitstream/handle/BRSIFE/109/peretti\\_c\\_td86.pdf?sequence=1&isAllowed=y](http://dspace.est.edu.br:8080/xmlui/bitstream/handle/BRSIFE/109/peretti_c_td86.pdf?sequence=1&isAllowed=y)>. Acesso em: 26 jul. 2017.

PIVATTO, Pergentino Stefano. Visão de homem na educação e o problema da humanização. *Educação*, Porto Alegre, v. 30, n. 2, p. 337–363, maio/ago. 2007. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/view/562>>. Acesso em: 30 jun. 2017.

QUINTÁS, Alfonso López. *Cuatro filósofos em busca de Dios*. Madrid: Rialp, 1999.

SANTOS, Maria Célia. O Envolvimento do Ser Infinito no Ser Finito: Uma Abordagem sobre o sentido do ser em Edith Stein. *Kairós: Revista Acadêmica da Prainha, Fortaleza*, v. 8, n. 2, p. 289–305, jul./dez. 2011.

SOARES, Marly C.; FARIAS, Moisés R. Fundamento Antropológico para uma Pedagogia Integral. *Kairós: Revista Acadêmica da Prainha, Fortaleza*, v. 8, n. 2, p. 356–368, jul./dez., 2011.

VAZ, Mário. *Edith Stein, uma síntese dramática do séc.XX*. Marco do Canaveses: Edições Carmelo, 1998.

ZILLES, Urbano. *Antropologia Teológica*. São Paulo: Paulus, 2011.

\_\_\_\_\_. *Pessoa e Dignidade Humana*. Curitiba: Editora CRV, 2012.